MAY 21 1925

VOLUME 15.º N.os 1 a 4 1912

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Portuguès

SUMMARIO

O estudo das tradições populares nos paizes romanicos, por F. Adolfo Coelho: 1.
Falas e tradições do distrito de Viana do Castelo, por Cláudio Basto:
a) *Vocabulario:* 71 — b) *Adivinhas:* 76 — c) *Cantigas:* 77 — d) *Comparações populares:* 81 — *Rimas, estribilhos e ditados:* 82 — f) *Frases do povo:* 84 — g) *Superstições:* — 85 — h) *Praticas religiosas:* 89 — i) *Teatro:* 93 — j) *Festas tradicionaes:* 101.
Vocabulario Alemtejano, por A. Thomás Pires: 103.
Costumes e festas populares dos seculos XV e XVI *(Documentos)*, por Pedro d'Azevedo: 112.
Cantigas dos "Setes,,, por D. Maria Angelica Furtado de Mendonça: 145.
Textos antigos portuguezes, por J. J. Nunes: 177.
Investigações ethnographicas, por A. Thomás Pires: 236.
Sobre um verso de Gil Vicente, por Lopes de Mendonça, D. Carolina Michaëlis e Oscar de Pratt: 268.
Etnografia alemtejana, pelo P.e Cunha Brito: 290.
Locuções petrificadas, por Oscar de Pratt: 312.
Contos populares d'Evora, por Bernardino Barbosa: 325.
Vocabularios de varios concelhos do distrito de Vila Real, por A. Gomes Pereira: 333.
Miscellanea: *Rogerio Bacon*, por J. J. Nunes: 173 — *Sobre dois ditados que se completam um ao outro*, por Cláudio Basto: 173 e 361 — *Falar português do Brazil*, por Silvio d'Almeida: 359 — *A lingua portuguesa no parlamento:* 357 — *Mais palavras do tipo «Sua torre»*, por A. Gomes Pereira: 359 — *A palavra «escrivaninha»*, por J. L. de V.: 359 — *O verbo «desgostar»*, por J. L. de V.: 359.
Chronica, por J. L. de V.: 175.
Bibliographia:
PERIODICOS: *Bulletin Hispanique*, por J. L. de V.: 360. — *Modern Language Notes*, por J. L. de V.: 360. — *Zeitschrift für romanische Philologie*, por J. L. de V.: 360. — *Bulletin de Dialectologie Romane*, por J. L. de V.: 360.
LIVROS: *Textos Archaicos*, por O. Nobiling: 361.
VARIA QUAEDAM, por J. L. de V.: 176.
Necrologia:
Oscar Nobiling, por J. L. de V.: 366.

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
de A. M. Teixeira
Praça dos Restauradores, 20
1912

REVISTA LUSITANA

VOL. XV 1912 N.os 1-2

Spanish
Lish.
5-12-25
11303

O estudo das tradições populares nos paises romanicos [1]

I

O estudo das tradições populares em França

A França só lentamente foi entrando no movimento de estudos iniciados pelas nações d'alem Rheno. As causas d'este phenomeno com relação ás tradições populares foram indicadas por um dos mais notaveis homens de sciencia que hoje possue aquelle país, com a penetração que o distingue. «O estudo d'esses monumentos de uma archeologia especial, diz Gaston Paris, no prefacio das *Devinettes* de E. Rolland, foi inaugurado noutros países, especialmente na Allemanha e nos países slavos, sob a influencia do sentimento nacional mais ainda que da pura curiosidade scientifica. A grande reacção contra uma civilização em excesso uniforme e em excesso puramente racional que assignalou o começo do nosso seculo, achou nesse facto uma das suas expressões. A França tomou fraca parte nesse movimento: elle não podia ter para um país fortemente unificado e profundamente penetrado das idéas de civilização geral o mesmo interesse e o mesmo valor que para as nacio-

[1] [Este trabalho appareceu a lume pela primeira vez em 1882 e em 1883 em varios numeros do *Jornal do Commercio* de Lisboa. Pela sua importancia merece ser mais accessivel aos estudiosos do que o é num jornal, de sua natureza ephemero, e que só hoje se encontrará na Bibliotheca Nacional; por isso pedi ao auctor permissão para aqui o reproduzir, a qual elle me concedeu da melhor vontade, prontificando-se, de mais a mais, a rever as provas typographicas, embora sem alterar a fórma e caracter primitivos, e a enriquecê-lo de um appendice. Para satisfação dos leitores informo-os de que o Sr. Dr. F. Adolfo Coelho continuará a dar á *Revista Lusitana* a sua sábia collaboração. — J. L. DE V.]

nalidades ainda hesitantes que buscavam ás apalpadellas formar uma consciencia historica, e além d'isso pertencia a um conjuncto de sentimentos dirigidos contra o predominio francês. Comprehendeu-se melhor a importancia d'essas questões quando ellas entraram na phase puramente scientifica, quando a comparação das diversas litteraturas populares fez enunciar o problema complexo da sua origem e relações».

Como nos outros países romanicos, começou-se na França pela collecionação dos cantos populares. Antes da guerra franco-prussiana achavam-se publicadas, entre outras, as collecções de Damase Arbaud (Cantos da Provença,) Eugène de Beurepair (Normandia), Buchon (Franche-Conté,) Jerôme Bujeaud (provincias do Oeste), e Tarbé (Champagne). Para o estudo das outras tradições havia muitos materiaes, pela maior parte espalhados, e muitos colhidos com pouco criterio: faltava completamente uma obra de conjuncto que se pudesse pôr ao lado dos trabalhos dos Grimms, Kuhn e Schwartz, ou mesmo de collectores allemães mais modestos, como Zingerle, Bechstein, Proehle, Rochholz e muitos outros.

Uma das causas que mais contribuiram para a collecionação das poesias populares a que alludimos foi a importancia que lhes fez dar o ministro de Napoleão III, Fortoul, quando concebeu o projecto de publicar uma collecção geral e official d'essas canções.

Depois da guerra franco-prussiana, no movimento geral scientifico em que os espiritos elevados vêm o unico meio de evitar os males que podem continuar a affligir a França, o estudo das tradições populares não podia ser esquecido; a *Romania*, fundada em 1872 por Gaston Paris e Paul Meyer, com o fim de promover os estudos das litteraturas romanicas medievaes e populares, ia dar um impulso consideravel àquelle estudo, que os dois redactores já anteriormente tinham começado a promover noutra publicação importante, fundada tambem por elles, a *Revue critique*. Em 1866 (22 de maio) publicou nesta Gaston Paris um artigo em que se acha indicado o methodo a seguir nas colleções de cantos populares e na mesma ha muitos artigos em que se dão excellentes conselhos aos colleccionadores d'outros generos populares.

A *Romania* tem inserido numerosos artigos de litteratura popular ou estudo comparado das tradições populares; mencionaremos entre outros os *Contes lorrains* de E. Cosquin, a que eruditissimas notas comparativas dão um valor particular, comquanto haja nellas falta de methodo e só possam ser consideradas como materiaes; um artigo de Milá y Fontanals sobre *La poesia popular gallega*, numerosos estudos de Gaston Paris sobre a litteratura novellistica; de Jules Cornu, *Can-*

tos e contos da Gruyère; de Victor Smith, tradições do Velay; e muitos outros, cuja lista seria longa.

Ultimamente duas acreditadas casas editoras de Paris emprehenderam collecções de tradições populares. Ernest Leroux publica *Collection de contes et chansons populaires,* em que saiu já, entre dois volumes de contos gregos e albaneses, um intitulado *Le romancero portugais,* do conde de Puymaigre. Maisonneuve & C.ª publicam: *Les littératures populaires de toutes les nations* (contos, lendas, cantos, proverbios, adivinhas, superstições).

Tem contribuido bastante para o estudo das tradições, especialmente do sul da França, a valiosa *Revue des langues romanes,* publicada pela Sociedade das linguas romanicas, que tem a séde em Montpellier.

Entre as diversas publicações relativas ás tradições populares francesas occupam um logar de primeira ordem as de M. Eugène Rolland. Já aqui fallámos das *Devinettes* publicadas por este investigador. Ha dias recebemos o VI e ultimo volume da sua *Faune populaire de la France,* publicada por Maisonneuve & C.ª, a qual deve ser seguida da *Flora popular* e d'outras obras abrangendo todo o dominio das tradições populares. Os volumes anteriores d'essa obra, cujo plano o autor continua a seguir, foram já objecto de diversos reparos da critica, concorde no resto em louvar o zelo do investigador e a riqueza dos materiaes que reuniu. M. Rolland dá-nos a proposito de cada animal a sua classificação zoologica, os nomes vulgares nos diversos dialectos da França e ainda em muitas linguas fóra da França, no que ha muitas oscillações, e faltas, resultantes do autor não ter bem delimitado o seu campo, as phrases, proverbios, lendas, contos e superstições em que figura cada um dos animaes mencionados, não só na tradição francesa, mas tambem nas d'outras nações; e por vezes dá-nos ainda mais do que indicam essas secções mencionadas no frontespicio do livro, entrando frequentes vezes nos dominios da zootechnia, e chegando até aqui a considerações praticas, como por exemplo, a proposito do costume de fazer puxar os bois pelas pontas. No artigo *Bos domesticus* temos ainda a terminologia tauromachica hespanhola. Os jogos, os cantos populares allusivos a animaes occupam na obra o logar que de direito lhes pertence no plano do autor.

Com a vastidão d'esse plano, o autor sujeitava-se necessariamente a ser muito mais incompleto do que se o tivesse traçado com estreitos limites. Na parte não francesa temos muitas vezes apenas amostras, que, como taes, não dispensam novas investigações. A parte francesa é, porém, muito completa, comquanto ainda aqui não seja difficil aos que são versados nestes assumptos indicar lacunas.

No artigo do *Caracol* não achamos, por exemplo, menção d'uma tradição muito curiosa e muito espalhada. Charles Nisard, na sua *Historia da litteratura de cordel* (I, 145-147), extraiu d'um almanach do seculo XVII a disputa dos homens d'armas e d'uma mulher contra o caracol. Uma estampa representa o caracol numa torre no acto de ser atacado pelos homens d'armas com a mulher atrevida á frente. Á intimação de sair d'aquelle logar, responde entre outras coisas o caracol:

Si ces gens-d'armes là s'approchent,
Ils en auront sur leurs caboches:
Mais je pense en bonne foi
Qu'ils tremblent de grand peur de moi.

Nalgumas tradições recolhidas na *Faune populaire* o caracol figura tambem de fanfarrão, como aqui.

Os romanistas G. Baist e A. Tobler reuniram (*Zeitschrift fuer romanische Philologie* II, 303-306 e III, 88-102) numerosas allusões a essa tradição, a proposito de uma phrase do antigo francês *assaillir la limace*, accommetter o caracol, fazer um acto heroico comparavel ao dos sete alfaiates contra a aranha, da tradição portuguesa, expressão que, como veremos, se liga á tradição do caracol.

Num canto allemão narra-se o combate dos alfaiates contra o caracol: este estende as pontas, e os heroes da agulha fogem de susto.

Noutra variante da tradição figura, em logar do caracol, a lebre, a *lepus timida*, o typo tradicional da cobardia, que, segundo o povo diz (*Faune populaire* I, 87), tendo um dia passado por um sitio onde as rãs estavam ao sol, vendo-as recolher ao pantano proximo, se riu com tanta satisfação de se vêr temida, que se lhe fendeu o labio. O mais cobarde é fanfarrão no momento propicio.

Nos *Contos* dos irmãos Grimms acha-se o dos *Sete suabos*. Os sete valentes vão pelo mundo com uma lança, uma unica lança empunhada por todos elles conjunctamente; depois de um grande susto causado por o zumbido de um besouro, viram num campo uma lebre que dormia com os olhos abertos e as orelhas erguidas. Os sete depois de se terem animado mutuamente e de terem pensado que está alli o diabo em pessoa, ou a mãe ou o cunhado d'elle, avançam; o da frente, o mais animoso, solta um grito, o animal foge, e os valentões reconhecem que era uma lebre.

Numa versão hollandesa, citada por J. Grimm, os heroes ouvem um besouro, que julgam ser o tambor do inimigo, como na versão dos

Sete suabos; e deitam a fugir. O que ia atrás toca com a ponta da orelha numa vara, plantada no caminho, e grita: «Rendo-me!» e os que iam adiante, ouvindo-o, gritam tambem: «Quartel, quartel!»

Em Portugal conta-se um caso similhante. No tempo dos franceses (isto é, da invasão das tropas napoleonicas) um valente da Idanha fugiu quando ouviu a noticia da aproximação das tropas; como o rabicho lhe batia nas costas, julgou serem franceses ás contas com elle, e gritou que se rendia.

Na Ajuda ha uma salva, de que vimos uma reproducção photographica, em que se figura o combate contra o caracol. A origem d'aquella representação parece ser desconhecida dos nossos archeologos.

É facil de ver por estas rapidas indicações que a tradição dos sete alfaiates contra a aranha é uma simples variante do conto do ataque do caracol ou da lebre. A substituição de um animal bellicoso, como a aranha, aos poltrões e fanfarrões, como o caracol e a lebre, fez perder ao conto uma parte da sua fina satira. No Fundão havia um divertimento popular consistindo num andor com uma aranha de arame, diante da qual avançavam e recuavam os alfaiates com as tesouras abertas.

A occupação dos alfaiates, a sua posição no trabalho, hoje modificada, fê-los considerar como efeminados e cobardes. O espirito popular não os poupou. O sr. Leite de Vasconcellos colligiu versos populares allusivos á nossa tradição, taes como:

Dois mil e quinhentos alfaiates
Todos postos em campanha,
Com as tesouras abertas
Para matar uma aranha.

Colligimos os seguintes, em que a classe não é mais bem tratada:

A' que d'el-rei! quem acode
Ao fogo de Santarem!
Acudam os alfaiates
Em quanto os homens não vem!

Alfaiates não são homens,
Nem se lhe podem (sic) chamar;
Em perdendo uma agulha,
Põem-se logo a chorar.

Semeei no meu quintal
O brio dos alfaiates:
Nasceu-me uma parreirinha
Rodeada de bonifrates.

Comprehende-se facilmente a alegoria da ultima quadra, cuja responsabilidade fica ao seu autor — *o anonymo.*

Póde perguntar-se agora d'onde veiu, onde e como surgiu essa curiosa tradição?

Os mythologos d'alta escola podem ver nos *sete*, por exemplo, os 7 planetas, na aranha, ou mesmo no caracol o sol, ou explicarem por qualquer outra fórma, mas sempre com a chave solar, o conto. O caso nada teria de extraordinario. Baist cita um autor francês que em 1850 descreveu uma illuminura do seculo XIII, representando um homem a retesar o arco contra um caracol no acto de este se estender para fóra da casca, e que commentou o assumpto dizendo que elle era «certamente allusivo á resurreição!»

Um dos fundadores da mythologia scientifica, Ottfried Mueller, escreveu que logo que se reduziu um mytho á sua forma fundamental elle se explica por si. Ora a nossa tradição na sua forma mesmo moderna é tão simples, que quem não vê nella um producto immediato do espirito e observação populares, não comprehenderá nada do que é esse espirito e essa observação. O nosso conto podia até reproduzir-se independentemente de transmissão. Os dados que possuimos não nos permittem determinar onde primeiro elle appareceu.

Se a mania de tudo explicar por mythos astronomicos, especialmente solares, leva a ridiculos exageros, não menos arriscada é a tendencia para querer atribuir a determinadas origens ethnicas as tradições, o que só é possivel fazer, com dados complexos, em certo numero de casos particulares.

Um escritor na *Academy* (n.º 473) transcreve o seguinte proverbio gaelico:

Tres vezes a edade do cão, edade do cavallo;
Tres vezes a edade do cavallo, edade do homem;
Tres vezes a edade do homem, edade do gamo;
Tres vezes a edade do gamo, edade da aguia;
Tres vezes a edade da aguia, edade do carvalho.

O articulista diz-nos que este proverbio tem indubitavelmente o cunho celtico; e cita para prova um parallelo kymrico, com o nome do bardo Iolo Goch, e uma versão irlandesa.

Ora todos nós conhecemos a versão portuguesa:

Uma sebe dura tres annos,
Tres sebes um cão,
Tres cães um cavallo,
Tres cavallos um homem,
Tres homens um corvo,
Tres corvos um elephante.

Mr. Rolland transcreve a seguinte versão veneziana:

Tre sievi dura un can,
Tre cani dura un cavalo,
Tre cavai dura un omo,
E tre omeni dura un corvo.

Se mais procurassemos, mais espalhado achariamos o proverbio, cuja origem celtica, asseverada no começo, apenas sobre a presumpção de que elle tem o *cunho celtico*, se torna mais que problematica. É verdade que houve celtas sobre o Adriatico; é verdade que os houve em Portugal; mas basta isto para asseverar alguma coisa, quando nós achamos os mesmos proverbios espalhados por toda a Europa, para não fallar nos que andam espalhados pelo mundo inteiro? A nós apraz-nos achar sabor iberico ao proverbio português, e sabor italico ao veneziano; deixemos a plena liberdade ao douto *folklorista* inglez, o sr. Fitzegerald, de continuar a achar-lhe sabor celtico. Se este lhe veiu dos *numeros*, d'aquella arithmetica particular, tambem podemos indicar, na peninsula iberica, outros typos do genero: por exemplo, a enumeração no famoso canto apocrypho de Altabiscar, os jogos numerativos, etc.

Collecções feitas com o zelo e consciencia das de M. Rolland são os instrumentos necessarios do trabalho serio, que um dilettantismo facil em vão suppõe poder dispensar, não chegando por isso senão a estabelecer theses ephemeras. O escriptor francês absteve-se tão completamente de toda a theoria, e, em geral, de toda a explicação, que a sua sobriedade chega a parecer-nos excessiva.

II

O estudo das tradições populares na Italia

O estudo e colleccionação das tradições populares, cujo valor, como documentos historicos, ethnologicos e psychologicos, está hoje geralmente reconhecido, vae alcançando grande extensão em toda a Europa.

Esse estudo em verdade não é novo. Na França, por exemplo, encontramos collecções de proverbios, poesias populares, lendas, superstições, etc. que remontam á edade média. Na Hespanha o celebre marquês de Santilhana, um dos espiritos mais notaveis do seculo XV, reuniu os *Refranes que dicen las viejas tras el fuego*. Hernan Nuñez publicou em 1555 os seus *Refranes*, contendo proverbios em diversos dialectos peninsulares, entre os quaes se acha o português, e nesse seculo salvam-se nos *Romanceros* muitas das perolas da epopea castelhana [1]. Só no seculo XVII é que em Portugal appareceram collecções de proverbios, a independente de Antonio Delicado (1651) e a reunida, com a traducção latina, por Bento Pereira á sua *Prosodia*. Em França, no seculo XVII, Ducange no seu immenso *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, em que os nomes são apenas um pretexto para o *estudo das coisas*, reune numero considerabilissimo de documentos relativos aos costumes e ás crenças populares na edade media.

Na Inglaterra no seculo XVIII, Brand compila com singular diligencia e erudição, mas de modo um tanto indigesto, as suas *Popular antiquities*. Bluteau, entre nós, enriquece o seu *Vocabulario* com grande copia de proverbios colligidos da tradição oral, noticias de costumes, festas populares, de jogos de rapazes e até algumas rimas infantis. Fr. João Pacheco, rhapsodista de Bluteau, no seu *Divertimento erudito*, augmenta alguma coisa com relação aos jogos infantis. Citamos só alguns factos bibliographicos, e exclusivamente dos que se referem a uma collecionação das tradições sem fim utilitario, legal ou religioso, como se dá nos *indiculi superstionum*, nos livros dos medicos, nos processos inquisitoriaes e civis, na legislação, etc.

Muitos dos grandes espiritos dos seculos XVI, XVII e XVIII, além dos eruditos já mencionados, reconheceram, sob um ou outro ponto de vista, o valor das tradições populares. Luthero dizia que não se privaria por nenhum ouro do mundo das historias maravilhosas que ouvira na sua infancia, e Leibniz falla da aguda e inimitavel força d'invenção que se acha nos jogos tradicionaes. Mas só em o nosso seculo, e depois dos trabalhos dos celebres philologos allemães Jacob e Guilherme Grimm, é que o estudo das tradições populares entrou numa phase verdadeiramente scientifica, e a sua importancia foi reconhecida sob todos os aspectos. O movimento iniciado na Allemanha propagou-se primeiramente aos países scandinavos e slavos, em que se formaram grandes collecções

---

[1] Sobre os *Refraneros*, vid. D. José Amador de los Rios, *Hist. crit. de la lit. esp.* II, 582 ss.

dos diversos ramos das tradições populares e se lhes consagraram valiosos trabalhos de comparação e de interpretação.

As nações romanicas foram as ultimas a seguir esse movimento, pelo menos em toda a sua extensão, porque não desappareceu nunca completamente nellas o interesse pela vida intellectual e moral do povo, tal como se reflete na sua poesia epica e lyrica, crenças, costumes, festas, lendas, cantos, proverbios e enigmas. A Italia foi a primeira a entrar nesse movimento e é, das nações romanicas, a que nessa direcção mais tem feito em menos tempo. Bastaria conhecer as duas colleções *Canti e racconti del popolo italiano*, pubblicati per cura di D. Comparetti ed. A. d'Ancona (ed. Ermanno Loescher) e a *Biblioteca delle tradizioni popolari siciliane*, per cura di Giuseppe Pitré (Palermo, Pedone Lauriel, editore) para ter idéa das riquezas desenterradas pelos investigadores italianos do solo da tradição; mas o numero de volumes e principalmente de folhetos que elles teem publicado nestes ultimos annos sobre a materia, um tanto desordenadamente, em verdade, além d'essas colleções, é consideravel; ha tambem muitos materiaes espalhados pelos jornaes e foi emprehendida até a publicação de duas revistas especiaes: *Rivista di letteratura popolare*, diretta da G. Pitré e F. Sabatini, que não sobreviveu ao primeiro anno, e *Archivio per lo studio delle tradizioni popolari, rivista trimestrale diretta* da G. Pitré e S. Salomone-Marino, que se começou a publicar este anno em Palermo e á qual desejamos melhor sorte que á primeira.

A Italia não possue só colleccionadores de tradições populares: conta alguns eruditos de primeira ordem em materia d'estudo comparativo, e historico d'essas tradições; taes são d'Ancona, Comparetti e Pio Rajna. O estudo sobre as *Sacre rappresentazioni* e as fontes do *Novellino* do primeiro, sobre o *Livro de Sendebad* (ou dos sete sabios) e *Vergilio nel medio-evo* do segundo, sobre as epopeas cavalheirescas e as fontes do *Orlando* do terceiro, além de muitos outros trabalhos dos mesmos dão a elevada medida do seu largo saber e raro engenho. Ao douto reitor da Universidade de Pisa, Emilio Teza, devemos alguns estudos comparativos sobre contos populares, aos quaes o vasto conhecimento de linguas que o seu auctor possue dá um valor particular.

De G. Pitré, o sympathico doutor siciliano, inquestionavelmente o mais activo de todos os collecionadores italianos, recebemos ultimamente as seguintes publicações: *Catalogo e descrizione di costumi e utensilii siciliani mandati alla esposizione industriale italiana di Milano* 1881 (4.º Palermo, 1881); *Delle tradizioni cavalleresche in Sicilia, brevi cenni per l'espozisione industriale italiana di Milano* 1881 (4.º Palermo 1881); *Biblioteca delle trad. pop. siciliane*, vol. XII; *Spettacoli e Feste* (Palermo 1881, 8.º); *Il Vespro siciliano nelle tradizioni popolari della*

Sicilia (Ibid. 1882, 8.º). As duas primeiras publicações, simples opusculos, mostram como o elemento popular, ethnographico, vae penetrando nas exposições, e attrahindo portanto o interesse publico; essas publicações de Pitré devem ser tomadas em consideração, quando entre nós se trate de uma exposição do mesmo genero. O que figurou na exposição das industrias caseiras, organizada pela Sociedade de instrucção do Porto, representou muito pouco, a julgar pelos jornaes, o elemento verdadeiramente popular.

O volume XII da *Biblioteca* de G. Pitré é não menos interessante que os precedentes, e feito com egual zelo e amor do completo. Ha ali parallelos para quasi todas as festas do povo português, assim como dos outros da Europa, cujas tradições são communs. O douto e intelligente collector não evitou, porém, completamente um escolho que este volume offerecia. Nos volumes da poesia, dos contos e dos proverbios, Pitré tinha que reproduzir fielmente as palavras do povo, o que elle fez sempre, juntando variantes, e inserindo notas muito valiosas de diversa materia; mas aqui tratava-se de descrever, contar com as proprias palavras do collector, que se transformava em autor.

Havia dois systemas a escolher: ou o collector descrevia á maneira do que fazem em geral os viajantes, etc. as festas e costumes do povo, em discurso seguido, buscando o tom pittoresco e soccorrendo-se, portanto, das minudencias, dos accidentes que completam o quadro; ou, pondo de parte tudo o que é secundario, accidental, indicava apenas os pontos essenciaes, os que interessam á sciencia e ao estudo comparado, historico e genetico das tradições, e indicava-os em paragraphos destacados, numerados até, para maior commodidade. Em a nossa *Revista de ethnographia e de glottologia* seguimos o segundo systema, adoptado por homens como Adalbert Kuhn; é o systema que convem quando se attende só ao valor d'essas tradições para a sciencia e se quer ministrar aos especialistas materia commodamente disposta para os seus estudos. Pitré, que attendeu, sem duvida a um publico geral, quis evitar a seccura da enumeração e dá-nos assaz minuciosas descripções, que podem impacientar, por vezes, os que querem ver a medulla das coisas e não teem muito tempo para estar a quebrar o osso. Muitas das particularidades referidas por Pitré teem, além d'isso, caracter mais ecclesiastico, ou que revela influencia ecclesiastica, que verdadeiramente popular.

Nos diversos volumes da sua magnifica *raccolta* tem tido G. Pitré occasião de explicar numerosas allusões a factos historicos que se encontram nessa litteratura popular. O povo siciliano é vivo, intelligente, interessado pelas coisas do passado, como pelas do presente. Quando, ha alguns annos, um certo numero de homens de sciencia, entre os

quaes havia Renan e Gaston Paris, se reuniram em Palermo, num congresso improvisado, o povo siciliano saudou-os pelas estradas, clamando: «Vivam os sabios!» A vivacidade caracteristica dos antigos siceliotes não abandonou ainda os seus modernos representantes: exemplo não raro de persistencia de caracteres ethnicos, através de uma accidentada vida politica. Concebe-se, pois, como em tal povo o grande episodio das Vesperas sicilianas deixasse uma impressão profunda, inextinguivel talvez, emquanto as condições de vida da Sicilia não experimentarem alguma transformação, que por assim dizer, submerja esse povo original. Pitré já na sua *Biblioteca* dera algumas tradições ácerca das Vesperas; a sua monographia sobre o assumpto é valiosissima: achamos nella reunidos a lenda principal, as tradições locaes, proverbios e phrases proverbiaes, cantos populares, jogos e usos relativos ou explicaveis pelo facto historico. Ha aqui um campo excellente de exploração para quem estuda as relações entre a lenda e a historia, e entre a poesia popular e a historia.

São de bom conhecedor da historia da poesia popular, como elle sempre nos mostrára ser, as observações de Pitré na sua *Avvertenza*, em que considera a maior parte das peças poeticas que publicou, como tendo nascido posteriormente ao successo: umas, as mais antigas, são talvez apenas a apropriação pelo povo de cantos do seculo XIII, de origem em rigor não popular; outras sairam das lendas em prosa pelo trabalho dos Homeros campesinos, perfeitamente analphabetos; do ultimo caso, dá-nos a collecção um exemplo perfeitamente authentico — a transformação da lenda oral num poemeto de sete oitavas por um poeta campesino d'Alcamo, nosso contemporaneo. É do estudo detido dos factos d'esta natureza que póde sair uma séria theoria da poesia tradicional, sobre a qual tantos disparates se teem escripto.

Pitré dá alguns echos das Vesperas fóra da Sicilia e ainda da Italia. Em Portugal, país tão avesso a tradições historicas, não cremos que se encontre nenhum.

Vestru, scene del popolo siciliano, por S. A. Guastella (Ragusa, 1882, 8.o), livrinho que nos envia o seu autor, faz-nos ainda demorar um pouco com o povo siciliano. O signor Serafino Amabile Guastella publicou, em 1876, *Canti popolari del Circondario di Modica*, que só conhecemos por algumas noticias, por exemplo, a de F. Liebrecht, na *Zeitschrift fuer romanische Philologie*, I, 434-442; agora dá-nos um poemeto da sua lavra, interessante pelos costumes que descreve, pela linguagem plebéa em que está escripto, pelas notas e observações diversas que o acompanham. Essas notas, que teem maior extensão que o texto, comprehendem um bom numero de lendas e contos stenographados da boca popular.

O signor Guastella cita na sua *prefazione* um facto muito interessante, com quanto não particular á Sicilia, mas que nella se apresenta num grau mais intenso: é a distinção phonetica entre a linguagem colloquial, a do conto e a da poesia. O aútor dá-nos os seguintes exemplos de Chiaramonte:

Linguagem colloquial: *Uzzumaò.* — *Capicciaví lammassciarà.*

Linguagem do conto (as mesmas phrases): *'u zzu mónucu 'a vo'.* — *c' a za Vita l'ha masseiu Arà.*

Linguagem da poesia (as mesmas phrases): — *Lu zu mònucu la voli. Ccu la za Vita mastr' Aràziu l'havi.*

Para fazer idéa clara do processo comparem-se as formas portuguesas: *você, vocemecê* e *vossa mercê.*

Como se vê, das formas perfeitas conservadas na poesia saem por um processo de alteração phonetica crescente (apherese, apocope, syncope de certos sons e contracções subsequentes) as formas da linguagem do canto e d'estas as da colloquial.

O signor Stanislao Prato, professor no lyceu real de Como (Italia), fez-nos offerta de diversos seus estudos: *Quatro novelline popolari tivornesi accompagnate da variante umbre... con note camparative* (Spoleto, 1880, 8.º max.); *Una novellina popolare monferrina... illustrata con note comparative e precedluta da una prefazione sull' importanza della novellistica popolare comparata* (Como, 1882, 8.º); e diversos artigos de jornal, comprehendendo um *saggio critico* sobre o *homem na lua.* O sr. Prato revela nesses estudos uma erudição já extensa no dominio das tradições populares, comquanto evidentemente nem tudo nessa erudição seja de primeira mão. O servir-se das citações alheias, sem um salvador e consciencioso *apud*, que a ninguem deve envergonhar, dá muitas vezes em resultado erros e confusões que é de honra evitar. Assim o signor Prato, que não viu as *Poesias e prosas* de Soropita, publicadas pelo sr. Camillo Castello Branco, nas quaes ha uma allusão ao conto das *Tres cidras do amor*, nem o livro do sr. Th. Braga, *Estudos da edade media*, em que ha uma versão do conto, e só teve conhecimento d'essas obras pela prefação dos nossos *Contos populares portuguezes*, faz a pag. 62 das *Quatro novelline* o sr. Th. Braga autor das *Poesias e prosas!*

Os trabalhos do sr. Prato offerecerão ricos materiaes aos que estudarem os contos sob um ponto de vista superior e verdadeiramente scientifico, ponto de vista a que muito poucos teem até hoje subido de modo completo.

O que nós entendemos por esse estudo scientifico tentámos mostral-o praticamente no ensaio comparativo, historico e genetico sobre o conto do *Justo juizo* na nossa *Revista d'ethnologia*, ensaio que não nos

atreveriamos a citar, se elle não tivesse ganho a approvação de um juiz competentissimo, M. Gaston Paris, que neste campo nos precedêra. O sr. Gustav Meyer, professor na universidade de Gratz, num artigo do *Beilage zur Allgemeinen Zeitung* (n.º 199, 18 julho, 1882), em que nos dirige algumas expressões muito amaveis e lastima o pouco interesse que em Portugal se manifesta pelos nossos estudos e esforços, dá noticia de uma publicação recente de K. Varnhagen *Sobre um conto indiano na sua migração pelas litteraturas asiaticas e europeas*, e allude a outro livro publicado em 1873 por Griesebach *Sobre a matrona de Epheso*, conto que já se acha em Petronio e se descobriu na China; não conhecemos esses estudos, que, segundo o sr. G. Meyer, se filiam nas tendencias que aspiramos a representar.

Quem não conhece alguma das fórmas da lenda com que o povo explica as sombras da lua? Entre nós conta-se geralmente que na lua está um homem com um feixe de vides por castigo de as andar a cortar ao domingo. Todos os povos da terra explicam por mythos, com maior ou menor concordancia ou divergencia, aquellas sombras.

A tradição tem sido estudada varias vezes, por exemplo por O. Peschel num artigo da *Allgemeine Zeitung* (n.º 313, 1869), reproduzido nas suas *Memorias de geographia e ethnographia*, publicadas por Loewenberg (*Abhandlungen*, etc. Neue Folge, pag. 327-337). O signor Prato, que não sabe da existencia do artigo do deplorado ethnographo allemão, occupou-se do assumpto no *Preludio* (Ancona-Bologna, v., n.º 2) e numa folha avulso, reunindo muitos dados interessantes, entre os quaes uma versão nova popular de Livorno. Ao transcrever a nota de R. Koehler á versão agenense (em Bladé, *Contes pop. recueillis en Agenais*, p. 158-9), o signor Prato fundiu o titulo d'uma obra de Kuhn com uma de Curtze. Nos trabalhos de bibliographia a exactidão é uma condição indispensavel.

Além do artigo de Peschel não vemos citados nem pelo signor Prato, nem por Koehler, o maior conhecedor da litteratura tradicional, as seguintes obras em que a lenda se encontra:

Otto Sutermeister, *Kinder-und Hausmaerchen aus der Schweiz* (Aarau, 1873, 8.º), n.º 57 e nota, pag. 230; Brand, *Popular antiquities* (ed. 1877), III, 153-4; J. P. Hebel, *Alemannische Gedichte* (Aarau, 1859, 8.º), p. 36-38; P. Sébillot, *Contes des paysans et des pêcheurs*, n.º 64. Suttermeister e Brand indicam muitas outras obras, com que se pode completar a bibliographia da lenda, sobre a qual, ha ainda dados interessantes em *The archeological Journal* (London, 1848, 8.º), v., 66-67.

Do signor Mattia di Martino recebemos duas pequenas publicações, de que fallaremos a proposito d'outra hespanhola do mesmo genero, em

um futuro artigo. O doutor Giuseppe Bellucci, sympathico perugino que o congresso anthropologico de 1880 nos fez conhecer pessoalmente, envia-nos *Catalogo della collezione di amuleti inviata all' esposizione nazionale di Milano*, 1881. O signor Bellucci tem feito estudo especial das superstições relativas aos amuletos e já no congresso nos deu a conhecer alguns d'esses amuletos, provando-nos o emprego ainda vivo de fragmentos craneanos, repetição do das rodellas craneanas obtidas na epoca neo-lithica pela trepanação. A trepanação prehistorica foi estudada de modo muito completo por Broca numa memoria lida no congresso de Buda-Peste (*Revue d'antropologie*, VI, n.os 1 e 2).

O uso dos amuletos em geral remonta ás camadas mais antigas das crenças humanas.

III

O estudo das tradições populares na Hespanha

1.

A Hespanha, país evidentemente riquissimo de tradições populares, é ainda hoje um dos mais mal explorados na Europa, nesse sentido; mas, como vamos vêr, ha boas razões para esperar que em breve nos seja accessivel, de modo assaz completo, o estudo d'essas tradições.

Reunido no *Romancero general* de Duran (2.ª ed. Madrid, 1849-51, *Biblioteca de autores esp.*, vol. X e XI,) quasi tudo quanto as antigas impressões tinham salvo da velha poesia epica popular da Hespanha, completado o trabalho de Duran por investigações posteriores, restava reunir o que d'aquella poesia existia na tradição oral para o comparar com as versões dos *Cancioneros*, *Romanceros* e *folhas volantes do seculo* XVI. Para a Catalunha deu exemplo nesta direcção Milá y Fontanals com o seu *Romancerillo catalan* (*Observaciones sobre la poesia popular, etc.,*) e mais tarde Pelay Briz publicava as *Cansons de la terra* (1866-77); J. Amador de los Rios colligiu *romances asturianos*, mas das outras provincias ha muito pouco conhecido. A lyrica popular tem sido mais feliz, sem duvida pela sua maior frequencia e facilidade de a colligir. É bem conhecido o *Cancionero popular* de Lafuente y Alcantara (Madrid, 1863, 8.o,) a que pódem juntar-se muitos outros productos lyricos da inspiração popular contidos em diversos volumes e publicações periodicas, alguns dos quaes abaixo mencionaremos. Citaremos (por as termos á mão) as seguintes obras em

que ha romances que faltam em Duran: *Ueber eine Sammlung spanischer Romanzen in fliegenden Blaettern auf der Universitats Bibliothek zu Prag*, von Ferdinand Wolf (Wien, 1850, 4.º), e *Romancero del Cid*, nueva edicion etc., por Carolina Michaëlis (Leipzig, 1871, 8.º,). O riquissimo *refranero* hespanhol espera ainda um trabalho de colleccionação e organização que satisfaça as exigencias da sciencia, caso em que não está a volumosa obra de Sbarbi, como mostrou muito bem M. Morel-Fatio na *Zeitschrift fuer romanische Philologie* I, 447-453.

A colheita dos contos populares foi começada por catalães, que, se politicamente pertencem á Hespanha, pela lingua pertencem ao dominio do provençal. Milá y Fontanals, o sabio professor de Barcelona, autor de importantes trabalhos sobre a litteratura dos trovadores e a poesia epica medieval, inseriu alguns contos nas suas *Observaciones sobre la poesia popular* (Barcelona, 1853), livro que ainda não logramos vêr. Maspon y Labrós começou depois a publicação de *Lo Rondallayre, quentos populars catalans*. A distincta romancista que se assignava Fernan Caballero inseriu nalguns dos seus romances diversos contos populares, numa fórma por vezes pouco genuina, os quaes F. Wolf traduziu em *Beitraege zur spanischen Volkspoesie aus den Werken Fernan Caballero's*, no Boletim das sessões da academia de Vienna, classe hist. phil. vol. XXXI, 133-218. Em 1866 saiu na *Coleccion de autores españoles* de Brockhaus (Leipzig) um volume de *Cuentos y poesias populares andaluces* colleccionados por Fernan Caballero, de que se fez em Madrid em 1877 nova edição, que ainda não vimos.

Não cabe aqui a menção de productos litterarios de autores, a quem apraz classifical-os com a designação de populares, como os *Contos* de Trueba, lendas e romances de muitos outros. Seja qual fôr o seu valor litterario e ainda que se baseiem sobre tradições populares, são de interesse inteiramente secundario para o ethnologo.

Não conhecemos volume algum hespanhol exclusivamente consagrado aos costumes, festas, e superstições populares ou a uma d'essas especies; não fallamos, está claro, das obras em que os costumes populares são apenas um pretexto para bordados e phantasias de litteratos. Naquelle genero ha muita coisa aproveitavel espalhada pelas publicações periodicas, etc.

Fôra em extremo conveniente organizar uma bibliographia das obras e artigos sobre as tradições de Hespanha, ou colligir em volumes o que anda tão espalhado. As revistas provincianas sobretudo, como *La Galicia, La Ilustracion gallega y asturiana*, devem ser especialmente exploradas. Uma das que dão mais ampla colheita é *La Enciclo-*

pedia, de Sevilha; esta revista tornou-se até o ponto de partida d'um consideravel movimento no sentido dos estudos de que nos occupamos, no reino vizinho.

Um dos collaboradores mais assiduos da *Enciclopedia* na secção especial nella inaugurada de litteratura popular foi Don Antonio Machado y Alvarez, que usa de *Demófilo,* como adequado *nom de plume:* é um mancebo cheio de zelo e enthusiasmo pelas tradições populares, infatigavel na propaganda dos seus sentimentos, mas a quem falta direcção scientifica: tem, porém, o respeito da genuina forma popular, que falta nalguns dos collaboradores da *Enciclopedia,* que evidentemente nos dão *rifacimenti* das narrativas populares. Alvarez esforçou-se com louvavel empenho por conhecer os trabalhos dos collectores e mythologos dos outros países; mas é evidente que os seus recursos bibliographicos são muito menores do que os de que dois ou tres investigadores em Portugal dispõem.

Entre os artigos dos numeros da *Enciclopedia* de 1880, que possuimos, citaremos: *De la poesia popular gallega, El juego de recotinrecoton, El garbancito, Dos romances tradicionales,* de Alvarez; *e Los trovos* e *Cinco contezuelos populares,* de F. Rodriguez Marin, e *Las saetas,* de Sbarbi, que offerecem todos muito interesse pelos materiaes.

Recebemos ha dois annos de Demófilo *Colleccion de enigmas y adivinanzas en fórma de diccionario* (Sevilha, 1880, 8.º peq. preço 3 pesetas), a que pelo genero juntamos dois opusculos que nos envia o signor Mathia de Martino, *Enigmes populaires siciliennes* (Paris, 1878, 8.º, 12 pp.) e *Indovinelli popolari* (Notto, 1882, 4.º, edizione di soli 60 esemplari). A collecção de Demófilo é a mais rica que conhecemos. Em verdade nem tudo nella é popular, mas a parte litteraria tem interesse e serve para esclarecer a popular. São muito valiosas as indicações bibliographicas com que o autor acompanhou a sua collecção. Em folhetins de *El Mercantil Sevillano* (1881) comparou Demófilo as *adivinanzas* hespanholas com as francesas, servindo-se para estas da bella collecção de Eugène Rolland *Devinettes* ou *Enigmes populaires de la France* (Paris, 1877, 12.º), a que um prefacio de Gaston Paris e ricas notas comparativas do collector dão um valor inestimavel. M. Rolland deu tambem nesse volume uma assaz completa bibliographia, a que sairam addições de H. Gaidoz na *Mélusine,* periodico destinado ao estudo das tradições populares, que infelizmente durou só um anno (1877). As seguintes indicações que as nossas leituras nos ministraram servirão para alargar o quadro d'essa bibliographia (é possivel que algumas d'ellas se encontrem num artigo sobre as *Devinettes* de Rolland que G. Pitré fez inserir numa revista italiana que não temos á mão):

— Milá y Fontanals, *Anciens énigmes catalans* em *Revue des langues romanes,* 1877, n.º 1. — G. Ferraro, enigmas em *Rivista de filologia romanza* II. — Enigmas diversos nas *Piacevole Notte* de Straparola. — Enigmas allemães em A. Schleicher, *Volksthuemliches aus Sonneberg* (Weimar, 1858) pp. 87-90. — Enigmas gaelicos em J. F. Campbell, *Popular tales of the Highlands* (Edinburgh, 1860), II, 394-409. — Sauvé, *Devinettes bretonnes* em *Revue celtique* IV, 60-103. — Diversos enigmas da Suissa (não de caracter verdadeiramente popular) em A. Godet, *Echos du bon vieux temps* (Neuchâtel et Genève, 1881, 4.º). — Eugen Prym und Albert Socin, *Syrische Sagen und Maerchen* (Goettingen, 1881); o appendice n.º LXXXVI é formado por enigmas populares syrios. — Enigmas em creolo francês da ilha Mauricio, publicados por C. Baissac, *Étude sur le patois créole mauricien* (Nancy, 1880), p. 204-231; os negros chamam-lhes *sirandanes.* — Nós publicámos enigmas creolos de Cabo-Verde no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa,* nova serie, n.º 3, pp. 135-6, e enigmas de Portugal em *Zeitschrift fuer romanische Philologie* III, 1877. — Numerosos enigmas portugueses reunidos por Th. Braga e J. Leite de Vasconcellos foram publicados na *Era Nova* I, 241-255 e 433-442. — Na *Mélusine* acham-se espalhadas varias devinettes e na col. 200 dá-se noticia d'uma collecção de enigmas populares serbos. — O *Archivio* de Pitré, *El Folklore andaluz,* de que vamos fallar, contribuem tambem para a litteratura dos enigmas populares, cujo interesse é consideravel para o ethnologo. — Os enigmas populares teem muitas vezes relações com os mythos; revela-se nelles a imaginação poetica espontanea e, como com os outros generos da litteratura tradicional, dá-se com este o facto de que os mesmos productos se encontram em diversissimos povos e em tempos diversos. As publicações de Demófilo e de Martino são pois bem vindas, como uma contribuição mais para os conhecimentos ethnologicos.

Um dos factos que a comparação d'essas diversas collecções de enigmas nos permitte tambem afirmar, é que em muitos casos os productos d'esta especie, como outros que falsas theorias fazem considerar como genuinamente populares, tem origem puramente litteraria. Ouvimos ha annos na Foz do Douro o seguinte enigma do *gallo:*

Á meia noite — se levanta o francês;
Sabe d'horas — não sabe de mês;
Tem esporas — não é cavalleiro;
Tem serra — não é carpinteiro;
Tem picão — não é pedreiro;
Cava no chão — não acha dinheiro.

A origem litteraria d'este enigma é provada claramente pelo jogo de palavras *gallo* animal, e francês; o povo não sabe nada da Gallia. Pouco depois achámos nas *Noites* de Straparola (trad. franc.), contista fallecido em 1540, variante da seguinte forma:

Sur la minuict un se vient à lever,
Du tout barbu, et barbe ne fait croistre,
Notant le temps sans astres observer,
Portant couronne, et n'est ne roy ne preste;
Les heures chante et se sent résonner,
Esperonné ains que chevalier estre,
Il paist enfans sans femme rien avoir.
Bien est subtil qui le pourra savoir.

Nas *Devinettes* de Rolland (p. 28 ss. 153), nas *Adivinanzas* de Demófilo (n.os 465 ss.), no *Archivio* de Pitré (I, 407), ha outras variantes do enigma; mas em nenhuma das estrangeiras que conhecemos o *gallo* é chamado francês, o que prova para a portuguesa a transmissão litteraria.

Eis uma versão marchigiana, bastante completa (*Archivio* loc. cit.):

O Lisabetta cos'è st'animel;
Porta la bretta, e n'è un cardinel;
Porta la barba, e n'è un capuccin;
Porta'l baston, e n'è un pellegrin;
Ha du' pall', e n'è un cannonier;
Chiude i buch, e n'è um murador.

Mais uma vez se vê ainda, do nosso enigma, que é falsa a opinião dos que asseveram que o povo não repete coisas que não entende.

Á actividade de Demófilo se deve a fundação d'uma sociedade, tendo Sevilha por sede, destinada ao estudo das tradições populares da Andaluzia, a qual se constituiu em novembro de 1881 sob a denominação de *El Folk-lore andaluz*. *Folk-lore* é a expressão com que os ingleses significam as tradições populares no seu conjuncto, o *saber popular*: é uma expressão que designa pois com perfeita justiça o seu objecto, e não com desprezo, como tantas outras que ás vezes se applicam a essas tradições. A falta d'uma boa designação correspondente noutras linguas vae fazendo adoptar essa; em francês vemos até já a expressão, em verdade barbara, de *folkloriste*. A sociedade nomeou seus socios honorarios em Portugal os srs. Z. Consiglieri Pedroso, T. Braga, Antonio Carvalho Monteiro e o signatario d'este artigo. Ignora-

mos quem seja o sr. Monteiro, cujo nome, apesar das nossas investigações, não vimos figurar em publicação alguma relativa a *folk-lore*, que chegasse ao nosso conhecimento. Haveria equivoco da parte da sociedade andaluza, ou haverá simplesmente ignorancia da nossa?

El Folk-lore andaluz é o titulo do orgão da sociedade, cuja publicação começou em março do corrente anno, e de que temos presente cinco numeros. Ha nelles muito interessantes materiaes para o conhecimento das tradições do reino vizinho, mas em geral muito fragmentarios: preferiamos artigos mais extensos, onde se reunissem numerosas peças do mesmo caracter ou genero. Algumas peças teem um valor muito subordinado, como os pregões modernos de Sevilha. Sob o ponto de vista scientifico, o nivel da revista está abaixo do que se desejaria. Os methodos scientificos de investigação no dominio das linguas e das tradições populares são lettra morta para uma grande maioria dos doutos de Hespanha. A erudição dos *folk-loristas* de Sevilha parece-nos demais em extremo fraca. Ora convem que todos os *folk-loristas* fixem como regra de proceder o principio enunciado já mais de uma vez de que não são obrigados a ser eruditos, a fazer notas comparativas; mas sim a colligir com a maior fidelidade as tradições populares e a publica-las de modo que facilitem as investigações dos eruditos especiaes que sobre ellas teem que basear os seus estudos comparativos, geneticos e historicos. Muito poucos podem accumular os dois officios. Se a um *folk-lorista*, que modestamente reuniu e ordenou com simplicidade e intuição do seu valor, as tradições de uma cidade, de uma provincia ou nação, sem commentarios, damos os nossos sinceros applausos, poderemos nega-los ao que, sem preparação sufficiente, se mette em especulações comparativas e mythologicas.

Quereriamos ver supprimidos de *El Folk-lore andaluz* os artigos do sr. Garcia Blanco, douto hebraista que em materia de glottologia está atrasado mais d'um seculo. As suas etymologias são por via de regra simples desconchavos. Um exemplo: «*Vulgo* es palabra hebrea, compuesta de dos: *goi—gente, y vol o vul—volver, revolver, traer á rastra; de suerte* que *vulgo* es como decir *gente revuelta, descompuesta inculta, incola,* dicen los diccionarios, habitante del campo, gente inculta, *revoltosa, voluble (bol, bul, balal)*, etc.». Qualquer diccionario hebraico diz-nos que *goi* significa *confluxus hominum, gens, popolus;* emquanto á raiz *bol* ou *vul* temos duvida que exista em hebreu com a significação que o sr. Blanco lhe attribue; mas não somos hebraista; póde ser que o escriptor hespanhol tenha seus fundamentos para a asserção; todavia d'um *bolgoi* ou *goibol* é que não cremos que elle nos possa provar a existencia em hebreu; e ainda quando a provasse, isso não provava nada para a etymologia do latim *vulgus*, a menos que

não se admitta a torre de Babel. *Vulgus* vem d'uma raiz indo-europea *varg*, que nada tem que ver com o hebreu; é o que admittem os discipulos de Bopp, de cuja existencia o sr. Blanco parece ter uma ignorancia absoluta. Em sanskrito, por exemplo, ha o thema *varga*, reunião, fileira de coisas, classe, ordem. Mas esse exemplo não é das mais phantasiosas explicações do philologo sevilhano. Eis uma outra mais curiosa.

Segundo o sr. Blanco, o *n* de *asin*, *asina*, originarios do latino *sic*, tem uma explicação muito facil, oriental, para quem saiba o que era o *n* nas linguas orientaes: chamava-se *nun*, e esta palavra era como quem dizia *augmento;* de modo que o vulgar andaluz *asin* ou *asina* vem de que os andaluzes, advinhando, sem duvida, por algum processo extraordinario que o autor não nos explica, apartam-se do *c* de *sic*, e do *t* e *u* de *sicut*, juntam ao *si* o *n* que vale por *nun*, que quer dizer augmento, para exforçar mais a idéa ou relação de similhança! Lastimamos sinceramente que uma tão sympathica sociedade inserisse na sua revista taes erros.

A sociedade sevilhana serve de typo a outras sociedades que nas diversas provincias de Hespanha se vão formando para o estudo das tradições populares: é bom que o typo se aperfeiçoe, reduzindo-se ao seu campo proprio—colligir as tradições sem commentarios, nem philologias.

Juan del pueblo, Historia amorosa popular, ordenada e ilustrada por Francisco Rodriguez Marin (Sevilla, 1882, 8.º), é um livrinho elegantemente impresso, obra de um infatigavel investigador do circulo sevilhano. Não discutiremos a forma de narração seguida que o sr. Marin entendeu convinha dar ao seu livro, em vez de limitar o seu trabalho a uma simples classificação e agradecer-lhe-hemos a valiosa collecção de coplas populares andaluzas que nos ministra, como amostra da vasta collecção de *Cantos populares españoles* que prepara.

Da *Coleccion de Cantos flamencos*, recojidos y anotados por Demófilo, publicação que interessa sob muitos pontos de vista, fallaremos a outro proposito.

Todas as publicações de que fallamos offerecem numerosos parallelos das tradições portuguesas. Sabia-se já que o nosso romanceiro quasi por inteiro viera da Hespanha; agora demonstra-se que grande numero das coplas lyricas, quasi todos, senão todos os jogos de rapazes, muitos ensalmos são communs aos dois povos peninsulares e, em geral, communs numa forma que póde chamar-se peninsular, por opposição á forma com que as mesmas tradições occorrem fóra da peninsula. As explorações dos folk-loristas hespanhoes interessam-nos pois tanto como as dos nossos.

2.

Cantos populares españoles, recojidos, ordenados y ilustrados por Francisco Rodriguez Marin, 5 vols. 8.o, Sevilla, Francisco Alvares & C.a editores, 1882-1883.

O movimento a favor do estudo das tradições populares, propagado até a Hespanha e Portugal [1] continua desenvolvendo-se. No reino vizinho multiplicam-se as sociedades do *Folk-lore,* graças á energica iniciativa do sevilhano Antonio Machado y Alvarez. O jornal *El Folk-lore andaluz,* orgão da sociedade do mesmo nome, terminou no I volume, cujos primeiros cadernos aqui apreciei, sempre com as mesmas qualidades e infelizmente com os mesmos vicios; mas o essencial por emquanto, a reproducção sincera pelos typos d'um consideravel numero de tradições populares, é um serviço inquestionavel prestado pelo mencionado jornal. *El Folk-lore frexnense,* orgão da sociedade extremenha de Folk-lore, com a séde em Fregenal, provincia de Badajoz, passou a ser orgão commum d'essa sociedade e da andaluza com o titulo de *Folk-lore betico-extremeño,* revista que tem aproximadamente o caracter de *El Folk-lore andaluz.*

Entre as sociedades folk-loricas [2] de mais recente fundação mencionarei a castelhana, que tem por presidente Nunes de Arce, e conta entre os seus membros muitos dos mais distinctos litteratos e professores de Madrid, e a toledana. A castelhana acha-se dividida em secções: litteraria, juridica, de bellas artes, botanica, zoologica, matematica, etc., etc. É mister não distender tanto o folk-lore pelas secções que pertencem ao dominio da verdadeira sciencia, sob pena de o desacreditar pelo exagero.

---

[1] Vidé neste jornal [*J. do Commercio*] os artigos sobre o estudo das tradições populares em Italia (n.o 8:656), na Hespanha (n.o 8:680), na França (n.o 8:715) e em Portugal (n.os 8:706 e 8:726). Não fallei da litteratura popular rumenica, cujos productos me são quasi inacessiveis. A obra de M. Gaster, *Litteratura popular romana* (Bucuresci, 1883), é a mais importante sobre esse assumpto.

[2] O termo *folk-lore* e os seus derivados parecem ter recebido de vez o direito de cidade em a nossa peninsula. E porque não? Vale elle menos que o termo *thalweg,* por exemplo, que nenhum engenheiro hesita em empregar? Os allemães não repellem o termo, como eu vejo em um artigo, entre outros, do dr. Gustavo Meyer de Graz, na *Allgemeine Zeitung*.

Não confundamos as ingenuas crenças do povo com a sciencia. Que terá que fazer, por exemplo, uma secção de saber popular geologico?

A collecção de D. Francisco Rodriguez Marin, um joven advogado de Ossuna, de que já aqui annunciei um pequeno escripto folk-lorico, *Juan del Pueblo*, é por emquanto o mais consideravel producto do movimento recente dos hespanhoes a favor das suas tradições populares. Essa collecção, pela riqueza dos materiaes e sinceridade da reproducção, vem tomar um digno logar ao lado das mais importantes dos outros povos. O collector está apenas no começo dos estudos comparativos e num país onde os methodos rigorosos das investigações da glottologia e da litteratura comparada são ainda quasi inteiramente desconhecidos; mas é novo, intelligente, de rara modestia e ardente fé; diz-nos que ao cabo da sua primeira empresa é que lhe affluiram os materiaes para os estudos comparativos; ha pois as maiores razões para esperar que a parte comparativa das suas ulteriores publicações seja muito superior á dos *Cantos españoles* e sobretudo que alguns erros que se acham nas suas notas não se reproduzam nos livros futuros do collector.

Custará sem duvida aos discipulos do sr. Garcia Blanco, o celeberrimo hebraista, escapar inteiramente á influencia de tal mestre; mas ainda que lhe seja doloroso faze-lo, é mister praticar o acto de coragem. Com franqueza — o sr. Garcia Blanco é um fossil philologico, uma pura curiosidade de outros tempos. É deixa-lo em paz, e estudar Diez e sua escola, Bopp e seus discipulos e os outros verdadeiros mestres da sciencia. *Time hominem unius libri.* O sr. Garcia Blanco que acha tudo na Biblia, até os ciganos, é de se lhe fugir a vapor.

Da insufficiencia da informação do Sr. Marin resultou, por exemplo, reproduzir o denominado *Canto de Lelo*, sem dizer que esses versos em que se quiz vêr um antiquissimo canto iberico, são apenas uma falsificação moderna, como o canto de Altabiscar, etc. Depois do que sobre o assumpto escreveram Bladé, Vinson e outros, a questão está liquidada. De proposito começo pelo lado criticavel da obra para não ter no resto senão que louvar. Feitas essas reservas, é de justiça dizer que as notas conteem muita doutrina e materiaes uteis.

Emquanto ao texto, ao que respeita propriamente a colleccionação, os nossos leitores farão idéa exacta pela seguinte *estatistica*, que extraío do post-scriptum de Demófilo á obra e que indicará ao mesmo tempo a divisão d'ella; 41 nanas (cantos de berço), 204 rimas infantiles, 697 adivinanzas, 25 pegas, 105 oraciones, ensalmos y conjuros, 598 requiebros, 337 declaracion, 937 ternezas, 282 constancia, 183 serenata y despedida, 138 ausencia, 109 celos, quejas y desaveniencias, 91 odio, 359 desdenes, 671 penas, 31 reconciliacion, 29 matrimonio, 539

teoria y consejos amatorios, 56 carino y penas filiales, 183 religiosas, 348 sentenciosas y morales, 87 fiesta y baile, 14 columpio, 456 jocosos y satiricos, 624 estudiantes, etc., 113 carcelarios, 38 historicos, 280 locales y 43 varios. As notas conteem mais de 800 variantes e uns 160 ou 180 cantos gallegos, asturianos, catalães e malhorquinhos. A numeração da obra sobe até 8:174. E apesar d'essa riqueza o collector diz-nos ainda ter para publicar mais de 11:000 cantos. É mister observar que esses cantos são geralmente curtos, em grande numero simples quadras ou tercetos. Faltam os cantos épicos.

O primeiro volume contém a parte mais interessante da obra sob o ponto de vista da tradição: é nelle que encontramos em geral o que tem mais fundas raizes no passado: os jogos e rimas infantis, as adivinhas e os ensalmos. Os parallelos com as tradições portuguesas offerecem-se numerosos, e não escasseam com as de outras nações. Eis alguns exemplos.

Na Andaluzia os rapazes dizem as seguintes palavras rapidamente fazendo riscos num papel correspondentes a uma ou duas syllabas, que no fim são contadas:

Quince son quince,
Quince, quince, quince,
Quince son quince,
Quince, quince son.

Na Catalunha ha exactamente o mesmo jogo e com as mesmas palavras. Em Portugal diz-se:

Una, una, una,
Una, duna, tena,
Eram dois irmãos,
Mataram duas rezes,
Depois d'ellas mortas
Contaram vinte e tres.

Na Silesia ha um jogo correspondente:

Eins, zwei, drei
Firlerfirlefei
Firlefirle firlefirle firlefirlefei
Wer kan zwanzig zaehln, zwanzig stehn da.

Na Sicilia:

Unu, dui e tri
Fila, fila fa,
Fila, fila, fila
Fila, fila fa,
Te ren fan sin ze len ca
An sche, ten sche
Anali da.

Na Suissa:

Quinze font quinze; je parirais bien quinze
que quinze font quinze. Comptez les y
voilà (= 15 mots).

Nos *Cantos populares do Brazil,* colligidos pelo sr. dr. Sylvio Roméro, ha um em que se trata de um casamento, para cujo enxoval cada um de diversos animaes dá uma peça:

— Velha bizunga,
Casai vossa filha,
P'ra termos um dia
De grande alegria.

— Eu, minha filha,
Não quero casar,
Pois não tenho dote
Para a dotar.

Saiu a *Preguiça*
De barriga lisa.
— Case a menina,
Que eu dou a camisa.

Depois figuram a cabrita, o veado, o cabrito, o bezouro, a cachorra, a trahira (pequeno peixe), o coelho, etc.

Publicarei brevemente uma versão elvense d'esta tradição, que diverge da brasileira para se aproximar da andaluza, da collecção que examino. Esta começa da seguinte fórma:

La purga y er piojo
Se quieren casá;
Por farta de trigo
No lo han hecho ya

Arrunrun
Que delarma'rrunrun.
Salió una jormiga,
De su jormigá:
—Hágase la boda;
Yo daré un costá.

Nas *Rimes et jeux de l'enfance*, volume publicado em 1883, diz E. Rolland:

«De todas as partes do Folk-lore aquella cujas origens mais difficilmente se desvendarão é a litteratura das rimas e jogos que as crianças se transmittem desde os tempos mais afastados, que é a unica que as diverte, a unica que convenha ao seu desenvolvimento mental, e que differe tão completamente do que os nossos pedagogos utilitarios querem a toda a força ensinar-lhes. Não se explicará a genese da tradição infantil senão quando cada povo tiver recolhido a sua».

Felizmente, apesar do riso estolido de muitos que são incapazes de comprehender certa ordem de questões, as collecções da litteratura dos jogos e rimas infantis multiplicam-se. Eu dei já um pequeno volume de *Jogos e rimas infantis portuguesas* e tenho uma larga collecção inedita que em breve verá a luz. A França possue o volume citado de Rolland, a Allemanha e a Inglaterra possuem diversas collecções, principalmente a primeira; a Italia offerece-nos varias collecções coroadas ha pouco pelo abundantissimo volume de Giuseppe Pitré, *Giuochi fanciulleschi*, vol. XIII da sua *Biblioteca delle Tradizioni popolari siciliane*.

Clemencin deu nas suas notas ao D. Quijote o seguinte ensalmo contra as dôres de dentes:

A la puerta del cielo
Polónia estaba
y la Virgen María
allí pasaba.
Diz: «Polónia ¿qué haces?
Duermes ó velas».
—Senora mia, ni duermo ni velo,

que de un dolor de muelas
me estoi muriendo. —
— Por la estrella de Venus
y el sol poniente,
por el Santisimo Sacramento
que tuve em mi vientre,
que no te duela mas ni muela ni diente.

Marin reproduz da tradição esse ensalmo apenas com as seguintes ligeiras modificações: verso 4: La consolaba; verso 13: Que estuvo en mi vientre. R. Köhler reuniu na *Germania* XIII (I) 178-184 numerosas versões do mesmo ensalmo, das quaes uma deriva de um manuscripto italiano do seculo XIV. Numa sentença inquisitorial do seculo XVII (*Ethn. port., Crenças e costumes populares*, n.º 304) encontra-se uma versão muito pobre da oração de Santa Apolonia.

Na mesma sentença ha uma oração a Santo Antonio, para achar as coisas perdidas, que tem parallelos nos *Cantos esp.* (n.os 1:057 a 1:059).

É conhecidissima em toda a Europa a oração dos anjos, de que Marin dá variantes (1:029-1:033); eis uma d'ellas:

A'costarme voy
Aqui en mi cama;
Nueve ángeles me la guardan;
Tres á los piés,
Tres á la cabecera,
Tres á los lados.
La Virgen María está'mi costado
Y me dice: — Duerme,
Descansa, reposa
Y no tengas miedo de ninguna cosa.

Nós publicámos versões portuguesas na *Romania* (III, 267) e na *Zeitschrift* de Gröber (III, 149).

Na *Germania* (XI-435-45) de Pfeiffer ha um estudo de Köhler sobre a oração, e no vol. XII, 234-236 addições de Maurer. Um novo estudo do primeiro foi inserto no *Jahrbuch* de Lemcke VIII, 409-417. Temos notadas numerosas versões, dadas a conhecer em obras posteriores a essas publicações, por exemplo na *Mélusine*, I, 308, 390 (cf. 390); *Rivista de filologia romanza* II, 208; Bernoni, *Preghiere popolari veneziane;* J. v. Zingerle, *Usos e costumes do povo tirolês*, pag. 235; *Revista celtica*, V, 180.

Köhler cita as observações do professor Paganini que tornam verosimil que a oração fosse redigida por um franciscano de Pistoia e que franciscanos a tornassem conhecida fóra de Italia.

Marin dá o seguinte responso por pessoa que se ausenta (n.º 1:068):

Con er belo del Espirito Santo seas cubierto;
Que no seas preso ni muerto,
Ni de mala persona perseguido,
Ni de mala jo hezido.
Er Señó te dé tan gúena guia
Como se la dió á la Birgen María
Desde la casa de Belen
A la de Jerusalen.
Y te yebe y te traiga con bien
A tu casa. Amén.

O collector cita uma tradição portuguesa similhante, que eu publiquei no *Jornal de Groeber* (III, 193); mas a seguinte que dei na *Romania* (III, 268) offerece mais intima relação com a hespanhola:

Fulano (o nome da pessoa) foi para fóra:
Annel de Santa Helena
Levou por gloria;
O manto de Nosso Senhor Jesus Christo
Levou coberto.
Fulano, Deus te crie e Deus te salve
E te livre de teus inimigos,
Mortos e vivos.
Olhos tenham e não te vejam;
Bocas tenham e não te fallem;
Mãos tenham e não te offendam;
Pés tenham e não te alcancem.
Fulano tu faça-la ida que fez
O Filho da Virgem Maria
Da Santa casa de Belem
Para a de Jerusalem.

Eis uma tradição similar d'uma tribu turca da Siberia:

Chegue até a ti o olhar do Senhor!
Deite sobre a tua cabeça o velho a sua benção!
Chegue até a ti o olhar do alto Deus!

Deite sobre a tua cabeça o homem grande a sua benção!
Seja o teu lar rico em cinzas!
Mais numerosa que a ovelha com seus cordeirinhos
Seja a tua posteridade!
Esteja festiva a terra em que tu passares!
Mais numerosa que a da ovelha seja a tua posteridade!
Seja ella como as hervas do prado e gomos das arvores!

Brilhe a lua diante de ti!
Brilhe o sol por detrás de ti!
Seja a tua casa sobre a collina!
Paste o teu gado na montanha!

As composições que se acham reunidas nos volumes II a IV merecem um estudo detido, que não cabe nos limites do folhetim. Esse estudo devia ser comparativo, psychologico e genetico, e como tal exigiria, primeiro que tudo, largo conhecimento das coplas lyricas populares de todos os povos europeus, e especialmente dos povos romanicos. Existem já materiaes para um tal estudo, mas acham-se muito dispersos, e além d'isso as investigações preliminares são ainda muito escassas. O que passo a indicar é apenas uma serie de observações soltas que tenciono desenvolver num estudo ligado sobre a materia.

Um grande numero de coplas amorosas são communs a Hespanha e a Portugal, embora diversas, por vezes, na forma.

Exemplo:

¿Cual de los dos amantes
Tendra más pena
El que se ausenta libre
O el que se queda?
El que va de camino,
Va caminando;
Y el que se queda, queda
Siempre pensando.

Tomára que me dissesses
Onde a pena mais s'augmenta,
S'em coração de quem fica,
Se nalma de quem se ausenta?
Onde a pena mais s'augmenta
E' no peito de quem fica;
Quem se ausenta logo acha
Amor's com quem se divirta.

O sr. Marin indicou bom numero d'esses parallelos, servindo-se das collecções portuguesas; e maior numero poderá indicar-se, quando o sr. A. Th. Pires tiver publicado a larga collecção de quadras do Alemtejo, que começou a dar na *Sentinella da Fronteira,* e tenha saído a lume o *Cancioneiro do archipelago da Madeira,* do sr. Alvaro Rodrigues de Azevedo.

Em muitos casos o parallelismo póde explicar-se por emprestimo directo; noutros haverá coincidencia determinada pelo mesmo estado psychologico. Conclue-se que é difficilimo destrinçar os dois casos.

O sr. Schuchardt publicou no *Folk-lore andaluz* um artigo sobre a similhança entre os cantares alpinos e os cantares andaluzes. O engenhoso professor de Graz dá, entre outras, a seguinte traducção de um canto dos Alpes allemães e o seu correspondente hespanhol:

Si yo fuera cazador
Tiraria una paloma
De aquellas con ojos negros
E con megilitas rojas.

Em Lafuente:

Si yo fuera cazador
Y tuviera una escopeta
Cazaria una perdiz
De las que gastan peineta.

Schuchardt observou no citado artigo que nos povos meridionaes, como entre os habitantes do país de Galles, se encontra a copla de quatro versos como forma verdadeiramente popular da poesia improvisada. É um facto hoje reconhecido, e que tem servido de partida para interessantes investigações sobre o desenvolvimento das estrophes populares. Na Grecia, o disticho resultou da fusão de quatro versos dois a dois, de oito e sete syllabas (8 a, 7 b, 8 c, 7 b). Na mais antiga poesia hespanhola de forma lyrica observa-se um facto similar, como já F. Wolf observara. Num poema do seculo XII, a *Disputa da alma e do corpo,* que é uma traducção do francês, a parelha obtem-se pela fusão de quatro versos em dois:

Mesquinho mal fadado! — tan mal hora fuest nado
Que tu fu tan rico — agora eres mesquino.

D'ahi resulta o facto da rima ser interior.

O metro e o rythmo variam: na Italia prefere-se o endecasyllabo, entre nós e na Hespanha, etc., o octosyllabo com o ultimo accento na setima, mas com liberdade com relação á posição dos outros accentos. No Friul ha tendencia para seguir o principio da alternação regular dos accentos, o que é o principio rythmico na poesia germanica.

Pela reducção dos dois primeiros versos da quadra a um só, ou pela simples suppressão do primeiro, produz-se o terceto popular. Exemplos:

a.

Ya se murió mi madre;
¡Qué dolor de madre mia!
¿Donde encontraré otra madre
Como la que yo tenia?

Se murió la madre mia,
Ya no hay en er mundo madres;
¡Madre, la que yo tenia!

b.

Er que quiere á una flamenca
Y sin motivo la orbia,
Es que tiene mala sangre,
Ó la bergüensa perdia.

Er que quiere y luego orbia,
Ó tiene mardita sangre
Ó la bergüensa perdia.

c.

Es mas grande mi queré
Que la boluntá e Dios,
Porque Dios no te perdona
Lo que te perdono yo.

Tengo mas poé que Dios
Porque Dios no te perdona
Lo que te perdono yo.

Na maioria dos casos é evidente que o terceto representa o typo derivado, porque a idéa se exprime nelle d'um modo mais imperfeito, que na quadra correspondente. E' quasi desnecessario dizer que em muitos casos o terceto faz desapparecer a quadra de que nasceu e que elle até se constituiu em typo independente. Na poesia italiana, o terceto dantesco, como mostrou Schuchardt, nasceu do *rispetto* ou estro-

phe de quatro versos. Nalguns casos póde restabelecer-se uma quadra d'um terceto.

Ao lado das estrophes de quatro versos octosyllabicos (com ultimo accento na setima) ha na collecção do sr. Marin numerosas quadras em que alternam os versos de sete syllabas (com o ultimo accento na sexta) e de cinco (com o ultimo accento na quarta).

Amor es como um pleito
Que se defiende
Y con vista y revista
Suele perder-se.

Estas estrophes desenvolvem-se com frequencia em estrophes de sete versos, dos quaes os tres ultimos mostram em geral com perfeita clareza que são addições, com caracter de estribilho, que nada accrescentam d'essencial á idéa expressa na quadra que forma a base.

Exemplos:

Tus ojos no son ojos
Que son saetas:
Cada vez que me miras
Me dejas muerta.
    Mira-me mucho,
    Que ya que muera, quiero
    Morir á gusto.

La cosa que yo quiero
Mas que a mi vida
Son tus dos ojos negros
Que me asesinan.
    He de mirar-te
    Y con tal que me mires,
    Aunque me mates.

No te muerdas los labios
Que es mal maña,
Y le quitas al oro
La filigrana.
    Y si le quitas
    La filigrana al oro,
    No estás bonita.

Como se vê, esses versos addiccionaes são como que um commentario ou um corollario da quadra fundamental, mas esse não é sempre o caso; muitas vezes são elles apenas uma variante, ou uma repetição tautologica dos versos da quadra.

Exemplo:

Esse lunar que tienes
Junto á la boca
No se lo des á nadie,
Qué a mi me toca.
Junto a la nariz
No se lo des nadie
Qué me toca a mi.
(*ou* Que ese es para mi).

A la mar que te vayas,
Querido Pepe,
A la mar que te vayas
Me voy por verte.
Moreno mio,
Ala mar que te vayas
Me voy comtigo.

Cerrado está el convento
Que adoro e miro:
Dentro está la paloma
Por quien suspiro.
Convento santo!
Dentro está la paloma
Por quien yo canto!

Si per mi sales, luna,
Luna, no salgas,
Que esta noche no tengo
Que pelar paba.
No salgas, luna,
Que esta noche no tengo
Paba ninguna.

Si los besos de anoche
Lunares fueran,
Tuvieras en tu cara
Dos mil docenas.

Fueran lunares,
Tuvieron en tu cara
Dos mil millares.

O processo de composição d'essas estrophes é illustrado pelo facto de que algumas das quadras figuram independentemente; assim canta-se tambem:

Si los besos de anoche
Fueran lunares,
Tuvieras en tu cara
Diez mil millares.

A independencia, e portanto a anterioridade da quadra fundamental, prova-se ainda com a existencia de estribilhos diversos para uma mesma estrophe. Assim a seguinte:

El confessor me ha dicho
Que no te quiera
Y yo le dije: Ay padre,
Si usté la viera!

apresenta-se com alguns dos seguintes estribilhos:

Es tan bonita,
Que solo em mirarla
Las penas quita.

Es tan bonita,
Que las animas muertas
Las resucita.

Y ayer me dijo:
— Haces bién en quererla,
Que ya la he visto.

Y el religioso,
Apretando los dientes,
Cerró los ojos.

O processo que examino é o mesmo pelo qual nos *cantes flamencos* ou cantos dos gitanos andaluzes uma *cuarteta* se alarga em *siguidya:*

Exemplo:

Quadra:

Hermana Malena,
Dile á Pae Bastian
De que me traiga um confesorsito,
Que quiéro confesá.

Seguidilha de 7 versos:

Hermana Malena,
Dile al pae Bastian
De que me traiga um confesorsito,
Que quiéro confesá.
I dile al pae Diego
De que me traiga um confesorsito,
Confesar-me quiero.

Esses versss addicionaes apresentam-se, pois, na maioria dos casos como parasitas das quadras fundamentaes, o que não tira ás estrophes compostas o caracter da graça e elegancia. Descobrem-se, de mais, processos similares na poesia popular de muitas outras nações; é evidente que a esses processos devemos os typos das composições de caracter popular que se encontram nos antigos cancioneiros portugueses descobertos na Italia e publicados por Ernesto Monaci.

Marin offerece-nos a seguinte quadra:

— Que tienes en ese pecho,
Que tanto trasmina y huele?
— Albahaca de las Indias,
Mata de romero verde

que se converte numa estrophe de sete versos de metros diversos alternados:

— Que tienes en el pecho,
Que tanto huele?
— Azahar de las Indias,
Romero verde.
— Que huele tanto?
— Azahar de las Indias
Romero blanco,

a qual é comparavel de perto, pelo seu artificio, com varios dos referidos antigos cantos portugueses e com varias serranilhas que o nosso grande poeta dramatico e profundo conhecedor do povo, Gil Vicente, incluiu nas suas composições, taes como a seguinte:

— D'onde vindes filha,
Branca e colorida?
— De lá venho, madre,
De ribas de um rio;
Achei meus amores
Num rosal florido.
— Florido, enha filha,
Branca e colorida.
— De lá venho madre,
De ribas de um alto;
Achei meus amores
Num rosal granado.
— Granado, enha filha,
Branca e colorida.

Como se explicará essa similhança de typos? Por emprestimo, por origem commum ethnica, ou por identidade dos mesmos processos espontaneos? A monomania ethnica foi até querer explicar a origem d'esses typos de cantos de caracter popular por uma origem em determinada raça humana, sem temer o riso dos que teem alguma idéa séria do que seja ethnologia e historia da poesia popular; mas o facto d'esses typos se reproduzirem espontaneamente e a muita distancia no tempo e no espaço prova-se com documentos, como os que nos ministra a poesia popular hespanhola. A' psychologia popular e á historia da musica popular é que devemos ir buscar a explicação d'esses phenomenos.

A lyrica popular tem em geral curto alento. A's idéas e sentimentos que nella se exprimem offerecem um quadro sufficiente, na grande maioria de casos, a estrophe de quatro versos; muitas vezes até esse quadro é já de si largo de modo que é mister adoptar versos bordões, repetições de palavras ou de versos para conseguir encher o quadro. Quando a lyrica popular quer ir além dos limites do quarteto, o que succede principalmente em virtude da influencia da musica, recorre normal e espontaneamente aos expedientes do genero dos que indiquei.

« Forte mania, diz algures Victor Hugo, é essa de ir buscar no Nilo as fontes do regato que corre á nossa porta! »

Eis ainda, para terminar, uma *serrana* flamenca que sae de uma quadra que se encontra independente, e cujos versos indico com o italico:

Por la Sierra Morena
Bienen bajando
Unos ojitos negros
De contrabando.
Bajando bienen
Unos ojitos negros
Muerto me tienen.

Eis agora duas estrophes de uma composição do *Cancioneiro da Vaticana:*

Mha irmana fremosa,
treydes commigo
a la egreja de Vigo
hu é o mar salido,
e miraremos las ondas!
Mha irmana fremosa
treydes de grado
a la egreja de Vigo
hu é o mar levado,
e miraremos las ondas!

Se eliminarmos os estribilhos inicial e final, deixando apenas o inicial da primeira quadra, teremos uma estrophe de sete versos similhante ás andaluzas que examinei e com o mesmo artificio de algumas nas repetições:

Mha irmana fremosa,
treydes commigo
a la egreja de Vigo
hu é o mar salido;
treydes de grado
a la egreja de Vigo
hu é o mar levado.

A bella collecção do sr. Marin offerece, como se vê, materia para observações muito interessantes, e é mister observar que toquei apenas nalguns pontos que respeitam á forma. O estudo dos assumptos mesmos d'esses cantos levar-nos-hia longe.

IV

O estudo das tradições populares em Portugal

1.

Z. Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma mythologia popular portuguesa.* Fasciculos I-VI. Porto, 1880-1881. 8.º — Idem, *Tradições populares portuguesas* (continuação da collecção precedente). Fasciculos VII-XII. Ibidem, 1881-1882. — Idem, *Mythographia portuguesa*, 1 fasciculo sem data. — Idem, *Ensaios criticos.* Fasciculos I-III. Ibidem, 1880-1881. — *Portuguese Folk-tales* collected by Consiglieri Pedroso, and translated from the original ms. by Miss Henriqueta Monteiro. With an Introduction by W. R. S. Ralston, M. A. London, published for the Folk Lore Society by Elliot Stock. London, 1882, 8.º.

A série de trabalhos que acabamos de indicar e cujo conjuncto daria um bom volume em oitavo, demonstra o zêlo com que de ha tres annos para cá se tem applicado ao estudo das tradições portuguesas, e ainda das tradições comparadas, o sr. Consiglieri Pedroso. Parte d'esses opusculos, reproduzidos, com excepção da publicação em inglês, da revista portuense *O Positivismo,* foi já apreciada favoravelmente por autoridades competentes do estrangeiro.

Como o autor se aproveitou d'aquelle meio de publicidade que se lhe offerecia, e começou a publicação quasi no começo da colheita, os fasciculos apresentam naturalmente inconvenientes emquanto á distribuição da materia, que augmentam e se tornam mais sensiveis ao passo que o seu numero cresce. As repetições tornam-se tambem inevitaveis; os fasciculos intitulados *Superstições populares* (varia), são os que exigem mais trabalho prévio de quem os quer aproveitar para os seus estudos comparativos. Não podemos todavia deixar de agradecer ao autor, mesmo nesta fórma provisoria, os excellentes materiaes, para o estudo das nossas tradições que elle nos offerece, desejando que possa um dia fundí-los numa obra regular. Emquanto essa obra não vem, podia o autor atenuar os inconvenientes da publicação, organizando de tempos a tempos indices alphabeticos da parte já publicada.

O fasciculo I das *Contribuições* occupa-se de *As superstições populares na legislação religiosa;* com esse trabalho e investigações proprias organizei um digesto alphabetico que foi publicado no *Boletim da Sociedade de geographia,* 2.ª série, n.º 6. Pouco resta a accrescentar a este capitulo do estudo das nossas tradições. O sr. Leite de Vasconcellos deu-me noticia da existencia de umas constituições synodaes mais antigas que as de Coimbra de 1521.

O II fasciculo intitula-se as *Bruxas na tradição do nosso povo*. Aqui o autor começa a dar-nos algumas notas comparativas intermittentes, que se encontram tambem nos fasciculos III *(Algumas superstições e crenças populares relativas á noite e ao dia de S. João)*, VII *(O lobis-homem)*, IX *(As mouras encantadas)*, e XI *(O Diabo)*, sendo menos incompleto na parte comparativa o n.º X. Os fasciculos IV, V, XII e XIII *(Superstições populares)* e o VI *(As superstições populares num processo da Inquisição)*, que é um extracto do processo do celebre feiticeiro Luis de la Penha, queimado pela inquisição d'Evora em 1626, não contém parte comparativa.

Do exame d'essas notas comparativas vê-se que os conhecimentos do autor em tradições comparadas (admittindo mesmo que elle quis apenas dar-nos amostras) são ainda muito fragmentarios; não parece até que elle tenha estudado ao menos convenientemente o que para as tradições portuguêsas ministram as obras nacionaes. Assim o A. no fasciculo I falla-nos dos «medicos populares dos seculos XVII e XVIII» como fonte para o estudo das nossas superstições; se o autor tivesse visto esses medicos, de que só mais tarde cita um, não os chamaria populares, porque elles se apresentam carregados de prodigiosa erudição, e não escreveram para o povo. Se o seu espirito não se elevava acima das superstições do seu tempo, isso dependia das condições da sciencia da epoca, e não era só entre nós que se escreviam sabios tratados sobre o quebranto, o mau olhado; no seculo XVII defendia-se ainda uma these (pelo menos) na universidade de Strasburgo sobre o mesmo assumpto com toda a gravidade. Quem conhece os processos de feitiçaria, de possessão demoniaca, tão numerosos em quasi toda a Europa naquelle seculo, sabe com que enorme camada de erros o espirito scientifico teve que luctar. Esses medicos eram tão pouco populares quanto o são os modernos espiritistas que pretendem elevar as velhas superstições á altura d'uma sciencia.

Na *Mythographia portuguesa*, p. 18, traslada o A. uma interessante lenda de dois ferreiros, que atiravam o unico martello que possuiam um ao outro, de monte a monte. O sr. Th. Braga déra já uma versão minhota da lenda nas *Epopeas mosarabes* p. 102-3, a que o sr. Pedroso não allude, classificando a lenda entre as que «não teem fundamento historico, mas se formam para explicar um certo e determinado phenomeno physico». «Os dois ferreiros, diz-nos elle, eram gigantes, porque só assim podiam ter força para arremeçar o martello a tão grande distancia. Um dia zangou-se o Jerumello (nome de um d'elles), com o companheiro, e atirou-lhe o martello com tanta violencia, que, desencabando-se este no ar, foi cair o ferro na encosta do Monte Mello, e logo d'ahi brotou uma fonte de agua ferrea; e o cabo, que era de ma-

deira de zambujo, foi espetar-se na terra, a mais de dois kilometros de distancia, reproduzindo-se um zambujo, que deu o nome a uma povoação que fica a quatro kilometros dos referidos montes, e que por isso se chama hoje Zambujal. No cimo do Monte Mello vêem-se ainda agora umas ruinas, que são da forja de um dos ferreiros».

A lenda não se formou naquelle local; adaptou-se a elle, desenvolveu-se, como tantas outras, sobre particularidades topographicas. Bastava a versão do Minho para o provar. Mas é ella de formação ao menos portuguesa? O sr. Th. Braga olha-a como um vestigio da lenda do ferreiro Veland; mas nella ha *dois*, não *um* ferreiro. Essa lenda é distincta da nossa, que é apenas um reflexo da dos dois gigantes ferreiros, que circula na Alemanha em numerosas versões, e que J. Grimm, A. Kuhn e outros estudaram. Eis uma versão westefalense:

«Perto de Ruespe, ao sul de Ober-Hund, vêem-se os vestigios de um velho castello, em que outr'ora habitou um gigante; a cerca de meia hora d'alli habitava num monte, em Wittgenstemisch, outro gigante; eram ambos ferreiros. Tinham um só martello: quando um se tinha servido d'elle, atirava-o ao outro».

Noutras versões apparecem alguns dos outros elementos da bella versão publicada pelo sr. Pedroso. É evidente que não póde dar-se um passo fóra da simples colleccionação sem um estudo desenvolvido dos trabalhos dos mythologos allemães.

O numero X *(O homem das sete dentaduras)* occupa-se da conhecida tradição do demonio meridiano. Conheciamos a tradição das *horas abertas*, do perigo da hora do meio dia, em que se apanha ar mau, em que andam no ar maus espiritos; mas não encontramos nunca em a nossa tradição a lenda clara do demonio meridiano; o sr. Pedroso diz-nos que no Algarve se crê que apparece ao meio dia uma coisa má, chamada o homem das sete dentaduras, que devora quem encontra, etc. É, apparentemente, o unico vestigio claro do demonio meridiano; o resto refere-se á tradição das horas abertas, horas em que os maus espiritos estão em liberdade e da qual o demonio meridiano é uma particularização.

O sr. Pedroso publica uma tradição do *entreaberto*, que segundo lhe communicou o sr. Th. Braga, apparece (na crença popular) nos Açores ao meio dia. O sr. Th. Braga contou-nos o caso de modo diverso ha annos, tal qual o referimos em a nossa *Revista de ethnologia*, p. 184, a que se refere o sr. Pedroso. Este poderia ter alli visto, ou no *Almanach Açoriano* para 1868, que, cremos, teve á mão, que os entreabertos nada teem que ver com a tradição meridiana. É mister ter as maiores precauções com relação ao que nos contam as pessoas eruditas, em cuja memoria se confunde o que leram com o que ouviram

da tradição popular. Outras particularidades reunidas pelo sr. Pedroso não teem ainda nada que ver com a tradição meridiana. «É crença que no dia de S. Bartholomeu (24 de agosto) anda o demonio solto, do meio dia para a uma hora». Ouvi sempre essa tradição sem a menção da hora; que evidentemente passou para ella por influencia da tradição meridiana. A fixação do dia de S. Bartholomeu bastaria para mostrar ao sr. Pedroso que aquella superstição nada tem que ver com a hora meridiana, excepto por influencia secundaria. É conhecida a significação mythica do dia de S. Bartholomeu, e as lendas que se lhe ligam noutros povos explicam claramente a nossa do diabo ás soltas. Demonstrarei isso se aqui chegar a resumir um estudo inedito sobre a mythologia asturiana [1].

Particularmente interessantes são os dados comparativos que o sr. Pedroso nos dá, com relação ás tradições slavas. O A. dedica-se ao estudo do russo e das outras linguas da mesma familia, apropriando-se assim da chave de riquissimos thesouros mythologicos, fechados até á maior parte dos mythologos da propria Allemanha. O que elle nos dá d'essa mina é ainda muito pouco; mas faz-nos esperar que realizará em breve os nossos desejos de nos dar em português tudo ou quasi tudo o que na tradição slava sirva para commentar a tradição portuguesa. Será um serviço assignalado.

Os *Ensaios criticos* occupam-se de trabalhos mythologicos de Girard de Rialle, A. de Gubernatis e da collecção de tradições sicilianas de Pitré, de que já aqui nos occupámos. O artigo sobre o segundo autor é o melhor; ha nelle severidade, mas justiça.

Os *Portuguese folk-tales* introduzem o nosso folk-lorista deante d'um publico vasto, a que nunca poderá aspirar o que escreve em português, condemnado, se se dedica a trabalhos sérios, a não ser lido senão por um pequenissimo numero dos seus compatriotas e por alguns especialistas estrangeiros. Não conhecendo os originaes, só posso apreciar a traducção de miss Monteiro, pelo que sei das outras versões; parece-me geralmente fiel. A seccura que em geral nella se nota, provém indubitavelmente dos originaes. O A. poderia talvez ter escolhido melhor na sua vasta collecção inedita, e sobretudo dar aos estrangeiros uma amostra mais variada. Os seus XXX contos deviam representar typos perfeitamente diversos, e não serem em parte apenas variantes

---

[1] Num artigo *De algumas tradições de Hespanha e Portugal (Revue Hispanique,* tomo VII, 1900) tratei da tradição do diabo em dia de S. Bartolomeu e do ciclo vasto a que pertence, mostrando que o *demonio meridiano* é uma lenda literaria, resultado da má tradução dum passo da Biblia. *(Nota do auctor* em 1912).

uns dos outros. Dir-se-hia que o sr. Pedroso tirara ao acaso um punhado do meio da sua collecção.

Quando, abstrahindo do interesse que sob o ponto de vista ethnico e mythologico offerecem as tradições populares, consideramos que rara, se alguma, das superstições condemnadas nos concilios, nos escriptores ecclesiasticos, na legislação, nos processos da inquisição, desappareceu da crença viva do nosso povo, e observamos ao contrario que elle, como o dos outros países da Europa, se acha envolvido numa rede enorme de superstições, que ás antigas accresceram novas, não podemos deixar de ter um sentimento de grande tristeza, a que muitas vezes escapa o collector no seu enthusiasmo de descobrimento. E quando dizemos povo, não significamos só as classes proletarias, a gente do campo, os incultos: no seio da sociedade que se suppõe culta vamos encontrar vivazes os mesmos ou erros similhantes aos que dominam ainda o espirito d'aquella outra parte da nação.

No Porto conheci a celebre bruxa do Codeçal, que enriqueceu com as suas praticas, bem pagas por gente das classes abastadas! Em Lisboa ha factos similares. O numero treze aterra muita gente. A superstição da terça-feira, do cão a uivar, da agua bebida com luz na mão, observam-se aqui passim. A' meia noite de S. João as meninas chegam á janella com o bocheco d'agua para ouvir o primeiro nome que será o do seu noivo; esta superstição como a das alcachofras, não é tão brinquedo como apparentemente se apresenta. Só se brinca inteiramente com o que se domina. Em summa, julgada a nossa sociedade por o que d'ella diz o folk-lore, conclue-se que domina só nella uma falsa educação, quando não ha absoluta falta d'educação. Ouvimos já enunciar o principio de que a educação é impotente neste caso; e de que tudo depende da organisação. Não acceitamos. A boa educação é difficil, difficillima; eis tudo. O espiritismo que ha pouco invadiu Lisboa, ao que parece para desapparecer logo, mostrou como pessoas que pareciam ter um espirito regularmente educado escondiam no fundo d'elle, disfarçando-a com um scepticismo apparente, a superstição, a tendencia para o maravilhoso.

A superstição prende-se ao pobre espirito humano por innumeros laços. O desejo de alcançar diversos fins fóra da lei do trabalho, o desejo de se ver livre d'um mal incuravel, por exemplo, perturbam o espirito, arrastam-no ao jugo da superstição, e muitas vezes ao crime baseado sobre a superstição. Uma parte dos estupros infames de que os periodicos nos dão conta, resulta de certa crença com relação á cura da syphilis. O espiritismo é um sonho de vaidosos que desejam alcançar uma superioridade ainda que ficticia, illudindo os outros e illudindo-se a si proprios. A superstição é, pois, immoral. Na estrada paral-

lela em que ella corre, encontram-se os sonhos de dominio, de titulos vãos, as theorias de reforma social, baseadas não sobre o trabalho lento e progressivo, mas sobre simples mudanças de etiquetas politicas.

As formulas vazias dos monarchicos ou dos republicanos teem sobre os espiritos a mesma influencia que os psalmos dos benzedores: a realidade substancial escapa á acção de umas e de outras.

É essa realidade substancial que devemos estudar, e o *folk-lore* considerado como um dos instrumentos para a conhecer; não é só um estudo curioso de eruditos, é um capitulo do maximo interesse para a sciencia social; um verdadeiro capitulo *ethnographico*, pois elle nos descreve uma phase importante da vida intellectual e moral do povo.

Todo o que se apresenta como apostolo de reformas sociaes devia pensar bem no que esse capitulo ensina, devia pensar bem que ia fazer conceber esperanças irrealizaveis, e lançar por fim de novo os espiritos na duvida; devia ver que a primeira obra a fazer era educar, esclarecer a consciencia nacional com o desinteresse maximo da sciencia.

2.

J. Leite de Vasconcellos, *Bibliotheca ethnographica portuguesa*. I. *Tradições populares de Portugal*. (Volume unico). Porto, livraria portuense de Clavel & C.ª 1882, 8.º XVI-320 pp. — *Annuario para o estudo das tradições populares portuguesas*. Ibidem. 8.º IV-96.

Diversas publicações de que pouco e pouco iremos fallando aos nossos estimabilissimos leitores provam que acompanhamos as outras nações romanicas no interesse que nellas se tem despertado nestes ultimos tempos pelas suas tradições populares. O autor da primeira das publicações cujos titulos acima transcrevemos e director da segunda, occupa já um logar distincto entre os que se occupam na peninsula d'esse dominio, e competia-lhe o primeiro logar na nossa revista, porque o volume das *Tradições de Portugal* reune numerosos artigos, espalhados primeiro por diversos jornaes e precedendo na data, em parte, as outras publicações de que teremos que fallar.

O sr. J. Leite de Vasconcellos é um estudante da escola medico-cirurgica do Porto, que se estreou no estudo do *folk-lore* português nuns artigos do *Academico* (Porto 1878), e da *Aurora do Cavado* (Barcellos, 1878): não podemos exigir portanto dos seus trabalhos a madureza que muitos investigadores nem na idade em que a reflexão é mais intensa e a sciencia póde ser mais completa chegam a attingir. O exame attento das diversas publicações do sr. Leite de Vasconcellos permitte-nos considerar o autor como um espirito progressivo, ani-

mado de um grande e sincero zêlo pela sciencia. Ha pouco lêmos d'elle um ensaio sobre um interessante dialecto hispano-português, o dialecto fallado nos campos de Miranda do Douro, phase intermedia entre o português e o leonês, e folgamos de vêr que o sr. L. de Vasconcellos tem uma vocação, bem rara entre nós, para as investigações dialectologicas, que, alimentada pelo estudo, lhe dará em breve um logar distincto na pleiade dos dialectologos peninsulares.

Numa *Introducção*, cuja doutrina nos parece em geral muito acceitavel, o A. indica com clareza e precisão as considerações que dão importancia scientifica ao estudo das tradições populares, e indica-nos as diversas fontes oraes, escriptas e monumentaes que consultou, as pessoas que o auxiliaram nas suas investigações, entre as quaes figuram algumas já conhecidas, como *folk-loristas* portugueses. Enumera-nos ainda a *Introducção* as causas a que o A. attribue a quasi completa identidade das tradições nas diversas partes do país; essas causas, porém, referem-se sobretudo aos cantos populares portugueses; para periodos mais antigos e para as tradições que a elles remontam, as causas são mais complexas e em grande parte diversas; basta observar que contos, superstições, festas, cantos epicos, adivinhas populares, etc., se acham não só as mesmas nas diversas provincias de Portugal, mas em toda a peninsula, mas em toda a Europa, e em parte em todo o mundo. O A., que não ignora isto, restringiu pois muito as suas considerações. A *Introducção* não nos indica, porém, claramente, que caracter o autor quis dar a este volume, a que secção ou que secções do *folk-lore* é elle especialmente consagrado; o titulo da obra refere-se em verdade á totalidade do *folk-lore;* mas o autor promette-nos outros volumes: *Fastos populares e jogos infantis — Poesias populares — Bellas-artes populares — Contos populares;* o vol. I dá-nos mostras de tudo isso, além de proverbios, linguagem e industria popular; mas preponderam as crenças e usos supersticiosos. E' evidente que é bom ter tudo isso publicado e reunido; é facto que investigadores como E. Rolland, na sua *Faune populaire,* seguem um plano similhante; mas prefeririamos, visto o sr. L. de Vasconcellos nos prometter aquelles volumes e nós esperarmos d'elle ainda outros, que separasse tão nitidamente quanto possivel as secções diversas das tradições portuguesas, para nos evitar escusadas repetições ou forçar a percorrer para cada secção quasi todos os volumes. As cantigas populares dadas no I vol., por exemplo, serão reproduzidas no volume das *Poesias?* No plano do sr. L. de Vasconcellos haverá pois inconvenientes resultantes d'elle proceder simultaneamente por generos e classes de objectos: um plano uniforme, eis o que lhe recommendamos, ou o de Pitré, por exemplo, ou o de Rolland.

O livro do sr. L. de Vasconcellos é uma verdadeira mina; o A. colligiu muitas tradições já publicadas, mas espalhadas em desconnexas collecções e considerabilissimo numero de outras de primeira mão, em grande parte novas para nós. A composição do livro é compacta, e o editor dá-o ao publico por 500 réis! Não conhecemos nenhum livro estrangeiro do mesmo genero por similhante preço. Os volumes de E. Rolland teem menos materiaes e custam o triplo. Devemos louvar o editor.

O plano geral da obra é, no estado actual d'estes estudos, perfeitamente acceitavel, e aproxima-se do de outras obras similhantes; eis as divisões: I. Os astros. II. Fogo, luz e sombra. III. A atmosphera. IV. A agua. V. A terra. VI. As pedras. VII. Os metaes. VIII. Os vegetaes. IX. Os animaes. X. O homem e a mulher. XI. Seres sobrenaturaes. Comprehende-se que esta divisão natural é muitas vezes um leito de Procrusta para as tradições; mas o ponto essencial é, emquanto a mythologia comparada não tiver progredido, classificar os materiaes reunidos, de modo que o investigador os ache facilmente; só essa consideração desculpa taes classificações provisorias, em que submettemos os restos das crenças primitivas, ou de espiritos ingenuos, nas quaes os phenomenos da natureza inteira se transformam e assimilam aos quadros das nossas concepções scientificas! Exemplifiquemos. Ha no Minho a superstição, que provavelmente nunca levou a tentativa pratica, de que, se uma virgem do nome de Maria pozer o pé sobre a cabeça de uma serpente, a mata immediatamente, sem que o reptil lhe faça mal. E' obvia a explicação d'esta crença. O christianismo aproveitou como symbolo muitos mythos antigos. O mytho do dragão ou serpente que teve um sentido primeiramente solar ou meteorico (Apollo e Python, Hercules e a hydra, Horus e Apaphis, Thor e Midgard, etc.) torna-se um symbolo da victoria de igreja sobre o diabo, o mal. A phrase de S. Paulo: «E o Deus da paz esmagará a Satanaz em breve debaixo de vossos pés» e outras similhantes da Biblia, transformar-se-hiam em imagens plasticas tanto mais facilmente quanto a inconographia pagã lhes dava apoio; assim foi representada a Virgem, calcando aos pés a serpente, o mal. O povo tomou á letra a imagem e reconstruiu um mytho sobre ella: a Virgem teria realmente esmagado o diabo sob a fórma de uma serpente. A superstição minhota é um alargamento do mytho. A imposição baptismal do nome de Maria liga-se primariamente á idea de invocação da protecção da Virgem, subsidiariamente á de communicação ao neophito de certas qualidades da Virgem. Em qual dos capitulos do livro do sr. L. de Vasconcellos collocar agora a crença minhota? E' facil de ver que sob um ponto de vista estrictamente scientifico em nenhum fica bem; fical-o-hia, sim, num

capitulo sobre as *Crenças que se ligam ao symbolismo christão;* mas um tal capitulo só caberia numa obra de outro plano, que seria prematuro tentar fazer emquanto os materiaes não estivessem reunidos e sujeitos a uma classificação provisoria.

Poder-se-hia adoptar tambem a fórma de diccionario, o que fizeram já diversos autores; mas é preferivel, em a nossa opinião, a classificação adoptada pelo sr. L. de Vasconcellos, com uma ou outra modificação, completando a obra com um index analytico muito completo que infelizmente falta no I vol. da *Bibliotheca*, mas que provavelmente o A. tenciona fundir com os indices dos outros volumes.

Sem discutirmos mais a admissão na obra de diversas (quasi todas) especies de tradições, não podemos deixar de ver inconvenientes em o autor não ter separado ao menos, tão claramente quanto possivel, nas subdivisões essas diversas especies.

Algumas coisas deviam ser riscadas, por não pertencerem ao *folk-lore*, a não ser que façamos entrar no *folk-lore* tudo quanto existe nos nossos costumes, usos e praticas caseiros. E' preciso um limite ao *folk-lore* e é preciso muita circumspecção mesmo em relação ao que se nos afigura á primeira vista como devendo entrar na categoria de superstição, mytho, etc. «Quando ha eclipse do sol *(Sol cris)*, diz-nos o A. a pag. 13, põe-se uma bacia com agua e vê-se nella o Sol a passar pela Lua (Moncorvo, etc.). Quem collocar deante dos olhos um lenço de seda sem ramos ou uma peneira, vê a nevoa que cobre o Sol. (Leça do Balio, etc.)» E numa nota: «O céu, mythicamente, é representado como um crivo». Veja-se como a mythomania póde arrastar um escriptor que aliás em geral se nos mostra prudente, e já quasi completamente emancipado de certas tendencias phantasistas dos primeiros escriptos. Onde o sr. L. de Vasconcellos julgou vêr uma superstição, um ecco mythico, ha apenas commodas praticas caseiras, que teem por variante o vidro fumado, etc., para observar a marcha dos eclipses solares sem que os raios solares nos offusquem a vista.

Comquanto os fins do A., como nos declara, fossem apenas recolher os factos e classificá-los mais ou menos methodicamente, elle não se contenta inteiramente com isso. Cada capitulo é precedido de uma *parte historica*, se assim devemos dizer, em que o A., reune diversas passagens dos antigos escriptores gregos e romanos, e dos autores portugueses, concilios, legislação, etc., em que ha superstições do povo português ou dos seus antecessores ethnicos. Comquanto seja facil alargar essa parte historica, não podemos deixar de a agradecer ao A., que nella dá testemunha da sua erudição, assim como nas notas comparativas que accidentalmente acompanham algumas tradições. Não

percebemos, porém, o que é que motivava essas notas tão intermittentes. Com tres ou quatro obras das que o A., teve á mão, annotava elle uma parte muito consideravel dos costumes e crenças supersticiosas que reune; bastariam simples referencias, não havendo tempo e espaço para mais; ou então o A. poderia reduzir-se a trasladar algum texto mais raro, mais fóra do caminho usual da maioria dos *folk-loristas;* ou então não dar nota nenhuma comparativa, que ninguem, com o seu programma, lhe exigia. Se essas notas não tivessem outro inconveniente além da intermittencia, a nossa observação poderia parecer um tanto hyper-critica; mas aqui e alli as notas testemunham que o A. não está ainda sufficientemente habilitado para a parte comparativa e interpretativa, caso em que a abstenção completa seria o mais prudente. Vejamos um exemplo.

Acha-se muito espalhada em Portugal e em toda a Europa romanica (sem o podermos asseverar positivamente para o dominio romeno) d'onde passou para a Inglaterra e Allemanha, a superstição de que uma mão de morto (em regra d'um enforcado), preparada de certo modo, ardendo ou com uma vela accesa segura, serve aos ladrões para conservar no somno as pessoas cujas casas querem roubar. O sr. L. de Vasconcellos transcreve, sem refutação, como quem a acceita, de Cox, *The Mythology of the Aryan Nations,* uma explicação estapafurdia, no genero de muitas outras do mesmo autor, segundo a qual a *mão de gloria* (*hand of glory*), nome com que aquella mão magica é conhecida na Inglaterra, seria o *relampago que sae da nuvem tempestuosa, a luz vermelha de Jupiter, com que elle abala as sagradas cidadellas, a rubens dextera* de que falla Horacio. Cox e A. de Gubernatis, o ultimo dos quaes não passa em mythologia d'um compilador com grandes pretensões, levaram a explicação dos mythos por estes expedientes ex-machina ao abysmo do ridiculo, á beira do qual outros de maior merito a deixaram. Como é sabido, a parodia surgiu como arma contra os exageros da mythologia comparada, sciencia que exige tão largo numero de conhecimentos, quanta reserva: um jornal de Oxford provou *á evidencia,* pelo methodo Max-Muelleriano, que o sabio indianista era um puro mytho solar, e pelo mesmo methodo o glottologo americano Whitney resolveu num mytho *solar da variedade septentrional* o presidente Grant. As obras de A. de Gubernatis são hoje assaz conhecidas entre nós, por estarem traduzidas em francês e diversas publicações de cá revelam a sua influencia; Cox surge-nos numa nota do sr. Leite de Vasconcellos; torna-se pois necessario mostrar a falta de methodo d'esses AA. O sr. Consiglieri Pedroso escreveu já um artigo a respeito da mythologia de Gubernatis, com cujos topicos concordamos em parte (*Positivismo* I, 308-317); algumas

observações bastarão por agora emquanto a Cox e á sua *theoria da hand of glory*.

É evidente que foi a palavra *glory* o ponto de partida para aquella explicação. Que pode ser uma *mão de gloria* senão alguma coisa celeste, divina, e se ella brilha, que pode ser, senão o raio, a *rubens dextera* do pae dos deuses e dos homens? Como coisa tão alta caiu na mão dos larapios e se tornou uma mão de defunto é que Cox não nos explica. O caso é mais intrincado do que fazer uma phrase pomposa e citar Horacio; para se chegar a alguma conclusão séria neste caso, era mister estudar todas as tradições que se liguem á *mão de gloria*, em todas as variantes, todos os nomes que lhe são dados, e tentar determinar pela comparação a fórma fundamental da crença; ora, até sem ir muito longe nessa investigação, ver-se-hia que a *mão de gloria* é só chamada entre nós *mão de defunto*, de *finado*, ou ainda *mão refinada*; uma inspecção dos textos reunidos em Ducange-Henschel e no diccionarlo de Littré mostraria que *main-de-gloire* é uma alteração de *mandragore*, *mandragora*, por etimologia popular, como a de *mão de finado*, em *mão refinada*; e que o nome de *mandragora* foi transferido para a *mão magica de finado*; restaria então determinar, de um lado, d'onde veio a tradição da mão magica de finado, d'outro, porque motivo ella foi aproximada ou assimilada á mandragora; mas bastam estas observações para fazer cair a explicação de Cox e mostrar a superficialidade com que elle procedeu.

Estamos certos que o sr. Leite de Vasconcellos será no futuro mais cauteloso na escolha das suas auctoridades, e se porá inteiramente ao corrente dos solidos methodos em mythologia.

E' claro que o livro fica como um quadro aberto para addições, grande parte das quaes nos virão do infatigavel autor. Entre outros assumptos esperamos que elle estude de modo completo o capitulo tão interessante da linguagem infantil, para o qual nos dá algumas notas a pag. 259. As fórmas hypocoristicas, como *Lélé*, *Beto*, foram estudadas por nós no *Boletim da Sociedade de Geographia* (2.ª serie n.º 3). O autor podia tambem mencionar a giria das crianças (e adultos) que se fórma por intercalação de lettras (em geral p) e repetição de vogal; exemplo: éu-péu qué-pé-ró-pó, eu quero, ou por inversões; exemplo: *ut aon bases*, tu não sabes. São processos que se encontram não só em toda a peninsula, mas talvez em quasi todo o mundo. Assim os ciganos dos Pyrineus bascos, que fallam a lingua do país, intercalam o p, e dizem, por exemplo, *jau-pau-na-pa* por *jauna*, senhor. Os circassos teem uma giria em que intercalam *r*. Os bazigar, tribu nomada da India, teem duas girias, uma usada pelos cabeças, outra commum aos homens, mulheres e crianças, em que a base é o industani, e em

que ha inversão e troca de lettras: assim as palavras industanis *ag*, fogo, *dum*, alento, *mas*, mez, *omr*, edade, *sona*, oiro, tornam-se na primeira giria *ga*, *mudu*, *samu*, *murvo*, *naso*; e na segunda *kag*, *num nas*, *nona*.

Em summa: o livro do sr. Leite de Vasconcellos, apesar dos nossos reparos e d'outros que a critica teria o direito de lhe fazer, é muito valioso e faz-nos conceber as mais lisonjeiras esperanças sobre o futuro litterario do autor. O *Annuario*, collaborado por todos os *folk-loristas* portugueses, é um util complemento da obra principal.

APENDICE AO ARTIGO PRECEDENTE

(PARTE III, CAP. 2)

O paralelismo na poesia popular

I

A *repetição* do fenomeno é uma lei universal, e os seus tipos principaes são a *repetição vibratoria* ou *fisica*, a *repetição organica* ou *hereditaria*, a *repetição social* ou *imitação* (G. Tarde). Mas o que se repete começou por não ser repetição, por surgir como *novo*, por ser *invenção*, como nota o citado sociologo [1]. A repetição pode não ser completa, combinar-se com a *invenção* e nesse caso é uma *variação*. A lei da repetição tem como complemento a da *oposição universal*. *Repetição-oposição* dão origem ao ritmo: tempo fraco e tempo forte, *arsis* e *thesis*. O ritmo é tambem uma lei universal. Os pitagoreos falavam da harmonia das esferas. A natureza inorganica tem ritmos que se reflectem na vida organica. Tal é o ritmo *nictemeral*, a successão do dia e da noite, o ritmo *hiberno-estival*, o ritmo *estual*, fluxo e refluxo da maré. «A natureza inteira está cheia de movimentos ritmicos de toda a especie de graus e durações. Todos os movimentos e todas as funções dos seres vivos são periodicos: o crescimento e a reparação, a assimilação e a perda sucedem-se alternativamente. Todos os nossos orgãos estão sujei-

---

[1] G. Tarde desenvolveu essas leis nos seus livros; vide principalmente *Les lois sociales*, 6.ª ed. Paris, 1910; *Les lois de l'imitation*, 6.ª ed., 1911; *La logique sociale*, 3.ª ed. 1904; *L'opposition universelle*, 1897.

tos á fadiga e exigem repouso. Todas especies de estimulantes devem ser de curta duração, sob pena de serem funestas. Daí, a vantagem da obscuridade, por isso que, então, os estimulantes da luz e do calor são parcialmente suprimidos... As plantas, como os animaes, tiram proveito do repoiso nocturno, uns e outros são beneficiados igualmente pelos periodos mais longos do estio e do inverno, das estações secas ou chuvosas» [1].

Se a variação aparece como uma oposição ao que se repete, tambem é certo que ha manifesta tendencia para oposição a que se continue a modificação iniciada, para a volta á forma, ao tipo anterior. A isso se chamou a *lei* dos fenomenos reciprocos. Pretendeu-se até que a *Natureza tem horror á variação*, apesar de todas as variações que nela se observam [2].

Tarde escreveu: «Não ha instituição social que não se ligue a um orgão do corpo de que é apenas a *continuação social*. A linguagem, com seus prolongamentos antigos ou recentes, escrita, imprensa, telegrafia, telefone, é apenas o desenvolvimento do grito e do gesto, da laringe, e dos membros, em tanto que são expressivos e meios de comunicação... As *necessidades* continuam as *funções*, os pensamentos continuam as sensações, os ritmos dos versos continuam o ritmo respiratorio».

Um economista foi levado a estudar as relações entre o ritmo do trabalho e o ritmo do canto e da poesia com que nas fases primitivas e nas modernas populares, assim como no drama lirico, desde as formas mais modestas até ás mais complexas das obras d'um Wagner, aparece fundida. Os resultados desse estudo deu-no-los o referido economista, Karl Bücher num belo livro [3]. A dança aparece de longe e persistentemente em ligação com a palavra cantada: de exemplo proximo serve toda a nossa peninsula. As composições de caracter popular do nosso velho *Cancioneiro* dos seculos XII a XIV eram destinadas não só a serem cantadas, mas, pelo menos em grande parte, a serem dançadas. Aristoteles distinguiu triplice especie de ritmo: a das *formas* que se manifesta nos movimentos da dança, a dos *sons*, que, com a harmonia, se exprime na canção, e a do discurso, que *tem por partes* o metro. O ritmo era para êle natural ou congenito no homem.

O paralelismo no discurso, e particularmente na poesia, é um feno-

---

[1] Wallace, *La place de l'homme dans l'univers*, apud Georges Bohn, *La naissance de l'intelligence* (Paris, 1910), p. 153.

[2] G. Bohn, *Ob. cit.*, p. 160, seg.

[3] Karl Bücher, *Arbeit und Rhythmus*, 3.te Auflage, Leipzig, 1902.

meno analogo ao do ritmo, o qual se encontra por toda a parte em que ha uma poesia; um filologo eminente em um livro muito notavel considera o paralelismo como uma forma primitiva da poesia, *Urform der Poesie* [1]. Ha povos para os quais o canto é entoado sobre uma só palavra ou até umas silabas sem sentido. Depois as palavras cantadas formam frases, exprimem pensamentos, dispostas simetricamente, ritmadas; surge o estribilho, elemento paralelistico, aparece a repetição com variação. Os retoricos inventaram o termo *anafora* para designar as repetições retoricas e distinguiram variedades nelas.

Norden admite que as formas da poesia passem nalguns casos de povo para povo e exemplifica com factos da historia da poesia persa, antiga italica e medieval e moderna cristã. Os persas sacrificaram as suas formas originaes dos versos ás arabes. Na Italia introduziram-se pelo ano 200 a. C. as formas metricas gregas, que chegaram a popularizar-se, fazendo desaparecer as antigas. A poesia dos povos modernos recebeu a rima do canto hinico latino. Mas o mesmo investigador diz que o substrato da rima é o paralelismo e que o paralelismo é talvez o mais importante «pensamento etnico» que existe, isto é um elemento espiritual comum a todos os povos, saido espontaneamente das tendencias do homem como tal, segundo o inventor da expressão *(Völkergedanke)*, o etnologo alemão Adolfo Bastian.

Uma tendencia, aliás comum aos diversos povos, explicavel pela unidade fundamental do espirito humano, pode todavia tomar formas particulares a este ou áquele povo e transmitir-se em seguimento a outro ou outros povos, sendo aceite facilmente em virtude da tendencia comum.

E' absurda a explicação da comunidade de elementos, da natureza dos que se consideram aqui, por comunidade de origens etnicas ou antropologicas dos povos em que nos aparecem, explicação de que é exemplo a chamada teoria turaniana. Nesses casos trata-se realmente de *Völkergedanken*, explicaveis sem transmissão, noutros de transmissão de povo a povo, sem mistura ou até identidade de sangue. A teoria turaniana pode aplicar-se a muita coisa, por exemplo aos *automoveis*, que encontramos na America, povoada, segundo certos cultores dessa teoria, primitivamente por turanios, e varios países da Europa, onde não é dificil demonstrar pelos processos dos ditos cultores que ha mongoloides (estes são necessariamente turanios), e se na China virmos girando automoveis o negocio é certo.

---

[1] Eduard Norden, *Die antike Kunstprosa* vom XI. *Jahrhundert* v. *Chr. bis in die Zeit der Rennaissance* (Leipzig, 1898), pp. 810 e segg.

Para o estudo das relações das formas paralelisticas da nossa poesia popular ou de caracter popular apresento aqui exemplos diversos colhidos nas minhas leituras; mas reconheço que a colecção só permite chegar a conclusões de caracter muito geral.

II

Na primeira das coleções de cantos portugueses dos seculos XII a XIV que foi conhecida, o *Cancioneiro* chamado primeiro do *Colegio dos Nobres* e depois *da Ajuda* [1], dos locaes do seu paradeiro, havia, entre algumas composições de estructura analoga, mas mais imperfeitas, as seguintes:

Eu sei la dona velida
que a torto foi ferida...
ca non ama.

Eu sei la dona loada
que a torto foi malhada...
ca non ama.

Ca se oj' amig'amasse,
mal aja que'-na malhasse,
ca non ama.

Se se d'amigo sentisse,
mal aja que'-na ferisse,
ca non ama.

Que a torto foi ferida,
nunca eu seja guarida,
ca non ama.

Que a torto foi malhada,
nunca eu seja vingada,
ca non ama.

---

[1] 1.ª ed.: *Fragmento de hum Cancioneiro Inedito*, etc., publicado por Carlos Stuart, Paris, 1823; 2.ª ed.: *Trovas e cantares de um codice do seculo* XIV, publicado por Francisco Adolpho Varnhagem, Madrid, 1849; 3.ª ed.: *Cancioneiro da Ajuda*, edição critica e commentada, por Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Halle a. S., 1904.

O ultimo editor, a douta romanista D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, classifica essa composição de: «cantigas de refram, de contextura parallelistica» e dá uma reconstrução dela com oito estrofes de tres versos (incluindo o estribilho em cada uma).

No *Cancioneiro de D. Dinis* [1], encontraram-se cantos analogos, como os seguintes, na secção de *Cantigas d'amigo:*

1.

Bom dia vi, amigo,
pois seu mandad'hei migo,
louçana.

Bom dia vi, amado,
pois mig' hei seu mandado,
louçana.

Pois seu mandad' hei migo,
rogu'eu a Deus e digo:
louçana.
Etc.

2.

Amad' e meu amigo,
valha Deus!
Vede-la frol do pinho
e guisade d'andar.

Amigu' e meu amado,
valha Deus!
vede-la frol do ramo
e guisade d'andar.

---

[1] 1.ª ed.: *Cancioneiro d'El-Rei D. Diniz,* publ. pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, Paris, 1847; *Das Liederbuch des Königes Denis von Portugal,* ed. critica por Henry R. Lang, Halle a S., 1894; *As composições de D. Diniz,* reproduzidas por Lopes de Moura, foram extraídas do grande *Cancioneiro português* da Biblioteca Vaticana, publicado integralmente por Ernesto Monaci em 1875. Lang reproduziu criticamente as composições de D. Dinis do Codice da Vaticana e juntou as do mesmo auctor do Codice da Casa Brancuti, publicado na parte que falta no *Cancioneiro do Vaticano,* por Enrico Molteni, Halle a. S. 1880.

Vede-la frol do pinho,
valha Deus!
selad'o baiozinho
e guisade d'andar.

Excertos novos do *Cancioneiro da Vaticana*, antes da publicação total deste por Monaci, como os *Canti antichi portoghesi*, do mesmo, o *Cancioneirinho de Trovas Antigas*, de Varnhagen, e depois aquella publicação mostraram que o genero da poesia que se chamou paralelistica e que em geral apresenta sabor pupular ou parece imitada de tipos populares, fôra muito cultivada entre nós no primeiro periodo da nossa cultura poetica. Diez notou a semelhança dessas composições com algumas intercaladas por Gil Vicente nas suas peças teatraes [1]. Por 1873-1877 afirmou-se que esses cantos portugueses correspondiam a um tipo generalizado na Europa meridional, mas não se tratou de demonstrar a existencia de tal tipo colhendo paradigmas. O dr. Teofilo Braga por esse tempo teve a felicidade de ler Fr. Lenormant, *Les premieres civilisations*, como eu li tambem o livro do mesmo autor *La Magie chez les Chaldéens* (Paris, 1874), onde achei um canto classificado pelo autor francês de *popular acadico*, de Babilonia, talvez entoado por ocasião das sementeiras:

«Le blé qui s'élève droit, arrivera au terme de sa croissance prospère; le nombre (pour cela) nous le connaissons.

«Le blé de l'abondance, arrivera au terme de sa croissance prospère; le nombre (pour cela), nons le connaissons».

O citado autor português traduziu esse canto do modo seguinte:

O trigo que direito crece
No fim dará boa messe;
O segredo, nós sabemo-lo.

O trigo que dá fartura
Daria a boa cultura;
O segredo, nós sabemo-lo.

Achou ainda o dr. Th. Braga num livro do sinologo Pauthier traducções de versos do Chi-King, que apresentam tambem analogo parale-

---

[1] Friedrich Diez, *Ueber die erste portugiesische Kunst-und Hofpoesie* (Bonn, 1863), p. 100. Cf. José Joaquim Nunes, *As cantigas parallelisticas em Gil Vicente* (Lisboa, 1910: *Separata da Revista Lusitana*, vol. XII).

lismo de formas. Isto basta-lhe para explicar a unidade (ainda não provada) das formas do lirismo dos povos romanicos: esse fenomeno é «uma revivescencia etnica», provem do «elemento turaniano» desses povos da Europa e da Asia. E como hoje já ninguem fala da *teoria turaniana* de Max Müller e outros, que combinada com a teoria mongoloide de Pruner-Bey, que tambem passou para o dominio da historia e como teriamos, demais, para admitir a tese do historiador da literatura portuguesa, de julgar que em longinquo, estupendamente longinquo periodo prehistorico, já havia cantos com dois versos rimados, repetições paralelas e um estribilho, relembrando essa tese de passagem, não perderemos mais tempo com ela, embora vamos talvez ministrar ao seu autor, em textos que aqui se reunem, argumentos novos [1].

Já em 1876, o historiador da literatura alemã Wilhelm Scherer chamara a atenção para os cantos aludidos do Chi-King, cujo genero é chamado Hing, e que ele conhecia da tradução do jesuita Lacharme e lembrou terem uma estrutura semelhante á de cantos europeus; frequentemente aparece em tres estrofes o mesmo pensamento com tres variantes [2].

III

Ha quadras populares que são variantes doutras pelo processo da repetição paralelistica. Eis alguns exemplos:

1.

O' Senhor da Piedade
Na vossa capela o digo,
Não volto cá outro ano
Sem trazer o meu marido.

O' Senhor da Piedade,
Eu bem alto vo-lo digo,
Não torno lá outro ano
Sem levar amor's comigo [3].

---

[1] Dr. Teofilo Braga, *Parnaso portuguez moderno* (Lisboa, 1887), p. XXVIII e *Cancioneiro portuguez da Vaticana. Edição crítica* (Lisboa, 1878), pp. CI e seg. Cf. do auctor do presente artigo *Notas mitologicas. O Tangro-mangro e os Turanianos*, extraído de *A Renascença*, vol. I, pp. 165 a 167 (Porto, 1881).

[2] Cit. por H. R. Lang, *obr. cit.*, p. CXLII.

[3] A. Tomás Pires, *Cantos populares portuguezes*, I (Elvas, 1902), n.os 303 e 304: a primeira quadra é do Alemtejo, a segundo do Doiro.

2.

Senhora do Bom-Despacho,
Senhora do Livramento,
Eu perdi o meu amor,
Trazei-m'o ao pensamento.

Senhora do Livramento
Senhora do Bom-Despacho,
Eu perdi o meu amor
Eu perdi-o, não o acho [1].

3.

S. João se adormeceu
Nos braços de sua tia,
Acorda, João, acorda
Que amanhã é o teu dia.

S. João se adormeceu
Nas escadinhas do coro,
Deram as freiras com êle,
Depenicaram-no todo.

S. João se adormeceu
Nas escadas do colegio,
A justiça não deu com êle,
S. João tem privilegio.

S. João se adormeceu
Nas escadas do colegio
E acordou aos tres dias,
S. João tem privilegio [2].

4.

S. João perdeu a capa
No caminho do jardim,
Ajuntem-se as moças todas
Façam-lhe uma de setim.

---

[1] Idem, *Ibidem*, n.os 444 e 445: ambas as quadras são do Doiro.

[2] Idem, *Ibidem*, n.os 569-572: todas do Alemtejo. A terceira é a mais vulgarizada no país.

S. João perdeu a capa
No caminho do estudo,
Ajuntem-se as moças todas,
Façam-lhe uma de veludo [1].

5.

S. João me prometeu
De me dar uma capela,
Eu tambem lhe prometi
Toda a vida ser donzela.

S. João me prometeu
Uma capela me dar,
Eu tambem lhe prometi
Ser solteira... até casar [2].

6.

S. João, por ver as moças,
Fez 'ma ponte de cortiça,
As moças não vão á ponte,
S. João todo se riça.

S. João, por ver as moças,
Fez uma ponte de prata,
As moças não vão a ela,
S. João todo se mata [3].

7.

S. João, quando entrou,
Quando entrou á porta falsa,
Perguntou ao seu alferes
Se havia trigo na praça.

---

1 Idem, *Ibidem* n.os 576 e 577: ambas do Alemtejo.
2 Idem, *Ibidem*, n.os 580-581: ambas do Alemtejo.
3 *Ob. cit.* n.os 585 e 586: ambas do Alemtejo.

S. João, quando entrou
Pelas portas da Carreira,
Perguntou ao seu alferes
Se havia trigo na eira [1].

Varios outros exemplares do paralelismo tem sido colhidos na poesia popular moderna portuguesa. Juntaremos as rimas seguintes ouvidas ha muitos annos em Coimbra, em que aparece o tema do *lirio:*

Ó do lirio branco!
Quem é mulher do coxo
E' mulher do manco.

Ó do lirio roxo!
Quem é mulher do manco
E' mulher do coxo.

Nos romances epicos, um tanto esquecidos pelo que respeita aos versos paralelisticos, ha alguma coisa que colher, por exemplo na *D. Silvana:*

—Mama, mama, meu menino,
Deste leite de paixão;
Amanhã por estas horas
Está tua mãe no caixão;
Mama, mama, meu menino,
Deste leite de pesar;
Amanhã por estas horas
Está tua mãe a enterrar;
Mama, mama, meu menino,
Deste leite de amargura,
Amanhã por estas horas
Está tua mãe na sepultura;
Mama, mama, meu menino,
Deste leite derramado,
Que amanhã por estas horas
Está meu corpo sepultado [2].

---

[1] *Ob. cit.* n.os 592 e 593; ambas do Alemtejo. Na coleção de Tomás Pires encontram-se ainda outros exemplos do processo.

[2] Teofilo Braga, *Romanceiro geral portuguez*, 2.a ed. (Lisboa, 1906), traz muitas variantes do romance, pg. 488-556.

Cf. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos em *Revista Lusitana*, II, 215.

IV

Da poesia popular, propriamente dita, dos povos da antiguidade classica pouco chegou até nós, e isso explica por que quasi não possamos apontar exemplos de versos paralelisticos desses povos. Percorrendo o que nos resta dos bucolicos sicilianos só descobrimos um exemplo em Teocrito, no famoso idilio da sedução (n.º XXVII), v. 12-14:

DAPHNIS: Vim aqui sob os zambujeiros para te contar uma historia.

PASTORA: Não quero ouvir; já uma vez me enganaste com as tuas doces palavras.

DAPHNIS: Vim aqui sob os ulmeiros para te fazer ouvir a minha flauta.

Aqui temos a menção das arvores (o zambujeiro, o ulmeiro), frequente na poesia popular, como mostram os exemplos que daremos abaixo e os que podem colher-se no *Cancioneiro português* dos seculos XII a XIV.

Em varios idilios de Peovrito e Mosco ocorre um estribilho.

Nos cantos amebaicos seria talvez frequente o paralelismo.

V

Os seguintes exemplos são da poesia popular italiana [1].

1.

Me voglio maridar: so' maridada;
Credeva de star ben: so' sassinada;
Credeva che l'amor fusse un zoghetto,
Ma invece l'è un tormento maladetto;
Credeva che l'amor fusse un zogar,
Ma invece l'è un tormento da crepar [2].

---

[1] Esses exemplos foram tirados da obra de Alessandro d'Ancona, *La poesia popolari italiana*. Studj. Livorno, 1878.

[2] D'Ancona, *ob. cit.* p. 148, de Medico, *Canti del popolo veneziano*, 2.ª ed. Venezia, 1857.

2.

In alto in alto vo' fare un palazzo,
In alto in alto sulla bella altura.
A ogni finestra vo' tendere un laccio,
A tradimento, per tradir la luna:
A tradimento, per tradir le 'stelle
Perchè restai tradito dalle belle;
A tradimento, per tradir il sole,
Perchè restai tradito dall' amore [1].

3.

E' mi son messo a fabrica' un castello,
Credevo d'esser vero castellano:
Quando l'ho fabbricato e fatto bello,
M'hanno levato le chiave di mano.
Ed io, meschino, che l'ho fabbricato,
Con pianti e con sospiri l'ho lasciato;
Ed io, meschino, che lo fabbricai,
Con pianto e con sospiri lo lasciai [2].

4.

Facciam la pace, caro bene mio,
Che questa guerra non puo più durare:
Se non la ouvi far, la farò io:
Fra me e te non ci è guerra mortale;
Fanno la pace principi e signori,
Così la posson far due amatori;
Fanno la pace principi e soldati,
Così la posson far due innamorati:
Fanno la pace principi e tenenti,
Tanto la possono far du' cor contenti [3].

---

[1] D'Ancona, ob. cit. p. 156, de G. Trigri, *Canti popolari Toscani*, Firenze, 1869, n.º 1128.

[2] *Rispetto* toscano, lição ms. apud D'Ancona, p. 158.

[3] D'Ancona, p. 159, de Tigri n.º 810.

5.

— Dove sei stato, o giovenin, d'inverno,
Che bianco e rosso siete sull'estate?
— Stato sul giardin di là dell' Elmo,
Dove son quelle viole imbalsamate;
E tu sei stato sul giardin del sole,
Dov'hanno imbalsamato le viole [1].

6.

Vado cercando, e non posso trovare
Un fiume che ribocchi alla marina;
E se lo trovo, mi ci vo' buttare,
L'acqua me menerà contro rovina;
I pesci me verrano a visitar,
E mi diranno: Povera meschina!
'Sta penitenza chi te la fa fare?
Me la fa fare un giovine crudele,
Che m'ha lasciato, e non me vuol più bene:
Un giovine crudele me la fa fare,
Che m'ha lasciato, e non me vuol più amare [2].

7.

Ch'hai mecco, brutta, che me miri in torto?
Mirami dritta, tu possa accecare,
E m'hai mandato le capre nell'orto,
E l'insalata m'hai fatto mangiare.
E m'hai fatto mangiare l'insalata,
Civetta che civetti fuori e in casa.
E m'hai fato mangiar il pitorsello,
Civetta che aveti questo e quello.
E m'hai fatto mangiare l'erba mora,
Civetta che civetti in casa e fuora [3].

---

[1] D'Ancona, p. 193, de Tigri, n.º 710.

[2] D'Ancona, p. 269, de Oreste Marcoaldi, *Canti popolari inediti umbri, liguri, piceni, piemontesi e latini* (Genova, 1855): canti piceni, n.º 77.

[3] D'Ancona, p. 276, de Tigri, n.º 798.

Alessandro d'Ancona anota a essas formas de canto: «La ripresa è, dunque, forma essenziale e caratteristica del Canto populare toscano, o *Rispetto:* e quando si rinviene in Canti di altre regioni si pùo ben dire che ciò provi derivazione od imitazione. Di essa pùo trovarsi qualche imperfetta immagine anche nella poesia dell'arte, alla quale probabilmente è passata pel tramite dei *Cantari di piazza,* e certo è forma che fa molto comodo al genero narrativo. Lo Schuchardt ne ha trovato trace anche nell'Ariosto; e el più notevole è questo.

E fa crollar si il mirto ov'è legato
Che delle frondi intorno il piè gl'ingombra:
Crollar fa il mirto e fa cader la foglia,
Nè succede però che se ne scioglia [1].

A observação de Alessandro d'Ancona de que as repetições se acomodam ao genero epico acha confirmação no que já foi notado relativamente ao romanceiro e num poema muito interessante *La Baronessa di Carini,* lenda historica popular siciliana do seculo XVI. Daremos só uma amostra do emprego do processo no poema. Narra-se o assasinio da infeliz Catarina, filha do barão Vincenzo di Carni, pelas mãos do proprio pai, por causa das relações amorosas secretas dela, que tinha dezoito annos, com o barão Vinzenzo Vernagallo (vv. 183-194):

Oh chi scunfortu pri dd'arma 'nfilici
Quann 'un si vitti di nuddu ajutari!
Abbauttuta circava l'amici,
Di sala in sala si vulia sarvari:
Gridava forti: *Ajutu, Carinisi!*
Ajutu, ajutu, mi voli scannari!
Dissi arraggiata: *Cani Carinisi!*
L'ultima vuci chi putissi fari;
L'ultima vuci cu l'ultimu ciatu,
Ca già lu sò curuzu è traspassatu;
L'ultima vuci e l'ultimu duluri,
Che già versi lu sangu e lu culuri [2].

---

[1] D'Ancona, p. 303.

[2] Foi publicada por Salomone-Marino, 2.ª ed. Palermo, 1873. Vidè os artigos de Felix Liebrecht em *Göttingische Gelehrte Anzeigen,* 1870 pg. 1035 e segg. e em *Jahrbuch für romanische und englische Sprache und Literatur,* XIV Band (Leipzig, 1875), pag. 240 e segg.

VI

«La musica vocale zingara si compone di canzoni brevi e di stornelli. I più abili in queste composizioni sono gli Zingari di Rumenia, i quali, musicando pei rumini loro padroni, cantano in lingua zingara per dolersi, per maledire, per rallegrarsi. Ed hanno successo specialmente talune strofi, un pó scollacciate, in cui entra in scena quasi sempre un tal brigante Bonjor e che finiscono coll' invocazione alla Luna (Lado). Ad esempio:

Qui sotto alla fontana, due vergini lavano il grano.
Bonjor le tiene per mano.
Lado! lado!
Qui sotto alla fontana, due vergini lavan la lana.
Bonjor le tiene per la vita.
Lado! lado!

Negli stornelli, se la strofa è battagliera, si fa precedere l'invocazione alla foglia verde di quercia; se ditirambica, alla fogli verde di vite; se erotica, alla foglia verde di rosa; se consolatrice, alla foglia verde di nagara:

Foglia verde di quercia!
Bonjor è in campagna, etc.» [1].

A poesia dos ciganos da Hispanha não parece em geral assentar numa base tradicional que remonte á patria indiana. Para os *Cantos flamencos* mostrou H. Schuchardt que os ciganos de Hispanha foram impregnados de elementos do meio peninsular.

A semelhança dos exemplos citados por Colocci com as composições analogas portuguesas é das mais proximas que encontramos nos paradigmas reunidos, no meio tambem de diferenças importantes que revelam adaptações diversas segundo tendencias particulares dos povos. O tema das «donzelas lavadeiras» encontra-se numa canção de D. Dinis:

Levantou-s' a velida,
levantou-s' alva
e vai lavar camisas
e-no alto.
Vai-las lavar alva.
Etc.

---

1 Adriano Collocci, *Gli Zingari* (Torino, 1889), pp. 279-80.

Trata-se dum tema que se oferece com a maior facilidade á Musa popular.

O tema «lavar os cabelos» surge noutras composições antigas portuguesas do mesmo genero; como na de Pero Meogo (*Canc. da Vaticana*, n.º 794):

E-nas verdes ervas
vi andá-las cervas,
meu amigo.

E-nos verdes prados
vi os cervos bravos,
meu amigo.

E con sabor delas
lavei mias garcelas,
meu amigo.

E com sabor delas
lavei meus cabelos,
meu amigo.

O estribilho Did-Lado na poesia popular dos slavos

(Nota ministrada pelo snr. Alfredo Apel, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

O estribilho *Did-Lâdo*, aparece com muita frequencia na poesia popular dos slavos, e principalmente nas canções russas. Ora um estudo atento destas canções, comparadas ainda com algumas canções analogas lituanas, mostra positivamente que se trata duma divindade leto-slava. Esta era uma divindade da primavera, relacionando-se directamente com o sol, fonte de toda a fecundidade.

Assim, existe ainda p. ex. na Russia uma festa vernal com uma dança circular, acompanhada de canto coral, e na qual se invoca aquela divindade. Essa festa intitula-se *Krássnaia Gôrka*, e provem dum antigo culto pagão, que se realizava em honra do sol. *Krássnaia Gôrka*, significa «o vermelho ou brilhante monticulo», pois primitivamente, a festa do mesmo nome era celebrada, ou pelo menos, inaugurada no alto duma colina iluminada pelo sol [1].

A referida festa vernal realiza-se no primeiro domingo depois da Páscoa, inaugurando-se assim uma serie de danças circulares *(Korovód)* e periodicas, acompanhadas de canto coral, que duram até o fim de julho. Ora já a fórma

[1] O epiteto *Krassnoe* (vermelho, bonito) acompanha constantemente, nas canções populares russas, a palavra Sólnuixko (solzinho).

dessas danças em roda, com o seu movimento circular, simbolizando o movimento do sol, mostram que devem a sua origem a uma festa agricola que se realiza em honra do sol, e que tinha primitivamente uma significação religiosa. Isto vê-se p. ex. pelo conteudo duma canção relativa áquelas danças que se conservou, e na qual se invoca *Did-Ládo* (o sol):

E nós limpámos a roça;
Ò, Did-Ládo, limpámo-la:
E nós semeámos milho, semeámo-lo.
Ò, Did-Ládo, semeámo-lo, semeámo-lo, etc.

Em muitas localidades da Russia é uso chamar-se, em Março, a primavera em canções, para ela vir; semelhantes canções denominam-se *vessnhänka* (canções da primavera, de *vessná*, a primavera). Ora em algumas dessas canções alterna o nome de Ládo com o de Deus:

Abençôa, mãe [1],
Ò mãe Lada [2], mãe,
Para chamarmos a primavera,
Para acompanharmos o inverno;

Ou:

Abençôa, Deus,
Abençôa, mãe,
Para chamarmos a primavera,
Para acompanharmos o inverno! etc.

Em algumas canções lituanas, *Láda* invoca-se assim:

Láda, Láda, dido musu deve: (Láda, Láda, nossa grande deusa!) Em uma dessas canções aparece o nome de *Ládo* junto com o do sol. Um pastor canta assim: «Não tenho medo de ti, ó lobo! O Deus com os caraçoes luminosos não ha-de deixar-te chegar. Ládo, ó sol-ládo [3]...»

VII

Eis um *canto de moinho* de Jerusalem:

Sus, escuta o mocho,
Ele piava e dizia:
Dizia: O' Zmicna,
As noites felizes passaram.

---

[1] Afanassief. *A maneira poetica de os slavos encararem a natureza* (Em russo), vol. III, pp. 690 e 721.

[2] A forma Lada, divindade feminina, encontra-se a pár de *ládo*.

[3] W. R. S. Ralston, *The Songs of the Russian People* p. 105.

Sus, escuta o mocho,
Ele piava em a noite;
E dizia: O' Zmicna,
As noites felizes acabaram [1].

VIII

O seguinte exemplo é um canto popular, muito espalhado na Alemanha, relativo á cultura do linho e em que o paralelismo é imposto pela designação das varias operações a que a planta é sujeita.

Wenn der Flachs gesäet ist,
So will er auch gejätet sein.
Lieber Mann,
Jätet dann,
So seh'ich meine Freude dran.
Ich kann Flachs sä'n.

Und wenn der Flachs gejäet ist,
So will er auch gerupfet sein.
Liber Mann,
Rupfet dann,
So seh'ich meine Freude dran.
Ich kann Flachs sä'n.

Und wenn der Flachs gerupfet ist,
So will er auch gebunden sein.
Liber Mann,
Bindet dann,
So seh'ich meine Freude dran
Ich kann Flachs sä'n.

Und wenn der Flachs gebunden ist,
So will er auch gerefft sein.
Lieber Mann,
Reffet dann,
So seh'och meine Freude dran,
Ich kann Flachs sä'n.

[1] De Dalman, *Palästinischer Diwan* em Karl Bücher, *Arbeit und Rythmus*. Dritte Auflage (Leipzig, 1902), p. 69.

Und wenn der Flachs gerefft ist,
So will er auch ins wasser hinein.
Lieber Mann,
Wässert ihn dann,
So seh ich meine Freude dran,
Ich kann Flachs sä'n.

Und wenn der Flachs gewässert est,
So will er auch gewaschsen sein,
Lieber Mann,
Wascht ihn dann,
So seh'ich meine Freude dran.
Ich kann Flachs sä'n [1].

Analogo a esse canto é o da apanha e preparação do lupulo, de que reproduzimos só duas estrofes:

Und was sagte denn der Hopfen,
Kriechend aus der Erde?
Era ritamta,
Faladroti kumferta!
Wirst du mich micht gut aufbinden,
Keim'ich auf der Erde.

Und was sagte denn der Hopfen,
Auf der Stange rankend?
Era ritamta,
Faladroti kumferta!
Wenn du mich nicht zeitig abpflückst,
Werde ich verstäuben [2].

As repetições que podemos chamar cumulativas encontram-se em muitas tradições populares, como nas portuguesas: *A Carochinha, A formiga que prendeu o pé na neve, A Romanzeira do macaco*, etc. (vid. os meus *Contos populares portugueses*, 1879, n.os 1 a 4); *As doze palavras retornadas*, de que publiquei variantes na *Romania*, III (1874), pp. 269-273, na *Revista Lusitana*, I, pp. 246-254, no *Boletim*

1 Simrock, *Die deutschen Volkslieder*, nr. 265, apud Karl Bücher, *Arbeit und Rythmus* (3.te Auflage; Leipzig 1902), p. 77.
2 *Ob. cit.*, p. 119.

da Sociedade de geographia, 2.ª serie, n.º 6; o jogo *A chave do Castelo de Chuchwrumelz*, etc.

IX

Os seguintes exemplos são de cantos de sequencia dos indigenas (Navajos) do norte da America, em traducção livre *i*nglesa:

1.

The sacred blue corn-seed I am planting,
In one night it will grow and flourish,
In one night the corn increases,
In the garden of the Home God.

The sacred white corn-seed I am planting,
In one day it will grow and ripen,
In one day the corn increases,
In its beauty it encreases.

2.

Shall I cull this fruit
Of the great corn-plant?
Shall you break it? Shall I break it?
Shall I break it? Shall you break it?
Shall I? Shall you?

Shall I cull this fruit
Of the great squash vine?
Shall you pick it up? Shall I pick it up?
Shall I pick it up? Shall you pick it up?
Shall I? Shall you?

3.

From the East
Through the middle of your field,
Your corn moves. It walks.
From the West
Through the middle of your field,
Your plants move. They walk [1]

[1] *The Journal of American Folk-lore*, vol. VII, pp. 187, 193, 194.

X

Dou na tradução alemã, para não o alterar mais por uma segunda tradução, o seguinte canto dos esquimós:

Den grossen Koonak Berg in Süden drüben,
Ich sehe ihn.
Den grossen Koonak Berg in Süden drüben,
Ich schaue ihn.
Den leuchtenden Glanz im Süden drüben,
Staune ich an.
Jenseits von Koonak
  Dehnt es sich aus,
Dasselb was Koonak
  Seewärts umschliesst.
Schau, wie sie (die Wolken) ins Süden
  Wogen und wechselm,
Schau, wie sie im Süden
  Einander verschönern;
Während er (der Gipfel) seewärts umhullt ist
  Von wandelnden Wolken
Seewärts umpüllt,
  Einander verschönernd [1].

No original esta canção como outras duas, reproduzidas pelo mesmo auctor, têm um estribilho sem sentido.

XI

Eis um canto paralelistico, como muitos dos finlandeses, em tradução inglesa:

A maiden walked along the air's edge
  a girl along the nuvel' of the sky.
Along the oultine of a cloud
  along the heaven's boundary,

---

[1] Ernst Grosse, *Die Anfänge der Kunst* (Freiburg i. B. und Leipzig, 1894), p. 234 (de Rink, *Tales and Traditions of the Eskimos*, pp. 66 ss).

In stockings of a bluish hue,
in shoes with ornamental heels,
A wool-box in her hand,
under her arm a hairfilled pouch,
etc. [1]

O traductor inglês desse canto diz: Em finlandês a segunda linha duma copla é quasi sempre uma repetição, noutras palavras, da antecedente e está em oposição com ela [2].

XII

Segue uma amostra do paralelismo biblico, extraída do *Evangelho* de S. Mateus, cap. VII.

v. 13-14 Intrate per angustam portam:
quia lata porta et spatiosa via
quae ducit ad perditionem,
et multi sunt qui intrant per eam.

Quam angusta porta
et arcta via
quae ducit ad vitam
et pauci sunt qui inveniunt eam.

v. 16-19 a fructibus eorum cognoscetis eos,
Numquid colligunt de spinis uvas
aut de tribulis ficus?
Sic omnis arbor bona fructus bonos facit,
mala autem arbor fructus malos facit,
Non potest arbor bona fructus malos facere,
nec arbor mala fructus bonos facere.
Omnis arbor quae non facit fructum bonum exciditur,
et in ignem mittitur.
v. 24-27 Omnis ergo qui audit verba mea haec et facit ea
assimilabitur viro sapienti,
qui aedificavit domum suam supra petram:

---

[1] J. Abercormby, *Magic songs of the Finns* em *a Folk-lore quaterly Revew of Myth*, etc. I (London, 1890), p. 26.
[2] *Ob. cit.* p. 22.

et descendit pluvia
et venerunt flumina
et flaverunt venti
et inruerunt in domum illam,
et non cecidit;
fundata enim erat supra petram.
Et omnis qui audit verba mea haec et non facit ea
similis erit viro stulto,
qui aedificavit domum suam supra arenam;
et descendit pluvia
et venerunt flumina
et flaverunt venti
et inruerunt in domum illam
et fuit ruina ejus magna.

O paralelismo biblico é sobretudo um paralelismo de pensamentos principalmente de pensamentos que se opõem (antiteses), como observa Eduard Norden, que o distingue fundamentalmente do paralelismo da prosa artistica grega e latina, que é formal e a que os gregos chamavam παρίσωσις. [1]

F. ADOLFO COELHO.

[1] Eduard Norden, *Ob. cit.*

FALAS E TRADIÇÕES

DO

DISTRITO DE VIANA-DO-CASTELO

(Vid. REVISTA LUSITANA, XIII, 72)

II

a) VOCABULARIO

apresigar — presigo — apresigo: ... «um caixão de cajú, pitanga e goiabada, golosinas que os velhos apresigavam com brôa, pesarosos, ao que parecia, de não poderem apresigar tambem um papagaio e um saguí, bichos que distrahiam Angelica do trabalho. — CAMILO, *A Bruxa de Monte-Córdova*, Lisboa, s. d.; pág. 11.

E na mesma página, em nota:

«Creio que o termo *apresigar* não corre auctorisado pelos diccionaristas portuguezes. *Apresigo*, nas provincias do norte, diz o mesmo que *conducto*. É boa palavra, porque tem a chancella do mais classico povo de Portugal.»

Apresigo ou *presigo*. Esta última forma é a mais usada por aqui.

barrela — barrelona, mulher porca. Mais raro ouvir-se *barrelão*, homem porco.

barroneira, = *varroeira* (de *varrão*). Diz-se da porca que procura o porco. (Comp. **boieira.**)

bate. Nas *Apostilas* (pág. 133, I) lê-se: «O que é singular é que *bate* seja o nome que em Caminha se dá ao *pão-de-ló*, outra locução de origem obscura» ...

Efectivamente, *bate* é por aqui, por toda esta região do norte, *pão-de-ló*, ou, mais justamente, a *rosca de pão-de-ló*.

A *rosca* é pequena, ou grande como a roda de um carro (comparação popular), e em geral não é furada no centro. Mais próprio neste caso era chamar-lhe *bôlo* que *rosca*. Mas tambêm chamam *roscas* a uns *folares* de pão que teem a forma de U e se usam pela Páscoa.

Bate é, a meu ver, o substantivo verbal de *bater*. O *pão-de-ló* é muito *batido*; faz-se *batendo* muito a massa de que é preparado, antes de ir ao forno.

(Comp. *bater manteiga*, *bater ovos*, etc.) De *bate de pão-de-ló*, ficou simplesmente *bate* (Comp. **pique**).

beto. Jôgo com uma *tala* e uma *bola*, etc. Pronuncia-se *bêto*.

Pelo que se vê nas *Apostilas* (pag. 144, I), em Trás-os-Montes chamam *beto* a uma espécie de meia-pá de madeira com que se joga o *toque-em-boque*.

Não sei se o jôgo será o mesmo. Aqui chama-se *beto* a um jôgo em que se usa uma *tala*. Para *tala* serve uma tàboazinha estreitada numa ponta para se poder pegar nela fácilmente e apropriada a arremessar longe, por pancada, uma bola que outro jogador lança verticalmente ao ar.

belfa, prosápia, bazófia. *Hei de tirar-lhe a belfa. Tem muita belfa:* frases populares.

Não sei se advirá esta acepção a «belfa» de em regra trazerem os «bazófias» as bochechas *inchadas,* cheias, e o lábio inferior saído desdenhosamente. (De *belfo*);

Bazófia é também o que tem *bazófia: Aquilo* é que é *bazófia* ou *bazófias*! [1]

bico: 1) = *beijo.*

O sr. Gonçalves Viana, nas *Apostilas* (I, pág. 146), já menciona *bico* nesta acepção. Mas não é só em Caminha. É em todo o norte, e ainda em galego.

Semeei na tua horta
a semente dos cuminhos,
a quem lhe deste os abraços
dá-lhe também os biquinhos.

E ao lado desta cantiga, que ouvi a uma senhora de Viana, estoutras galegas:

A estopa non é lan:
¡quen me dera ser estopa
que tantos bicos lle dan!

Dechesme un anillo de ouro
todo roido dos ratos:
A quen lle dechel-os bicos
Dalle tamen os abrazos [2].

Há uma poesia de R. Lopez intitulada «un bico» e cujo primeiro verso é —*ay, Maruxiña, por Dios dam, un bico*

E esta rima popular:

— Dás-me um bico?
— Não que me pico.

2) = renda estreita, aos bicos. *Vai comprar uma peça de bico.*

Há ainda outras acepções de *bico,* espalhadas pelo país:

3) = aparo
4) = bôca. *Cale o bico! Bico-aite!*
5) = bebedor de vinho
6) = bebedeira

Veja-se êste passo:

Nos grandes do vinho o effeito
Dizem todos: — é *spleen!*
No pobre . . . a queixa de peito
É vinho! . . . Vae tudo assim! . . .
É *perua* . . . é *cabelleira* . . .
Carraspana . . . *borracheira*
Turca . . . *porco* . . . e que sei eu?. . .
É inda *bico* . . . *moafa* . . . — FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS — *Poesias;* Pôrto, 1855, pág. 300.

E já que se fala de sinónimos de *bebedeira,* mais êste passo:

«E porque o beber em tal dia, tanto agoniou o governo, e apanhar á segunda ou terça-feira um pifão de tumba e caldeirinha — não irrita os escrupulos da consciencia ministerial?» — *A Voz Publica* (Pôrto), 25-agosto-1907.

Por aqui diz-se: BÊBEDA, CAMUECA, NASSA, PIFÃO, PITEIRA, TACHADA, TURCA, CARRASPANA, PIELA, ROSCA, PERUA, TIORGA.

7) = pessoa (como se diz «bôca», «cabeça»):

«Parece que há já muitas inscripções para o banquete de amanhã. O preço é de 2$500 cada bico, fóra os vinhos». — *A Luta* (Lisboa), 24-agosto-1907.

8) = dificuldade, questão embaraçosa:

. . . «com um bocadinho de boa vontade, arrumando-se na ultima categoria o *bico* da padralhada estrangeira» . . . —

[1] Sôbre outros significados de *belfa,* vid. *Apostilas,* pág. 139, I.

[2] Cantares populares de Galicia in - *Boletin de la Real Academia Gallega.* V — pag. 90 e 91.

Educação Nacional (Pôrto), 2-setembro-1911.

9) = «Os porcos em Mondim-da-Beira chamam-nos *bico! bico!* ou *bicá! bicá! bicá-tó,* tó, tó...» — *Tradições,* do sr. Leite de Vasconcelos, pág. 190.

E há as expressões:

10) = *bico d'obra*

..., « promete degenerar n'um serio *bico d'obra*». — *O Primeiro de Janeiro* (Pôrto), 23-novembro-1911.

«Lisboa, 26...

...embora andem preocupados (os chefes monárquicos) com o caso da sucessão, que tem bico d'obra.» — *A Voz Publica* (Pôrto), 27-julho-1907.

11 = *água no bico*

«Olha que na vila já perguntaram se cá na casa estavam hóspedes, porque vinham p'ra cá muitas comidas. Que não vão elles pegar a desconfiar... Esta pergunta á moça traz água no bico. — CAMILO, *A Brasileira de Prazins* — in-*Norte* (Pôrto), 15-abril-1908.

12) = *Virar o bico ao prego.*
13) = *bico do peito* = mamilo.
14) = *grão de bico.*
15) = *pau de dois bicos.*
16) = *melro de bico amarelo.*
17) = *bico da rótula* (anatomia).
18) = *bico-incandescente.*
19) = *bico-de-grou* (espécie de erva), etc.

boieira, diz-se da vaca que procura o boi. (Cfr. *barroneira*).

candeia: é a flor do castanheiro, em Paredes-de-Coura.

carrela, = padiola. (Areosa)

chieira, vocábulo registado nas *Apostilas* (pág. 291, 1). Quere dizer *bazófia, vaidade.* Usado no Pôrto e também por aqui. Póde-se dizer que é empregado pelo povo do norte.

Vem de *chiar*. Provávelmente assim:

A gente do povo ao domingo, ou em ocasião de festa, enfarpela-se o melhor que pode. Ter uns sapatos ou umas botas novas é o cúmulo da satisfação. E se êsse calçado *chia,* indício de que é novo, — a gente classifica a satisfação do proprietário do calçado pelo que nele mais sobressai: a *chieira.*

E como o nosso povo tem, como todos, a sua vaidadezita, ela vem-lhe ao rosto e às maneiras, ao sentir o efeito da *chieira* do calçado. O vocábulo passou a designar essa *bazófia* e, depois, *bazófia* em geral.

chòninha, chòninhas, = maricas; pessoa, no geral homem, amaricada. De *Joaninha*, talvez.

condesseiro, homem que faz condessas.

«*Condeceiros* — Manuel Gonçalves»... — *Almanaque de Viana e seu distrito* para 1912, pág. 100.

curador. Ouvi chamar assim ao « curandeiro », na Abelheira, perto desta cidade.

empalhador, o que *empalha,* que põe a *palhinha* nas cadeiras, canapés, etc.

«*Empalhador* — João Dias».. — *Almanaque de Viana*.. para 1912, pág. 103.

esgadunhar = esgadanhar, arranhar. De *gadunha, gadunho,* termos com que o povo indica as unhas crescidas. *Tira lá as gadunhas! Gadunho* é usado mais no sentido de *dedos, mãos: está lá quieto com os gadunhos!*

espalho, substantivo verbal de *espalhar* (= distrair ou distrair-se. *Vou espalhar* = vou-me distrair. *Vou espalhar a tristeza*).

Tomar um espalho.

estardalho = estafermo. Ex: «O diabo do estardalho!».

estendal: o argaço depois de apanhado é *estendido* na praia a secar; espalham-no, em geral, numa camada de forma rectangular. A praia fica assim aqui e ali coberta de toalhas de argaço: são os estendais. Cada uma dessas toalhas para assim dizer — é um *estendal*.

feirão, feira pequena. A *feira* é o mercado mais importante da semana — se a *feira* fôr semanal como em Viana.

Em alguns dias da semana há o *feirão* = feira pequena, meia-feira.

O dia em que é a *feira* chama-se o *dia-de-feira*.

[Comp. *corda* > *cordão*].

grabalho: a um meu aluno de português no Liceu ouvi *grabalho (gravalha* aqui). É de Paredes-de-Coura (Cossourado).

mamar (termo popular e familiar) = *comer*, ou *beber*, aliando-se-lhe idea *de grande quantidade, de deleite* ou de *sofreguidão*. Devorar. Tragar.

É de uso geral.

« Se Hercules passava por hum gigante, porque a cada jantar mamava um boi inteiro » ... — JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, *Motim literário* — Lisboa, 1811 — tomo II, pág. 52.

mata-bicho: *matar o bicho* é beber em jejum um pouco de aguardente, cana, genebra, ou qualquer bebida alcoólica. Por extensão, é tomar qualquer coisa, bebida ou comida, de manhã, antes do almôço.

Em Tui ouvi *matar o bicho* e *matar o becho*.

O que serve para *matar o bicho* chama-se *mata-bicho*.

Matar o bicho provém de, em jejum, o vazio do estómago se manifestar como se dentro dele estivesse um bicho que o *mata-bicho* mataria. A sensação de vacuidade do estómago também é comparada ao roer de ratos dentro daquela viscera. *Já sinto ratos no estómago. Lá me estão os ratos a roer no estómago.*

Assim, parece-me acertado dar tal origem á expressão *matar o bicho*, confirmada pela expressão popular espanhola *matar el gusano:*

« ya había oído misa y matado el gusano com un sorbo de aguardiente y un bollo de aceite cuando el alba se acordaba de saludar al pueblo ». — ANTÓNIO FLORES — *Ayer, hoy y mañana*, Barcelona, 1893 (nueva edición ilustrada), I, pág. 186.

... « los vemos (aos « criados del coche ») antes de amanecer á la puerta de la casa tomando el aguardiente, para *matar*, como ellos dicen, *el gusano de la madrugada, ó echando la mañana* que es frase de que también se valen esas gentes ». — *Ibidem*, II, pág. 365.

— Observa-me Leite de Vasconcelos que já em tempo assim explicou *matar o bicho*, — e cita-me RIEGLER, *Das Tier im Spiegel der Sprache*, p. 290

mondilho. Completando o que escrevi nesta Revista [1] sôbre *gravalha*, recebi os seguintes informes:

Em Gondomil (Paredes-de-Coura) chamam-lhe *pinho*, em Sanfins (P.-de-C.) *mondilho*.

Em Paredes-de-Coura diz-se *fasco*, e a *uma* fôlha de pinheiro sêca chamam *fasqueiro* [2].

Em S. Pedro-da-Tôrre (P.-de-Coura), chamam-lhe *cisco*.

pente-dos-bichos: é *pente fino, pente meúdo*, pente de tirar os *bichos*.

... « e ella, arrebitando o dedo minimo branquinho e papudo, sulcava-lhe as rêpas lustrosas com o pentesinho dos bichos » ... — EÇA DE QUEIROZ — *O Mandarim* (Pôrto), 1880, pág. 5.

pique: a renda-de-bilros é feita, numa almofada cilíndrica especial, sôbre uma tira de papel grosso, pintado de amarelo e que tem desenhado a tinta preta o caminho do *cordão*. Essa tira de papel é *picada*, isto é, tem muitos furos, através dos quais se espetam

---

1 XIII, págs. 82-88.

2 Vid. *Rev. Lus.* XIII, 89, nota 2.ª.

na almofada os alfinêtes que seguram e dirigem os pontos da renda.

Chama-se a essa tira picada — o *pique* (de *picar*. Comp. *bate*).

postoiro: é o lugar onde se esconde, se *põe*, ocultando-a, a chave da casa. (Perre [Viana], Venade [Caminha]).

Como na aldeia as casas teem uma só chave, combinam os que moram nelas o lugar onde a chave *é posta*, para dela se servirem sem o risco de outrem a encontrar.

réins é como o povo chama às *cadeiras*, — «flancos» ou «ilhargas» em anatomia topográfica.

Ao *rim* chama, em geral, *ril*.

... «o meu homem pediu a baixa do serviço... Foi ferido cinco vezes e ganhou doença dos réins»... — CAMILO, *A Bruxa*... Lisboa, s. d.; pág. 140.

Neste passo está *reins* como masculino: *réins*, no sentido que dissemos, é feminino. *Tenho uma dor nas réins*. Na citação que fazemos está *reins* por *rins* e, por isso, no género masculino.

revendedeira: é a *revendedora*, *revendona*. ... «achar-se-hão nella os vilissimos sentimentos de huma revendona da Praça»... JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, *Motim Literário*, II, pág. 74.

Também se lhe chama *contratadeira*. Compram às *vendedeiras*, fazem *contratos* com elas, *para revender*.

robalo: êste peixe tem nomes diversos, segundo o tamanho.

De meio palmo, pouco mais ou menos, chamam-lhe *còrninho*.

Quando tem um palmo, chamam-lhe *palmeiro* (de *palmo*).

Acima do *palmeiro* há o *chaliço*; depois, já maior, o *robaliço*; depois, entre o *robaliço* e o *robalo*, o *meio-robalo* [Viana].

tapo: o que serve para tapar. *Pôr um tapo na pipa* (de *tapar*).

Já nesta revista (vol. 13.º, pág. 89) registei esta adivinha:

— O qui é ũa coisa, redondinho, redondo, que num téim tapo néim betóque?

— De *tapo* > *tapulho*.

Numa pia o *tapo* é um farrapo; pode-se pôr numa garrafa um *tapo* de papel, etc.

tarôco = bocado, naco. *Taroco de pão*, por exemplo. Paralelo a *tanôco*.

tarócos são os *sócos*, tamancos.

O *Novo Dicionário* inclui *taroca*, f., que não ouvi ainda.

vinagrada — sangria: *vinagrada* é o *refrêsco* de vinagre.

«Existe uma grande variedade [de refrescos], desde os refrescos inglezes á modesta vinagrada». — *Jornal de Viana*, de 26-setembro-1907.

*

O refrêsco de vinho chama-se *sangria*:

— «O vinho tinto com agua eis um bom refrigerante... chamando-se-lhe vulgarmente «sangria». — » — *Ibidem*.

venda = taberna.

... «lembrei-me com os olhos humedecidos, da minha aldêa do Minho, do seu adro assombreado de carvalheiras, a venda com um ramo de louro á porta, o alpendre do ferrador, e os ribeiros tão frescos quando verdejam os linhos»... — EÇA DE QUEIROZ, *O Mandarim*; (Pôrto), 1880, pág. 110.

vidro, frasco, garrafa pequena.

b) ADIVINHAS

5. Qui-é, qui-é,
que d'alto-istá
e d'alto mora,
todos o bêm
ningueim o adora? [1]

(Sino).

6. Qui-é ũa coisa que nace c'as mãos atadas na cabeça?

(*Fénto*).

7. O qui-é ũa coisa que bai fazer chorar a gente a casa? [2]

(Caixão de defunto).

8. O qui-é que bai c'as tripas arrasto p'rò monte?

(As *bérgas do carro. Bérgas* [vergas] são *atilhos* de carvalho, feitos de vergas retorcidas, e que servem para atar o *tojo* nos carros).

9. O qui-é que bai co rabo p'ra diênte e a bôca p'ra tras?

(É o *forcado.* "*Forcado*" — diz a mulher — *é uma coisa de agarrar nas panadas para as botar no carro. Panadas de tojo são montes de mato: com o forcado* atira-se *a panada* p'ra cima do carro).

10. Cais é mais dura: é quéim na fura ou quéim na dependura?

---

[1] As adivinhas 5-9 foram ouvidas a uma mulher de Beiral (Ponte-do-Lima) há bastantes anos em Viana. Ela às adivinhas chama *contos*.

[2] A mesma adivinha ouvida a uma môça de St.ª Maria-de-Rebordões (Ponte-do-Lima): «Qui-é uma coisa que nace no monte e béim fazer chorar a gente a casa? — Sõu os pinheiros». Percebe-se agora bem a adivinha. Dos pinheiros fazem-se os caixões de defunto.

(Irgola [*argola*], espécie de brincos: *argolas*).

11. Qui-é uma coisa comprida como uma corda de carro e redonda como uma dorna?

(Poço). [1]

---

c) CANTIGAS

4.

Teinho cárta no correio,
ai, Jesus! de quéim será?!
Si-é d'Antone num a quéro,
si-é de José trágà cá. [2]

5.

José ámo, José quéro,
José trágo no sentido,
por causa de ti, José,
trago-o meu sono perdido.

6.

Antone, lindo Antone,
cabelinho aos aneis,
por causa de ti, Antone,
passo tormentos crueis.

7.

Antone, belo Antone,
tu és um belo rapaz;
hei de dar-te umas calcinhas
abèrtinhas po'detrás.

---

[1] As adivinhas 10 e 11 foram ouvidas a uma môça de St.ª Maria-de-Rebordões (Ponte-do-Lima), há anos nesta cidade.

[2] *Traga-a cá.*

8.

Assênta-te aqui, Antone,
rapaz que béins infadádo,
nesta cadeirinha noba,
feita da raiz do crábo.

9.

Assênta-te aqui, Antone,
tu numa pédri-eu noutra;
aqui choraremos ambos
a nossa bentura pouca.

10.

Abaixa-te Serra d'Arga
donde o penêdo caiu;
ninguéim dígò-que num sábe,
néim afirm'o que num biu.

11.

Bai-te carta f'liz boando,
que lindos olhos bais bêr;
carta, põe-te de joeilhos
q'ando te forem a lêr.

12.

Rapazes e raparigas,
Olhai lá porond'andais,
s'a honra é comò bidro,
cobrando num solda mais.

13.

Papagaio louro,
de bico dourádo,
leva-m'esta carta
ao meu namorado [1].

[1] De 4 a 13, ouvidas a uma rapariga de St.ª Maria-de-Rebordões (Ponte-do-Lima).

*

14.

O papagaio téim pênas,
sõu brancas ou negras,
de bárias côres.

O' mamá,
eu béim le dezia,
qo andar de noite
era tolaria

15.

Rapazes da lialdade,
falai a berdade
aos bossos amores.

O' mamá,
eu béim le dezia,
que papas à noite
fazíum azia [1].

16.

Assubi ò limoeiro,
cheguei ó meio, caí:
o limoeiro é-a morte,
ai de mim! que já morri.

17.

Assubi ò limoeiro,
cinco fôlhas le tirei:
cinco sentidos qu'eu tinha
todos im ti impreguei.

---

[1] 14 e 15, letra de um cantar do povo. Ouvi-o às raparigas de Anha, na apanha do argaço. Note-se *mamá*, que é como o povo diz, por influência de *papá*. E também *irmá*.

Os substantivos como *tolaria*, de formação popular, são freqùentes: *fidalgaria*, *zelaria* (zêlos).

18.

Bai carta onde te mando,
responde, sábe falar;
os olhos que te *notarum* [1]
já-'stõu fartos de chorar.

19.

Por Antone dou a bida,
por José peixes do mar,
por Manuel a mim mesma
que num teinho mais que dar.

20.

Olibeira do Brasil,
bota-me p'ra cá um rámo;
meu amor é teimoso
dúrum-las teimas um ano.

21.

Bai de roda, bai de roda,
cada q'al sua cantiga,
eu tambéim cánto-a minha
q'a nessidade m'òbriga.

22.

Foi à figueir'òs figos,
corri-a toda òs ramos;
ninguéim se fie nos homes,
falas deles sõu inganos [2].

---

[1] *Notar cartas*. Expressão tambêm popular em Espanha:

... no habrá un hombre que pueda gloriarse de tener una carta escrita por ninguna de ellas. Cierto es que sobre no saber *notarlas* (y esto era entonces una ciencia al alcance de pocos), no había en la casa más tintero que el de la escribanía» ...—ANTONIO FLORES: *Ayer, Hoy y Mañana*, I pág. 83-84.

« Asi se lo escribió á sus padres en la primera carta que *notó* a un paisano suyo» ...—*Ibidem*, pág. 283.

[2] 16 a 22 ouvidas a uma mulher de Beiral (Ponte-do-Lima).

23.

O anel que tu me déstes
no domingo do Senhor
era-me largo no dêdo
e apertado no amor [1].

24.

Ai! ai! ai!
eu sou comò cuco:
de di'é qu'eu cánto,
de noite trabuco [2].

---

d) COMPARAÇÕES POPULARES

amarelo como a cera.
amargo como fel.
azêdo como rabo de gato.
bêbedo como um cacho, como um carro, como um nabo.
beber como uma esponja (= beber muito).
bom como o bom melão.
branco como a cal.
bruto como um sóco.
burro ou tapado como uma porta, como um seixo, como um tamanco.
cair como um tordo (= «cair redondo»).
caro como fogo.
chato como uma espadela [3].
comer como um lavrador, como uma frieira [4].
contente como um cuco.
doce como mel.
dormir como um porco (= dormir muito).
esperto ou fino como um alho, como um coral.
falar como um doutor (= falar muito bem).

---

[1] Viana.
[2] Ouvida em Darque, na festa da Senhora das Areias. De uma canção.
[3] Ouvida a uma rapariga de S. João-da-Ribeira (Ponte).
[4] Aproximação dos dois significados de *comer*.

feder como uma poupa (diz-se do que «fede que tresanda»).
feio como um bode.
forte como uma tôrre, como as armas.
fulo como uma barata, como uma bicha (=muito zangado).
gordo como um batoque, como um chino («porco-chino»), como um abade.
lindo como uma flor, como um amor, como os amores, como uma estrêla, como um céu aberto.
magro como um cão.
mau como as cobras.
molhado como um pito.
negro como um tição.
parir como uma bácora (=ter muitos filhos).
pernas gordas como cepos.
pernas magras como palitos, como cabos de faca.
sêco como as palhas.
suar como um boi.
triste como a morte.
vermelho como um tomate.

Cf. *Selec. comp. alentejanas*, do sr. A. TOMÁS PIRES.

---

e) RIMAS, ESTRIBILHOS E DITADOS

— Adeus, meu amor.
— Abra-me a porta quando eu lá fôr.

— . . . afinal de contas . . .
— Linhas quebradas tudo são pontas.

=Doutor da mula ruça, tira o chapéu e põe a carapuça.

=A quem Deus não dá filhos, dá o diabo sobrinhos.

=Pelo visto e pelos autos (ou altos), andam as pulgas aos saltos.

=Chegou e disse, tirou o chapéu e foi-se [1].

---

[1] Diz-se de quem larga uma sentença ou faz aviso ou admoestação com ar de enfado.

= Quem te fez que te ature.

= Adeus, Viana, que vou p'rò norte! [1]

= Quem te não conhecer que te compre.

= Bem te conheço que és de Carreço.

= És de Darque vais p'rò fundo [2].

= Troque-me a porta mas não me troque o nome [3].

— Como se chama?
— *Justa* ou *sempre-assim* ou *chamo-me com a bôca*. São as respostas vulgares das raparigas.

= Com (*ou* por cima de) melão, vinho de tostão (= «com melão vinho muito bom»).

= Com peras vinho bebas, e tanto êle seja que nadem as peras.

= Espirram os cabritos (as cabras, os carneiros, os bodes), temos bom tempo.

= Minha rica flor do tojo, quando te vejo metes-me nojo.

= Não há carne como a do carneiro nem amor como o primeiro.

= O luar de janeiro alumeia como o candieiro.

= Depressa e bem há pouco quem.

= Muito e bem não faz ninguém.

= Falai no mau, aparelhai o pau.

= Dá-o Deus na eira e tolhe-o Maria na masseira [Ancora].

---

[1] Exclamação de enfado.

[2] Alusão à gente de Darque da qual se conta que, em certa ceremónia religiosa, foram enterrar o Senhor *na areia* (na margem do Lima), pelo que vão para *o fundo*, para o inferno.

[3] Diz a pessoa a quem trocam o nome.

= Um tostão, cento e dez, nunca chega a três vinténs [1].

= Falo eu ou chia um carro? [2]

---

f) FRASES DO POVO

1) *Estar a rastos de barato.*

2) *Estar pelas portas da morte* (= muito caro).

> ... «ó mulheres, se me trazeis a ponta do nariz d'esse ladrão pago-vos duas canadas de vinho maduro, e mais elle está pelas portas da morte». CAMILO, *a Bruxa* ..., Lisboa, s. d., pág. 142.

3) *Ir à pavana a alguêm* (= bater-lhe).

> «Ora meu velhote, não se vá fazer fino com palavriado lá para o meio do povo, que lhe vão á pavana!» *Ibidem*, pág. 143.

4) *Fazer de fino, fazer fino.* (Vid. citação antecedente), o mesmo que *dar ares* ou *tomar ares.*

5) *Fazer alguêm de fel e vinagre* (= desesperá-lo, enraivá-lo).

6) *Arrotar postas de pescada* (= bazofiar).

7) *Por* ou *para descargo de consciência.*

> ... «descarguo da minha consciencia»... (Testamento de 20-nov. 1587: mss. n.º 77 do Tombo das capelas de Viana. Fl. 381).

8) *Pancada de criar bicho.*

> «E, afinal, com o pretexto dos bichos levaram mas foi pancadaria — de criar bicho». *Fôlha de Viana* (Viana-do-Castelo), de 28 nov.-911.

9) *Andar de costas direitas.* Andar a vadiar, sem trabalhar. Alia-se a trabalho a idea de corpo curvado.

---

[1] Diz-se a quem coxeia, arremedando o ritmo da claudicação.

[2] Diz quem fala, quando outros falam ao mesmo tempo.

g) SUPERSTIÇÕES

A respeito de *crianças.*

Em Alvarães, as mulheres não cortam o cabello nem as unhas aos filhos antes de falarem porque, cortando-lhos, ficam *tardeiros na fala, gagos e pouco faladores* [1].

*

Há dias — diz-me um amigo de Alvarães — entrando numa casa em que estavam a lavar uma criança de uns 10 a 12 meses, observei que a mãe depois de lhe lavar o corpo bastante sujo e tendo a criança ainda posta no alguidar «começou a apanhar água na mão e a deitá-la pela bôca da criança». Quis mostrar os inconvenientes daquela porcaria e a mãe atalhou: «tenho deitado água na bôca todas as vezes que lavo êste menino e minha mãe tambem a nós nos fazia o mesmo e nem para mim nem para ela conheço melhor remedio para tornar as crianças *humildes*».

*

...«eu disse-lhe que aqui (em Alvarães) e para este povo só as crianças eram vítimas de três doenças: *aguar, bichas e mau ar.* No *mau ar* é comprehendido: *olhaduras* de mulheres que com a vista podem fazer mal ou bem. A inveja tambem pode tolher as crianças; isto por elas serem bonitas ou mais gordas do que as de qualquer outra.

É muito freqùente uma mãe, quando tem um filho nutrido, não o querer mostrar a ninguém, e se o mostra com facilidade, olhando-se para o braço direito da criança [é muito freqùente] ver-lhe preso ao mesmo uma saquinha, ordináriamente feita de flanella vermelha, tendo dentro um bocadinho de alecrim, mirra, incenso, cera virgem, sal e um bocado de barro ou bosta do forno [2] e palha de alhos com esta mistela a criança está livre de tudo quanto fôr más-vistas ou invejas.

A tal saquinha, assim composta, tambem é ordinario ver-se pen-

---

[1] Nas *Tradições pop. de Portugal*, pag. 204, regista-se: «Se antes das creanças fallarem, estas se mirarem num espelho, ou se alguem lhes cortar o cabello, ficam sem falla (Minho)».

Em Darque (Viana) não lhes cortam as unhas antes de falarem, senão nunca falam. O mesmo acontece se se olham a um espelho (Viana), ou se se lhes põe o pente na cabeça (Viana. Beiral [Ponte-do-Lima]).

[2] As portas dos fornos são barradas com *bosta,* ou com cinza e água.

durada ao pescoço das vacas leiteiras e isto para que as donas das outras vacas ao verem a vaca com *êste enorme apparelho* (úbere recheado de leite) não lhe façam *com a vista* secar o leite.

Se o leite seca por as vacas não trazerem a tal saca, o primeiro remédio a fazer é esfregar o corpo do animal da cabeça para o rabo com o colete do dono. Chamam a esta operação *esfregar ao repêlo*».

Apenas modifiquei a pontuação e a ortografia, e pus entre ganchos uma expressão necessária para inteligência fácil da leitura e que o informador tinha com certeza em mente, não a repetindo por estar no principio do periodo.

*

Com a *criança ao peito*, não se pode passar por cima de água, senão dá-lhe a *gôta* [Beiral (Ponte do Lima)].

*

Por causa dos *maus ares*, ao toque das Trindades, cobre-se a cabeça da criança com o chapéu do pai ou com outra qualquer coisa dele (Beiral).

*

Quando uma criança *aguou*, o remédio é mandar fazer um bolinho de farinha triga ou de farinha milha à madrinha da criança para esta o comer detrás de uma porta sem que ninguém veja; assim perde a *agùice* [1] [Alvarães].

Uma criança, que estando a morrer dá muito soluços, morrerá mais fácilmente se vier o padrinho e a madrinha deitar-lhe a bênção [Alvarães].

*

Por causa da gota, as mães dão aos filhos, antes dos 7 anos, leite de mãe e filha, isto é: de uma vaca e filha, de uma ovelha e filha, etc. [Alvarães].

---

[1] A pessoa que me contou isto disse *aguou* e *agùice*. Já foi estudante. Popular é *ougou* e, naturalmente, *ouguice*.

Aguar no sentido em que é tomado o vocábulo por gente deixada de superstições — é *crescer água na bôca*, *aguar-se a bôca*, e diz-se principalmente das crianças (Comp. *Trad. Pop. de Port.*, pag. 204 u).

*

Para tirar a mania do roubo às crianças, dá-se-lhes papas de farinha milha onde tenha sido cozido um rato vivo, até êste se desfazer.

Segura-se o rato por um fio atado á cauda.

Desfeito o rato e cozidas as papas, tira-se o esqueleto do rato.

A criança deve comer sem ter conhecimento do rato, senão o remédio de nada vale [Alvarães].

*

Desde que nasce até ser bàtizada, a criança deve ficar de noite com luz acesa, porque senão vem o diabo e as feiticeiras e não querendo que a criança se bàtize esganam-na, antes de que o *bàtismo lhe fàça a alma santa* [Alvarães].

*

Quando uma criança mama até grande, por ex. até aos quatro anos, é porque há de ser muito esquecida e ter pouca memória [Beiral (Ponte-do-Lima)].

*

Quando uma criança já é grande e ainda não fala, o padrinho e a madrinha metem-na num fole e vão pedir nove esmolas que dão a comer à criança.

Ao pedir, dizem:

Quem dá esmolinha á criança do *fol* que quer falar e não pode. —(Comp. *Trad. Pop. de Port.* pag. 206-207).

*

Na pag. 112 das *Tradições Pop. de Port.*, vem notícia da passagem da criança através de um vime, para curar hérnias.

Como a tradição que colhi é um pouco diferente, vou expô-la:

Criança quebrada, no dia de S. João ao meio-dia, é levada *adonde* houver vimes, racha-se um ao meio, sem o cortar fora, na presença de três raparigas com menos de sete annos, estando elas a fiar; passa-se a criança através da abertura do vime, acompanhando a ceremónia de *resas* e *ladainhas*. Depois, une-se o vime, atando com o fio que as três raparigas, três Marias, fiaram. Se o vime soldar, a criança fica boa, e, se não soldar, repete-se a ceremónia no S. João seguinte [Alvarães].

*

A's crianças, principalmente, costuma dizer-se: *Deus te faça um santo!*

É costume geral no país, e que também nalgumas terras espanholas observei.

D. António Florez, na obra que tenho ocasião de citar várias vezes neste artigo [*Ayer, Hoy y Mañana*, I, pág. 28], diz:

«Por próxima que estuviese al convento la casa á que iban (os frades) de visita, no se libraban de un besamanos general de cuantos chicos y mujeres les salian al paso, haciendolo también algunos hombres muy granados, con especialidad los que tenían alguna posición oficial en la corte.

—Dios le haga un santo—era la frase obligada del fraile después de dar á besar su mano».

Efectivamente, a frase de ordinário é proferida quando se dá a mão a beijar ou como resposta ao pedido de bênção. O trecho que transcrevo diz respeito aos frades em Madrid, no ano de 1800.

*

Sôbre os *prodigios infantis*, já o sr. Leite de Vasconcelos falou nas *Tradições*, pág. 209.

Aí se transcrevem passos de Camões e Garcia de Resende, apontando-se crianças prodigiosas, e ainda versos do romance de «D. Silvana» e dos *Rom. pop.* do sr. L. de Vasconcelos.

O Padre Feijóo diz:

«De esta grande diferencia, que hay en la constitucion individual, vienen aquellos prodigiosos adelantamientos de algunos jovenes à quienes ordinariamente no igualan los literatos octogenarios.

Sabido es lo de Juan Pico de la Mirandula, el Escocés Jacobo Criton, el Español Fernando de Cordoba, Gaspar Scioppio, Hugo Grocio, el Españolito, que hoy se admira en Paris, y otros. Pudieramos añadir à estos vulgarizados exemplos otros muchos, no tan comunes, y no menos admirables; pero nos contentaremos con señalar dos, los mas sobresalientes. Gustavo de Helmfeld, hijo de un senador de Suecia, de diez años sabía doce Lenguas, la Sueca, la Moscovita, la Polaca, Francesa, Española, Italiana, Alemana, Flamenca, Inglesa, Latina, Grieca y Hebréa: sobre esto era Filosofo, tenía alguna tintura de Theologo, y posseía algunas partes de las Mathematicas.

Pero à quanto hasta ahora se ha visto, excedió un prodigioso niño,

nacido em Lubeck el año de 1721. y muerto el de 1725. llamabase Christiano Enrico Heinecken. Copiaré lo que de él dicen los Autores de las Memorias de Trevoux en el Tomo primero de 1731. como testificado en diferentes impressos por varios Autores fidedignos de la misma Ciudad, y País. Este niño à los diez meses empezó à hablar. A los doce sabia los principales sucessos contenidos en el Pentateuco. A los trece, la Historia del Viejo testamento. A los catorze, la del Nuevo. A dos años y medio respondía oportunamente à las preguntas que se le hacían sobre la Historia Antigua, y Moderna, y sobre la Geografia. Muy luego habló con facilidad la Lengua Latina, y passaderamente la Francesa. Antes de empezar el quarto año sabía las Geneologías de las principales Casas de Europa, y explicaba con entendimiento, y juicio las sentencias, y passages de la Sagrada Escritura. Luego aprendió à escribir, no pudiendo apenas sostener la pluma. Aborrecía todo otro alimento que leche, y ese havía de ser de la propria Ama que empezó a criarle; de modo que no le destetaron hasta pocos meses antes de morir. Era de debilíssima complexion, y frequentemente enfermaba. En fin murió el dia 27. de Junio del año de 1725. llenando de admiracion à todos la constancia y resignacion heroyca, que mostró en todo el discurso de la enfermedad...

Yá veo que puede haver mucho de exageracion en esta Historia, pero nada de impossibilidad»... *Discurso* I, do tomo VI do «Theatro Critico Universel» — Nueva edición, Madrid, 1781.

---

h) PRÁTICAS RELIGIOSAS

Os «clamores»

Sôbre os «clamores» na festa da Senhora das Areias (em Darque) fiz eu um artigo em 5 de agosto de 1907, que foi publicado na *Aurora do Lima* nesse ano, e reeditado no mesmo jornal de 24 de Julho de 1911.

No ano seguinte (1908) não pude assistir aos «clamores», e êsse foi o último ano em que os houve.

Registo portanto, a tal propósito, o artigo a que aludo, porque mais não consegui saber dêsses já acabados *clamores:*

«Por uma manhã fria, qual foi a de ante-ontem, lá calcámos a ponte, quási escondida em umidíssimo nevoeiro, que se arrastava densamente por sôbre o rio.

Pouco longe do termo dela, principiou de distinguir-se o maçanetar dos zabumbas, revezado com as gaitadas das filarmónicas, logo se lhe juntando o estalejar dos foguetes.

Era a procissão; em breve se confirmou o juízo de que ela fôsse, enxergando-a a recolher-se à capelazinha, através de o rarear do nevoeiro que rastejava na margem já batido pelo sol, cujo calor se coava até nós frouxamente, mas fazendo antever já a sua intensidade no passar do dia.

No sítio do arraial, quando o alcançámos, tocavam alternadamente duas músicas d'aldeia, de farpelas marciais, cercados os coretos respectivos por algumas dúzias de lavradores boquiabertos; havia uma rodinha de camponeses azevieiros, ao meio da qual três ou quatro pares bailavam animados pela harmónica, pelo cavaquinho e pandeiros; e de onde em onde alapavam-se os que ainda não haviam esvaziado o taleigo do almôço.

Era gente de várias freguesias, de além rio, pouco ataviadas as mulheres, de lenços brancos ou amarelos com ramagens vermelhas, cruzados sobre o peito; na coroa da cabeça outros de igual jaez; descalças quási todas; chambres de chita, e saias tecidas, sem côres berrantes, pelo meio da canela.

Tinham vindo para os *clamores* à Senhora das Areias, pela manhãzinha, vendo-se ainda os *mordomos-da-cruz* com as cruzes envoltas nas suas opas vermelhas, como que aleitando-as.

Era-nos quási perdida a esperança de assistir às manobras de um dêsses «clamores» — caíram já 8 horas — quando se nos deparou um bando de aldeãos em redor do cruzeiro, erecto a algumas dezenas de metros da capela.

Um labrosca idoso, mas de aspecto rijo ainda, encapado numa opa vermelha, encaixava uma cruz numa vara metálica como ela, enquanto um moço com feitios de *seminarista-sopeiro*, enfiada a batina, lhe sobrepunha com embaraço *a copa*.

Era um *clamor*.

O campónio da cruz, único enfeitado de opa, empunha a cruz d'irmandade e perfila-se de costas voltadas para o cruzeiro e frente para a entrada da capelazinha, ladeando-o dois outros com tocos de cera.

Rodeando o cruzeiro, ajoelham os restantes sócios do *clamor*, modulando um triste *orà prè nóbis*, em resposta ao latim que o da copa mastiga num librecozinho.

Rodado pouco tempo, metem-se a caminho da capela, entoando sempre a ladaínha, e dão umas quatro voltas em redor dela, pisando as sardinheiras e as hortênsias que juncam o terreno, — entrando

ao depois na capela, onde ainda fazem ouvir por tempos o *orà prè nóbis*, melancólicamente entoado num alongamento demoradíssimo de sílabas.

Fôra o *clamor* de Santa Leocádia: não viera quando aos outros, perdendo por isso muito em interêsse que é como quem diz em operações.

(Em parêntese, diga-se que *clamor* é não só o acto de conjuntamente orar [clamar], senão também o bando que o faz, sendo o *clamor* formado por um grupo de indivíduos da mesma freguesia, e tendo o nome desta).

Os outros *clamores* tinham chegado aí pelas 5 da manhã em carro e a pé, vindo das freguesias que tal costumam dedicar á Senhora das Areias, em grandes tocatas e cantorias, trazendo as cruzes em cestas de alvas toalhas de rendas.

Toda aquela gente, ganhando a breve carvalheira ao pé da capela, aí continuara na cantata batendo os pandeiros com as nocas dos dedos, sacudindo as cordas da viola e desfranzindo o fole da harmónica, até que alguém deu sinal de começarem os *clamores*.

Então amontoam-se todos em roda do cruzeiro, os *mordomos-da-cruz* encadernam-se nas opas de paninho vermelho, hasteiam as cruzes flanqueados por aldeãos de velas de cera acesas.

Faz o clamor (quere dizer, é como que chefe da ceremónia), um padre, ou qualquer homem solteiro, lendo a ladainha, a que responde o povo com o monótono *orà prè nóbis*.

O fazedor do «clamor» pode ser um para cada freguesia, ou o mesmo fazer vários «clamores» a um tempo. O seminarista, ou coisa que o valha, que vimos fazer o último clamor, fizera oito conjuntamente de manhã cedo, ganhando 800 réis, pois que cada *clamor paga um tostão*.

Depois de curta demora, ladainhando ajoelhados junto ao cruzeiro, marcham para a capela em roda da qual dão algumas voltas, após do que se ajoelham todos em frente à capelazinha, onde acabam de fazer o «clamor».

Cada qual vai em seguida dar a esmola que entender à Senhora, e fazer-lhe as suas orações, findo o que, quem ainda não *fizesse romaria*, vai fazê-la, isto é, vai rezar dando voltas à capela.

Depois, os romeiros de cada freguesia agrupam-se em torno da respectiva cruz (em bandos distintos para cada freguesia), e, uns de joelhos outros de pé, rezam *segundo a sua devoção*. A meio destas rezas, passam de mão em mão um raminho de buxo que todos beijam. A espaços, ergue-se alguma voz *pedindo* orações que nomeia, para qualquer fim ou por alma dêste ou daquele.

Acabado isto, dispersam alegremente, não faltando quem logo vá encher de vinho o vazio deixado por tanta reza; armam danças, cantam ao desafio ou em côro, com acompanhamento dos tocadores, diferençados dos mais romeiros por uma vassourinha de flôres e manjerico na botoeira; os *mordomos-da-cruz* despem as opas e nelas embrulham as cruzes, trazendo-as em geral aconchegadas ao peito, em posição de pequerrucho a amamentar-se.

Estes *mordomos-da-cruz* são os que levam as cruzes: são numas freguesias os casados mais antigos, de ordinário com mais de 30 anos de aliançados, e noutras os casados que primeiro tomam mão delas. Os mordomos teem de pagar um tanto de vinho a cada um da sua freguesia que vier ao clamor (para o nosso entrevistado *é do legado da freguesia* pagar um quartilho), êles, porém, pagam vinho á farta.

O nosso interlocutor, lavrador de muitas falas, mas mal se sabendo explicar, disse-nos que o vinho que lhes competia nas Areias o iam beber às Neves, onde também faziam um clamor por causa dos «milhos tardeirinhos». Faziam ainda «clamores» na Senhora da Boa Nova, *clamor que paga,* e em Balogães, que *não paga,* isto é, em que o mordomo não é obrigado a pagar o vinho.

O aldeão contou a seguir que era crença antiga pousarem as areias na fôlha do milho, e que as freguesias daquelas bandas faziam então os *clamores* à Senhora das Areias para ela lhes livrar os milhos daquele mal. Outros dizem que é para o bicho não dar nos milharais, e diferente invocação lhe fazem os que cantam

Da minha janela rezo
à Senhora das Areias,
que me traga o meu amor
que anda por terras alheias.

*

— «São *nesta conformidade* os *clamores* dêstes sitios, com pequenas variantes, *havendo-os tàméim mudos* — dizia-nos um labrosca de ar incrédulo.

— Clamores mudos?

— «*Clamores mudos*», sim senhor.

— «Beim p'r'aí em bando onde á Birgem, a que tàmeim chamam Senhóra do Mar, e num abrem boca; é uma coisa supina...»

— E que quere dizer aquilo de beijarem um raminho de buxo?

— «Eu sei! aquilo é qualquer balda das rezas».

*

Há também *clamores* para Carreço, Afife, Âncora, Ponte, Barca, etc., sendo de maior importancia o que se faz em Afife ao S. João, com muitas freguesias, pagando multa *a cruz* que não comparecer.»

---

i) TEATRO

Auto da Floripes

(NAS NEVES)

O «Auto da Floripes» é uma representação popular que se faz no lugar das Neves (concelho de Viana), ao ar livre.

Últimamente o «auto» tem sido muito desfigurado, já não havendo quem o represente a preceito, àparte alguns velhotes que ainda vivem, actores apaixonados da velhíssima representação e que se esforçam por que a rapaziada desempenhe agora os seus papéis como os desaparecidos actores. *Dantes, sim!* diziam-me os aldeãos mais idosos. *Dantes é que isto era levado a primor. Agora falta F., falta C.*

E, de feito, vivem na memória daquela gente velha os homens que noutros tempos eram as personagens principais do antiqùíssimo auto. Emquanto vivos, eram êles sempre que desempenhavam as mesmas figuras. Depois, os papéis foram *herdados* pelos descendentes como já êles os haviam herdado de seus ascendentes.

Vi o auto em agosto de 1910. Corri o arraial à cata dos papéis por onde se guiariam os actores: não me souberam dar razão deles, ou me enganaram. Aquela gente é desconfiada, não admitindo sombra de troça à sua tradicional peça. Mais que um ano ali tem havido rija pancada com gente da cidade que lá vai rir-se da simplicidade dos aldeãos. Mais estúpidos são êstes urbanos em levar de chalaça o «auto» do que os lavradores das Neves em levá-lo a sério.

Antes de começar a representação já os figurantes andavam pelo arraial exibindo os trajes garridos. De manhã haviam-se encorporado na procissão, fazendo trejeitos e pantomimas.

Pouco pude saber do «auto», nem mais do que soube é possível saber-se numa só assistência. Os aldeãos declamam muito artificial-

mente, de modo que se percebe muito pouco do que dizem. Ainda assim, uma velhota, à beira de quem assisti à representação, deu-me bastantes explicações.

Vão os apontamentos como os colhi na ocasião:

« Vão-se representar *as comédias*. São 5 e meia da tarde, chega o *partido christão*. Uma filarmónica, tocando uma marcha, dirige-se com os cristãos para o tablado construído no *souto das Neves*, à sombra de frondosos carvalhos.

Os *cristãos* são uns quantos velhotes, enfarpelados de cabos-de--infantaria, roupa do último modêlo [1], de espingardas de carregar pela bôca, com as duas divisas muito vermelhas no azul-escuro dos braços. Vem com êles o *rei cristão* e o esforçado *Oliveiros*. O *rei cristão*, de saio e manto de côres berrantes, na cabeça um cilindro de cartão pintalgado, traz uma espada; Oliveiros, sempre em passo de dança e com trajo semelhante ao do rei, traz uma lança. Veem porta-bandeiras; as bandeiras são lenços-da-cabeça, dos que para aquêles sítios usam as mulheres. Sobem o estrado, sempre ao som da marcha da música, que se vai colocar no extremo direito do largo tablado.

Vem depois o *partido mouro ou turco*. Outra música à frente a tocar com valentia. Os guerreiros, gente mais môça, trazem mantos e saios de côres vistosas e mitras cilíndricas na cabeça. Trazem espadas. Entre êles, vem, além dos porta-bandeiras, o *rei mouro* e o *Ferrabrás*.

Ao passar o *partido mouro* junto ao estrado, os cristãos dão tiros, e Oliveiros passeia a dançar o tablado, manejando a lança. Como o partido contrário, — êste, antes de subir, dá uma volta ao estrado. Coloca-se no extremo da esquerda (de quem vê).

Depois os reis cantam demoradamente: não se percebe o que dizem, — esclarece-me porém uma velhota que é a exortarem *os vassalos para a batalha*. A seguir a cada rei, cantam todos os do partido em côro.

Eis uma cantiga do côro *turco*:

Meu rei, meu senhor, não tema
nem tenha mais que temer;
vamos lá para a batalha,
suceda o que suceder.

---

[1] De então.

Após as prègarias dos dois reis, avança o *Ferrabrás* com o seu *ajudante*. A velhota diz-me que cantam o seguinte (o que não se percebe bem):

Vai Ferrabrás para o campo
e vai bem aparelhado,
para dar batalha ao turco (?),
pois que tanto tem chamado.

Ao encontro de Ferrabrás vem Oliveiros com o seu *ajudante*, que parece um polícia de revista teatral com os seus bigodes ferozes e a farda da corporação.

Ferrabrás, com a espada, e Oliveiros, com a lança, teem longa conversação. Cuido que Ferrabrás desafia o outro.

Nesta altura uma mulher (que por sinal é mãe do que faz de Ferrabrás) sobe ao estrado com uma trouxa; vai fazer a cama, onde se deitará o Ferrabrás: sai do saco um lençol com entremeios rendilhados e uma travesseira — peças que, pelo asseio e luxo, provocam forte sussurro de pasmo e de comentação no auditório.

Estendido o lençol, e ajeitado o travesseiro, Ferrabrás depois de altos brados deita-se, e com êle o ajudante.

O *rei cristão* vem então até junto de Ferrabrás que dorme, e dá-lhe uma espadagada. O ajudante de Ferrabrás enxota o rei.

A seguir vem Oliveiros, a cantar, ter com Ferrabrás deitado.

É nesta altura que entra em cena *Brutamontes* a dar no soalho pancadas com a *cacheira* (moca) de feitio pitoresco, e enorme.

O *Brutamontes*, explica a velha, é o *gardador da fêmea* (Floripes) *e é o bobo da comédia*.

O primeiro dito de Brutamontes, que produz grande gargalhada, é: — *Mais bale tarde de que nunca!*

Brutamontes traz cartola, sobrecasaca com voltas de côr e grandes botões, calção branco, polainas de *rapão* até ao joelho, e a tiracolo um rosário de maçãs verdes para uma banda, e para a outra um saco de palha entretecidà; à cinta uma chave de pau (ou cortiça) e um espadagão de madeira. É um velhote que de vez em quando faz caretas e diz chalaças.

Oliveiros, como se ia dizendo, canta para Ferrabrás. Este senta-se na tal cama. Trava-se um diálogo cantado, como sempre, na mesma toada. Diz a velhota que estão a dizer *lindas doutrinas*, e que *é a vêr se Oliveiros converte Ferrabrás*.

Passado tempo, Oliveiros ajuda Ferrabrás a levantar-se, e dispu-

tam os dois largo tempo. [Tiram a cama. Brutamontes desce do tablado e vai buscar Floripes].

Oliveiros e Ferrabrás batem-se em duelo, ao som de um tambor. A lança de Oliveiros cai ao chão. Recomeçam os dois a conversar, passeando juntos.

Voltam a bater-se, agora Oliveiros com uma espada; Ferrabrás tira a espada a Oliveiros. Outra vez conversam os dois, — Oliveiros em tom suplicante dirige a Ferrabrás uma *oração*. Ferrabrás quere ouvir essa *oração* segunda vez. Oliveiros di-la (explicações da velhota). Passeiam os dois; Oliveiros quere *bàtizar* a Ferrabrás.

Chega a Floripes com Brutamontes num carro de fraldetas, trazendo adeante uma filarmónica. Os christãos apresentam armas. Oliveiros percorre o tablado em passo de dança. Dão os recém-vindos uma volta ao tablado, depois do que sobem para êle ao som do *hino da Carta*, que a música do *partido cristão* toca.

Floripes traz uma *mantinha* na cabeça e cujas franjas lhe encobrem a cara. Saia de pano preto, chambre verde com rendas. Um chale amarelo no braço, um leque de senhora ao pescoço, e na mão um guarda-solinho de cidade. No chambre, ao peito, um broche de oiro. — E' um rapaz vestido domingueiramente, com o luxo de uma sombrinha e de um leque de *fidalga* (senhora da cidade).

A Floripes fica no campo mouro.

Oliveiros continua as cantigas a Ferrabrás. E outra vez se batem ficando desta vez Ferrabrás preso. O ajudante de Oliveiros e êste põem as pontas das espadas ao peito de Ferrabrás, que pede que o soltem.

Trava-se batalha. E Oliveiros fica preso. Passa-se com êle a mesma cena. Põem as espadas ao peito de Oliveiros, que roga que o deixem em liberdade.

Ao fim de cada cantiga, rufa o tambor, e os guerreiros dão uma volta ao preso.

Ferrabrás é levado para junto do *rei cristão*.

Dois *concubinos* (alcoviteiros) *cristãos vão aonde ao rei turco* [1] *buscar a moça*.

A môça canta com Oliveiros, que diz a velhota, enganando-se, ser o *fêmco* (namôro) dela.

Floripes passa para o campo cristão, a abanar-se com o leque. Há tiros. Brutamontes chora.

O *rei turco*, entre outras, canta esta cantiga:

---

[1] *Ir aonde a alguém* (expressão minhota) «ir aonde está alguém».

Minha filha Filoripe,
que tánto me falseaste;
deixaste'la minha lei,
meus inimigos soltaste.

Responde Floripes:

O senhor pai me perdôi,
qu'isto num foi consirdado,
se le fiz algũa ofênsia
foi p'ra ser mulher casada.

Os dois reis disputam, marcham um para outro a esgrimir com as espadas mas sem que as toquem.

O tambor acompanha sempre — êste duelo a distância.

A certa altura, os reis dão um brado e veem guerreiros dum lado e de outro: os *turcos* esgrimem com as espadas e os *cristãos* dão tiros para o ar.

Esta cena repete-se umas dez vezes, enfadonhamente. É a batalha. O *rei cristão* por fim cinge com os braços o *rei mouro* e trá-lo para o campo mouro. Os *mouros* fazem roda, com as costas para os reis, e os guerreiros cristãos passeiam ao redor de êles — e repentinamente fogem.

Os reis travam duelo.

Vão agora os reis para o *campo cristão;* os cristãos, de costas para os reis, fazem roda. Os mouros passeiam em volta — e subitamente fogem.

Os reis continuam o duelo.

Veem dois guerreiros de cada campo e batem-se tambêm; os dois mouros ficam presos.

Os reis continuam a combater.

Veem mais dois guerreiros de cada campo, pelejam, e ficam presos os mouros.

O duelo dos reis continua, e a cena aquela vai-se repetindo, sendo, dois a dois, presos todos os guerreiros mouros, que antes de se deixarem agarrar fazem momices várias, correndo e careteando.

Os reis, presos os combatentes *mouros,* agarram-se num abraço.

Avança o porta-bandeira cristão para o porta-bandeira *mouro:*

Ó porta-bandeira disgraçádo,
da bandeira faz intréga
Ou-intom morres degoládo.

Batalham os porta-bandeiras, sendo afinal preso o *mouro*.

No campo *turco* está agora o Brutamontes sòzinho.

Vem um cristão (o que faz de ajudante do seu rei) e trava-se longo diálogo entre Brutamontes e êle, fazendo aquêle rir os espectadores com chôro, caretas e ditérios.

Parece que o cristão quere que Brutamontes se renda e lhe entregue — diz a velhota — a chave do cárcere. Brutamontes chora e não quere entregar a chave que mostra à cinta. Batem-se, puxando Brutamontes pela enorme espada de pau.

Oliveiros e Floripes aproximam-se e Brutamontes cai dando-lhe o *flato*.

Floripes ajuda a levantar Brutamontes e vão os dois para o campo cristão. Brutamontes retoma o papel de bobo.

Ferrabrás passeia com Oliveiros. Floripes vem de um lado a cantar; do outro lado vem Oliveiros.

Depois, cantam todos:

Nossa Sinhora das Neves
é estrêla de Portugal;
já se renderam os turcos,
Vivam todos em gèral!

Nossa Sinhora das Neves
é guia de toda a terra,
já se renderam os turcos,
já se acabou toda a guerra.

Há danças combinadas. O rei cristão anda entre o ajudante e Oliveiros. Floripes entre Ferrabrás e o rei mouro.

As músicas tocam juntamente. A toada dos cantares é especial, lenta, melancólica.

Êste ano não cantaram no fim esta quadra — observa a velha:

Dêmos fim a êste baile
Q'a nós assim nos conbéim;
regale-se meu senhor
até o áno que béim.

Eram 7 e 20 da tarde, quando acabou o *auto*».

*

A seguir a estas notas, vou dar a interpretação das *comédias*, para melhor entendimento do espectáculo; assim, — à falta da letra que ainda espero obter, se porventura a representação continuar a efectuar-se —, far-se há melhor idea do que é a peça teatral das Neves:

A peça diz respeito à guerra entre o imperador Carlos Magno e o almirante Balão, isto é: entre cristãos e pagãos.

De um lado, Carlos Magno com os doze pares de França, entre êles o Conde Oliveiros. De outro lado o almirante Balão *(rei mouro)* com a sua tropa e Ferrabrás, filho dele e rei da Alexandria.

Ferrabrás soube que Carlos Magno estava com o seu exército em Mormionda e para lá partiu, arrogante, fiado na sua fôrça e coragem, a desafiar êle sòzinho os doze pares de França.

No *auto*, as cantorias iniciais dos dois *partidos* dizem respeito à rivalidade e ao desejo de guerra de cristãos e pagãos.

Depois, embora a representação não siga fielmente a narrativa popular que do assunto corre, percebe-se que Ferrabrás vai desafiar os doze pares de França, deitando-se não à sombra de uma árvore mas no lençol de que nos apontamentos atrás fiz menção.

A *História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França* [1] conta que Ferrabrás, não encontrando ninguém em Mormionda, começou a gritar desafiando Carlos Magno e os pares de França, — depois do que atou o seu ginete a uma árvore, tirou o elmo e se estendeu no chão, «alçando pouco depois a cabeça para ver se algum guerreiro se aproximava, não descobrindo ninguém», pelo que repetiu os brados de desafio agora aos doze pares todos juntos.

No *auto*, Oliveiros vem ter com Ferrabrás antes de êste se deitar, o que se explica, naturalmente, por a mulher da trouxa... não entrar a tempo em cena.

Oliveiros, que foi o único que se prestou a batalhar com Ferrabrás, apesar de ferido, deveria, pois, avançar quando Ferrabrás dormia já.

Segue-se a conversação de Oliveiros e Ferrabrás a quem aquêle acordara. Ferrabrás admira-se da pequenez e aparente fraqueza do cristão, que ainda por cima está ferido. Oliveiros finge ser um guerreiro sem renome.

---

[1] *Biblioteca para o povo*, n.º 14. Pôrto, 1875 — na Tip. de António J. da Silva Teixeira; Cancela Velha, 62.

Por fim, Oliveiros ajuda Ferrabrás a levantar-se e a armar-se. E trava-se o duelo que no *auto* tem as peripécias acima notadas. Oliveiros é quem vence: «sentindo o turco... mortal ferida, e conhecendo não poder resistir mais a Oliveiros, iluminado da graça do Espírito Santo, conheceu o êrro dos pagãos e, posta a mão esquerda na ferida, disse ao cavaleiro francês: Nobre Oliveiros, rogo-te por amor do teu Deus, que me não deixes morrer até que receba o bàtismo. Tanto gôsto houve Oliveiros de ver Ferrabrás convertido, que lhe saltaram as lágrimas dos olhos, e com grande amor lhe ligou a chaga o melhor que pôde. Então disse Ferrabrás a Oliveiros: Cumpre montes no meu cavalo, e me ponhas de ancas, porquanto se te detiveres, temo não possas levar-me, pois deixei dez mil turcos atrás daquele outeiro, os quais acudirão vendo-me vencido» [1].

Veem os *turcos*, e Oliveiros, depois de combater com êles, fica preso — tendo vindo também em auxilio dele os cristãos. Oliveiros vai para o *campo* pagão e Ferrabrás, que é encontrado pelos cristãos, é levado por êstes.

Depois, vão os embaixadores cristãos ter com o almirante Balão para que êste restitua as relíquias santas (que Ferrabrás roubara de Roma) e os cavaleiros franceses que aprisionara.

Floripes, filha do almirante e namorada do cristão Gui de Borgonha, par de França, dá liberdade aos presos de que era carcereiro Brutamontes. Entre os presos, encontram-se os embaixadores, um dos quais é Gui de Borgonha.

Os franceses com Floripes escapam-se para junto de Carlos Magno, — havendo grande batalha entre cristãos e pagãos, a qual ocupa grande parte do auto. Vencem os cristãos.

*

Aí fica interpretado o *auto*, como posso com as deficientes notas que consegui tomar e aproximando as cenas — dos respectivos passos da história popular de Carlos Magno.

Naturalmente, o *auto* não é todos os anos igual, — como sucede nas representações populares. Não há *ponto*. Os *papéis* são decorados. Apenas uns dois ou três paisanos, solícitos, percorrem o tablado ajudando a movimentação dos actores.

Considerando o depoimento da velha, junto a quem assisti á re-

---

[1] Pág. 6.

presentação, esta não é encarada com justeza, notando-se que o tempo, a necessidade de adaptação e a errada interpretação da *História de Carlos Magno* foram decerto os factores dessa perversão de sentido e de desempenho.

---

j) FESTAS TRADICIONAIS

O Natal

A *noite de Natal,* na véspera do dia 25 de Dezembro, é reservada à «festa da familia».

Todos procuram juntar-se no lar da sua família, para *consoar,* para se reunirem na grande ceia dessa noite: a *ceia de consoada.*

Nessa refeição festiva há pratos tradicionais, como: bacalhau cozido com batatas e troços, batatas guisadas com bacalhau, pasteis de gerimu, bolinhos de bacalhau, e, quanto a pratos doces, rabanadas, mexidos e formigos. Entre os mexidos e os formigos há, em rigor culinário, a sua diferença. Os *mexidos* fazem-se com sopas de trigo, leite, ovos e açúcar. Os *formigos,* com meolo de trigo (pão de trigo) esfarelado (aos bocados pequenos), mel, ovos, leite e açúcar.

Ainda há o «vinho quente» com açúcar, ou mel, e às vezes ainda com canela.

Depois da ceia, um dos entretenimentos é o jôgo dos pinhões — *par e pernão,* e o *rapa* (pitorra). Também se jogam as cartas, ou se passa o tempo fazendo adivinhas ou contando histórias. Na lareira, põe-se um *canhoto* de carvalho que arde nas três noites de Natal, Ano Novo e Reis, segundo uns, — e nas noites de Natal, Ano Novo e Páscoa, segundo outros. Este cepo, assim como o casco das pinhas que se assam na noite de Natal, tem a virtude de, posto ao fogo quando troveja, livrar do raio.

O sr. dr. Leite de Vasconcelos nas *Tradições Populares de Portugal* (pág. 64) diz: «Põe-se no lume o casco das pinhas queimadas no Natal: aonde chegar fumo não cae raio (Famalicão)».

Também o sr. dr. Leite de Vasconcelos se refere ao *cepo de Natal,* posto ao lume para afugentar a trovoada, — no livro citado, e mesma página.

N*O Positivismo* (IV ano, pág. 283), o sr. Consiglieri Pedroso, tambem mencionou: «As pinhas, meio queimadas na noite de Natal, deitam-se no lume quando trovôa, para passar a trovoada».

Tenho noticia de que na Galiza se usa o *cepo de Navidad* [Forcadela (Tui)] para afastar os raios.

Esta tradição, portanto, é muito espalhada, — notando-se aqui e ali pequenas variantes.

Em Alvarães (Viana) e freguesias próximas, na noite de Natal, põe-se ao lume um pedaço de madeira-de carvalho desde as 6 da tarde à meia-noite. Esse canhoto tem depois a *virtude de afugentar trovões, coriscos e sarriscos* quando se queima e o fumo sobe.

[*Sarriscos* — explicou o informador — são os «riscos da faísca». Também há a palavra *sarriscar*].

Em Beiral (Ponte-do-Lima), — diz-me uma camponesa —, põe-se o *cépo* de carvalho ao lume nas três noites de consoada: Natal, Reis e Páscoa. Depois, para livrar do raio, basta queimar o *cépo*.

Pelo que aí fica dito, vê-se que, se há quem considere de consoada só a noite de Natal, também há quem considere noites de consoada as de Reis e Páscoa e, como atrás se disse, também a de Ano-Novo.

Em muitas povoações há tocatas e cantorias na noite de Natal, e fazem-se visitas.

Em S. Gregório (Melgaço) «ouvem-se *orquestas* de todas (as) espécies por toda (a) parte; depois da ceia vão visitar e dar as boas-festas aos amigos. Também se baila ao som das *orquestas*».

[Para aquêles lados, tira-se o artigo que, actualmente, quási sempre se coloca depois de *todo*. A verdade é que *todo*, em português, ora deve ser seguido do artigo ora não, conforme o sentido].

«Os mais pobres vão cantar as suas canções usuais, denominadas *loas*, dando as boas-festas para que lhes dêem a consoada. As famílias mais abastadas fazem a *árvore do Natal*, formadas por pequenos pinheiros (ou ramos) onde dependuram brinquedos, luminárias, diversas gulodices, para entretenimento das crianças». (Valença).

A's crianças metem-lhes na cabeça que o *pai Natal*, ao cair da meia-noite, lhes traz brinquedos e bonecos.

É por ocasião do Natal que *se pede* e *se dá* a consoada: presente de Natal [1].

Viana-do-Castelo, Dezembro, 1911 — Janeiro, 1912.

CLÁUDIO BASTO.

---

[1] Em Figueira-de-Castelo-Rodrigo, as crianças ao fim da ceia vão dar os *convites* ao pobres que à porta da casa cantam as *fèstinhas*. Os *convites* são nozes, castanhas, maçãs, etc. (Informação).

VOCABULARIO ALEMTEJANO

A

abananado, adoentado.
abocanhar, abocar.
abondar, abundar.
abraçadêra, braçadeira.
abrido, aberto.
abusamento, abuso.
açafra, safra.
acêfa, ceifa.
adenunças, denuncias.
agàchís, choça pequena, que se construe para quando armam aos passaros.
Ágada, Águeda.
ajnêra, asneira.
agostinha, variedade de ameixa.
aia, haja.
á la mula, jogo de rapazes, tambem conhecido pelo nome de *encho*.
alavôso, aleivoso.
alcanforado, camphorado *(alcoro alcanforado)*.
al-de-menos, ao menos («Sequer *al-de-menos* dá-me *amêtade*»).
alegrête, semi-embriagado. («Está *alegrête*...»)
alentada, arrancada, esforço. («D'uma *alentada*»).
alevante, augmento no preço de qualquer genero.
alforjêro, homem rustico.
algramassa, argamassa.
almiscre, almiscar.
alonso, parvo. («Não te me faças *alonso!*»).
alvarilho, variedade de damasco.
alvo-rico, casta de uva branca, cuja cepa tem muita vara.
alvo-pobre, casta de uva branca, pobre de vara.
amêjas, ameijoas.
anamite, dynamite.
Anjolo, Angelo.
anninhas, maricas.
anôas, variedade de ervilhas.
antrevallo, intervallo.
apanha-gallegos, jogo de rapazes, tambem conhecido pelo nome de *dáu*.
aporrinhado, vexado, opprimido.
apregoar as pazes, andar devagar, a passo grave. *(«Aquelle anda apregoando as pazes»)*.
aragonez, casta de uva preta.
arengo, arenque.
arrecuão, reprehensão.
arrelicas, reliquias.
arrepêso, arrependido, repêso.
àscanéve, ar espesso, carregado de vapores. («Está um dia *àscanéve*»).
ascordar, recordar, lembrar.

assenhorar, assenhorear.
assirío, casta de uva branca.
augada, aguada.
autual, actual.
avargar, vergar.

B

babósa, variedade de ameixa.
bacalhoêro, amigo de bacalhau. (*« É sô munte bacalhoêro »*).
bacorinhos, variedade de figos.
badoem, homem de pouco prestimo.
báia, apupo.
balancé, dança de roda.
balha, baila. (« Trazer á *balha* »).
balho, baile.
bandilibós, jogo infantil.
barquinho, jogo infantil.
barrête de clerigo, variedade de morango.
bassôrão, aug. de vassoira.
bastimento, abastecimento.
bastinha, pouco asseada, porca. (*« É mulher muito bastinha »*).
batoques, solavancos.
bêbras de rainha, variedade de figos.
bêjinhos, variedade de ameixa.
bél-barrete, jogo de rapazes.
berado, brado.
berando, brando.
beraza, braza.
betão, jogo de rapazes.
bical, variedade de azeitona e de limão.
bicho, jogo de rapazes.
bolusia, blusa.
bom barquêro, ou **Dom barquêro,** jogo de rapazes.
bornal, estomago.
bovetada, bofetada.
Brabacena, Barbacena.
bravito, dim. de bravo.
bretoldo, homem baixo e gordo.
brinca tudo, dança de roda.
bulrrão, burlão.
burúxa, lamparina de luz mortiça. (Cfr. *bruxulear*).
búzio, brusco. (« Está hoje um dia *búzio* »).

C

cachudo, casta de uva branca.
cagaçal, olival pequeno.
cagadinha, variedade de romã.
caganitas, esterco de borregos.
cagarola, medroso.
caguinchas, medroso.
caiados, caiaduras, caiadellas. (« Hoje é dia de *caiados* »). E' frequente no Sul caiarem as casas.
caiôrro, pião sem cabeça.
cairela, courella.
calavinas, clavinas.
calha-calha, jogo de rapazes.
camastralho, cama pobre, feita no chão.
campanairo, campanario.
camporezas, dança de roda.
camprichão, caprichoso.
caniço, rêde de canas para secar queijos, e que se pendura do tecto das despensas.
cantaro, jogo de rapazes.
caracol, jogo de rapazes.
caranço, conchego.
carguita, dim. de carga.
caridosa, dança de roda.
caroçuda, variedade de romã.
carôna, cabeça do pião.

carranquinhas, amuos.
carrapachina, carraspinha, caspinha, dim. de caspa.
carrapatas, variedade de bagens.
carrasquenha branca, variedade de azeitona.
carrasquenha tinta, variedade de azeitona.
carrasquinha, dança de roda.
carripana, carro pequeno e ordinario.
cartaxinho, homem de baixa estatura.
carvoêras, dança de roda.
castanhada, doce de castanha.
castanhos, variedade de alhos.
castellan, ou **trincadêra,** casta de uva preta.
casuco, casinhólo.
catalão, variedade de pimentão.
catolco, de boa saude. («—Que tal de saude?—*Nam 'stô lá munto catolco*»).
catramonho, mólho mal atado.
cerrandêro, panno em que se faz a barrela.
cêta, casta de uva encarnada.
cevadêra, campo semeado de cevada.
chafariz, variedade de romã.
chamarilho, chamariz.
chapotas, ramos das arvores que se chapotam (i. é, de que se cortam os ramos inuteis).
charavascal, campo inculto, chavascal.
charaviscar, farejar.
charutear, fumar charuto.
chêra-fraldas, maricas.
chica-la-fava, jogo de rapazes.
chilico, chilique.
chinico, gato pequeno.
contidade, quantidade.
chuvada, chuva forte, mas de pouca duração.
cinamôco, tropêço.
cinôra, cenoira.
ciranda, dança de roda.
ciumêra, ciume exaggerado.
climes, climas.
cobra, jogo infantil.
cocégas, cócegas.
coldres, estomago. («Ao jantar encheste bem os *coldres*»).
colherinha, variedade de castanha.
colhoal, variedade de ameixa.
comprir, cumprir.
com-ermão, co-irmão.
condesça, variedade de pera.
conrroncudo, carrancudo.
conserva, variedade de azeitona.
contrabandistas, jogo de rapazes.
conzestencia, consistencia.
coração de gallo, casta de uva.
coradinha, dança de roda.
corburtura, cobertura.
cordovil, variedade de azeitona.
cordovil nocal, variedade de azeitona.
corna, pequena vasilha para azeitonas, feita de corno.
cornizo de cabra, variedade de malaguêta.
corodão, cordão.
corrupío, variedade de uva.
coscuvilhice, bisbilhotice.
còsquinhas, cócegas.
cotòsinho, homem pequeno.
cremence, kermesse.

crespadinha, variedade de alface.

cúca! vae-te!

curesma, quaresma.

curralório, pequeno curral.

D

dârá-s'ó cáso, dar-se-ha o caso.

dàvante, diante. («E assim *por dàvante*»).

déca, decalitro («—Que porçam t'rá vomecê d'azête?—T'rê 'mas duzentas *décas*»).

decinquintina, sécca, maçada. («Que tal 'stá a *decinquintina!*»)

dêdo de dama, casta de uva.

Delaidinha, dança de roda.

Denildes, Leonilde.

desapear, apear.

desaranhisse, falta de geito.

desatre, desastre.

desbandar, debandar.

descaidella, descahida.

desensoffrido, insoffrido.

devaluto, devoluto.

d'i, d'ahi («—Então vossemecê está limpando o prato á saia? —*E d'i? E d'i?*»)

dia, jogo de rapazes.

Diaba e **Diabôa,** «*mulher do Diabo*».

Diabinho, dim. de Diabo.

Diacho, Dialho, Diantre, Diantro e **Diátre:** Diabo.

diazinho, dim. de dia. («Que tal está o *diazinho* hoje!»).

dinhêral, dinheirama.

disbulhar, debulhar.

Dom Solidon, dança de roda.

Dona Brites, casta de uva.

E

embérica, iberica.

empespinhar, abespinhar.

empalagozisse, rabugice.

empandinar, empanzinar.

emposturice, impostura.

encaròchado, adoentado.

encultura, agricultura.

enfranque, a parte da meia (entre os crescidos e os mates) que abriga a barriga da perna.

enfrascado, embriagado.

enfremêro, enfermeiro.

engivas, gengivas.

enjura, injuria.

enlastico, elastico.

enréda, enredador.

enredadela, intriga.

entretengas, entretenimentos.

entrufinhado, zangado.

enzequias, exequias.

enzorcismos, exorcismos.

escalda-favaes, rapaz turbulento.

Escolata, Escholastica.

esconde-esconde, jogo de rapazes.

escondidas, jogo de rapazes.

escorchice, pedintaria. («Aquelle anda na *escorchice*»).

escrição, descripção.

escrivôa, escrivã.

escur'cer, esquecer.

esformigar, dispersar-se a multidão.

esfregados, esfregaduras. («Hoje é dia de *esfregados*» Cf. *caiados*).

esfumaçar, esfumear, desfazer-se em fumo.

esgalhada, airosa. («A rapariga não é mal *esgalhada*»).

espapaçado, balôfo.
estartalado, estatelado.
estevêra, variedade de figos.
Estevo, Estevão.
estôrazo, estoiro.

F

farfalhuda, variedade de alface.
fardulagem, farandulagem.
farinéla, flanela.
fazer caras, fazer monetes, caratear.
fédito, fétido.
felosa, mulher muito magra.
ferade, frade.
fergidêra, frigideira.
Fernão Pires, casta de uva branca.
Fernã-quêmado e *Ferrê-quêmado,* jogo de rapazes.
ferral de Borba, casta de uva.
ferral d'Olivença, variedade de romã.
ferral de Tamara, casta de uva.
fêxota, grande mólho (uma *fêxota* de piorno).
fiche, fixo.
folarmonica, philarmonica.
folgazão, casta de uva branca.
fondiça, homem abjecto, miseravel.
fosso, jogo de rapazes.
framacia, pharmacia.
framacêtico, pharmaceutico.
franel, farnel.
franzelinho, franzinho.
friolento, friorento,
fura-bolos, dedo index.

G

gaivôto, ave pequena, maior que a andorinha. (Gaivão?).
gallega ou *galleguinha,* variedade de azeitona.
gallego, variedade de trigo molle.
gallinhas, jogo de rapazes.
gallo, variedade de ameixa.
gingo, dança de roda.
glosinha, variedade de azeitona.
gorsura, grossura.
gostos da vida, variedade de ameixa.
granal, seara de grão de bico.
gratúte, gratuito.
grelar, querellar.
grenha, variedade de couve.
grillo, jogo de rapazes.
guiné, lugar ventoso. («Foste atravessar aquella *guiné* e podias-te constipar»).
guisantes, variedade de ervilhas.

H

heredadita, dim. de herdade.
humildêza, humildade.

I

ímpados (esdruxulo), impetos.

J

joêlhar, ajoelhar.
judaica, variedade de azeitona.

K

kilomis, kilometro.

L

lampos, variedade de figos.
landonas, adulações.
laranjêro, variedade de feijão.
lavados, lavagens. («Hoje é dia de *lavados*»). Cf. *esfregados e caiados*.
lempar, limpar.
librâme, quantidade de libras.
Lisboa, variedade de alface.
lizença, licença.
lôba, terreno junto do pé da oliveira, que tem de ser cavado por occasião das lavouras, pois que o arado, ou charrua, não deve ali chegar. («Vou cavar as *lobas*»).
lojêro, que tem loja de capella.
lombarda, variedade de couve.
lombrigar, lobrigar.
lontana, lantana (arbusto).
luar, jogo de rapazes.

M

maçanilha, variedade de azeitona.
machadasa, pancada de machado.
màlacára, homem de má catadura.
malatéca, pequena herdade.
malcreadão, superlativo de malcreado.
malhão, jogo de rapazes.
malvazia grossa, casta de uva branca, de cacho grande.
malvazia meuda, idem, de cacho ordinario.
mancêbo, toro de madeira, de que dependuram as balanças de braço, nos mercados e feiras.
manchina, mão cheinha. («Uma *manchinha* de sal»).
mangralhão, homem mal vestido e grosso.
marcadoria, mercadoria.
marfina, morphina.
Marí-chorosa, choramigas.
marmorial, memorial.
marqueza, variedade de pera.
marranita, corcovado.
massêrão, grande gamella.
matizagem, matiz.
matracla, matraca.
megíte, meningite.
melanconia, melancholia.
mentiradas, acervo de mentiras.
mestêro, mosteiro.
m'nina casadôra, dança de roda.
micobio, microbio.
midida, medida.
misèrinhas, sovina.
molares, variedade de nozes.
manipolio e
monipolio, monopolio.
montaréco, pequeno monte.
morêto, casta de uva preta.
môrisco, casta de uva branca.
môros, jogo de rapazes.
mortalização, amortização.
moscaría, grande numero de moscas.
mosaique, mosaico.
move, movel.
munchica, jogo de rapazes, tambem conhecido por jogo *da maçã*.

N

narigueta, homem de nariz grande.
negrão, variedade de azeitona.

negrilha, variedade de couve.
nominado, denominado.
notavle, notavel.

O

objéto, vegeto. (Agua *d'objéto.*)
oh vendima, dança de roda.
ôi em dia, hoje em dia.
olhica, espreitador.
ombrêra, humbreira.
orgo, orgão.
orquesta, orchestra.
ôrredores, arredores.
ôtramar, ultramar.

P

padre-cura, jogo infantil.
pae-de-todos, dedo grande.
palacio contra palacio, jogo de rapazes.
panento, embaciado, empanado. («O vidro não ficou bem lavado, ficou *panento*».)
panzêro, amigo de pão.
pão, variedade de pera.
papa-açorda, fracalhão, lorpa.
papa-formigas, lorpa.
parolice, falatorio.
partelêra, prateleira.
parvoa, parva. Mas dizem parvo, porque *parvoa* vem do lat. parvŭla.
parvoela, pateta.
paschoa, variedade de couve.
paspalhão, dança de roda.
pásua, pausa.
pata, jogo de rapazes.
pato, jogo de rapazes.
pé-coxinho, jogo de rapazes, tambem conhecido por *jogo do dia.*
pé-de-pombo, variedade de pera.
pelém, magrizela.
pelôtro, menino amimado. («*É o pelôtro da casa*»).
penteadêra, cabelleireira.
pepino-choco, homem fraco, doente.
pera, variedade de melão.
peraça, praça.
perato, prato.
per'la, variedade d'uva.
peremio, premio.
permenente, permanente.
per monde, por amor de...
perrada, desfeita, pirraça.
perrum, casta de uva branca.
pescorenço, namoro. («Está primeiro o *pescorenço,* que o trabalho»).
pessegal, variedade de ameixa.
pèzinhos, piugas.
pellota, jogo de rapazes.
picão, carvão meudo, feito de chapotas.
piconêro, vendedor de picão.
pinche, jogo de rapazes, tambem conhecido por *jogo do papamarcas.*
pincuinhas, homem sem prestimo; de *picuinhas.*
pioguinha, pião pequeno.
piornal, campo de piorno.
pórros, variedade de alhos.
pomponête, pompenête, pompunhête, pumonête, jogo infantil.
pôr, sobrevir. («De q'alq'ér côsinha *punha-se-me* d'antes dôr de cabeça»).
Por pés: Não se cabia lá *por pés,* estava muita gente.

pôse-o, pô-lo. (Este *pôse-o* a assar).
prescentage, percentagem.
prodoar, perdoar.
promoroso, primoroso.
propéto, perpetuo.

Q

q'és? queres?
quassa, quassia.
quatro-cantinhos, jogo infantil.

R

rabêta, rapariga experta.
rabisco, rebusco («Andar ao *rabisco*». Cf. Leite de Vasconcellos, *Respigos Camonianos*, I, 47 ss.).
raiadella, dor violenta, mas momentanea, nos intestinos.
ramage, ramagem.
ran, variedade de melão.
raparigagem, rancho de raparigas.
rapinança, rapinagem.
raspapés, rapapé.
rastrolhice, restolhada.
ravasca, zanga.
rê (rei), variedade de ameixa, e variedade de figos.
rebaldios, variedade de figos.
rebote, rabote.
rê-coxo, jogo de rapazes.
redanho, redenho.
redonda, variedade de malagueta.
redondil, variedade de azeitona.
refertorio, refeitorio.
regalona, variedade de ameixa.
rênação, reinado.
renguens, rengalhos.
1. **rênól,** variedade de ameixa.
2. **rênól preta,** idem.
repatanado, repimpado.
repeniques, repiques.
répito, rapido.
reprezarias, represalias.
repullo, repugnancia. («Tenho *repullo* nisso»).
resonadela, acto de resonar.
retablo, retabulo.
rosada, variedade de romã.
runião, reunião.

S

sabedorença, sabedoria.
saco, variedade de cereja.
sacho-marisacho, jogo de rapazes.
saias, dança de roda.
saluço, soluço.
San Bertholomeu, jogo de rapazes.
San Guergorio, variedade de pepino.
San João, variedade de maçã.
San Martinho, jogo de rapazes.
Sant'Antonho, variedade de pera.
Santa Batuta, jogo de rapazes.
Santa Cat'rina, variedade de bagens.
sarça-parrilha, salsa-parrilha.
sarrilha, serrilha.
'scariote (escariote), velhaco.
segueredos, segredos.
seladêro, amigo de salada.
selho, sello.
sendicancia, syndicancia.
senisga, magrizella.
sergir, serzir.
seromenhos, variedade de pera.
sevilhana, variedade de azeitona.
scrâpintim, rapaz aspero, mau.
semicuplo, semicupio.

sola-sapato, jogo infantil.
somana, jogo de rapazes.
somblante, semblante.
sonorento, sonolento.
soquir, alcançar, conseguir. («Não foi lá, por isso não *soquiu* vinho e doces, como eu *soqui*»).
soparar, separar.
sujêtação, sujeição.
sumítico, avarento.

T

tabacoso, lenço tabacoso: lenço de côr, que serve para limpar o pingo do rapé que cáe do nariz.
taloca, toca, buraco no tronco duma arvore, no chão, numa rocha, etc.
tal ó quê (tal ou que), regular. («Está hoje um dia *tal ó quê*»).
tamarês, casta de uva branca.
taniça, tamiça.
taniças, homem fracalhão.
tambaque, tambaca.
taranta, mulher aparvalhada.
tax, tacho.
tempradura e **trempatura,** temperatura.
tentelhêra, variedade d'azeitona.
tentura d'odio, tintura de iodo. Cf. F. A. Coelho, *A lingua portuguesa*, 2.a ed., p. 58.
tinturêra, casta de uva preta.
tinta-fina, casta de uva preta.
tomba-lobos, homem muito gordo.
transauntos, transeuntes.
trapacices, trapaçaria.
tremês, variedade de trigo.
treslida, mulher sentenciosa.
trinque, trinco.
trôchada d'agua, grande aguaceiro.
trólis-bólis, troca-tintas, trapalhão.
tronchuda, variedade de couve.
truque-mandruque, jogo de rapazes, tambem conhecido por *jogo do homem*.

U

úsios i fructus, usofructos.

V

valverde-ladrão, dança de roda.
varridos, varreduras («Sabbado é dia de *varridos*»). Cf. *esfregados*.
Vaselisa, Basilisa.
verdeaes, variedade de figos.
verdeal, variedade d'azeitona.
verdelho, ou *arinto*, casta de uva.
verdum, verdete.
veve, vive («Quem *veve* lizo, morre leso»; mas dizem *viver*).
virdrado, e *vridado*, vidrado.
viuvinha, dança de roda.
vizó-verso, viceversa.
voletar, voltar.

X

xaravascal. Vid. *charavascal*.

Z

zamel das frêras, homem affeminado.
zé-piégas, pateta.

A. THOMAZ PIRES.

Costumes e festas populares dos seculos XV e XVI

(DOCUMENTOS)

A publicação dos setenta e nove documentos que se seguem adiante vem satisfazer nalguns pontos os desejos dos etnografos, oferecendo-lhes material novo e seguro com que possam fazer subir as tradições ainda existentes a alguma antiguidade. Os documentos que pertencem ao sec. XV, são em tão pequeno numero que quasi não valeria a pena mencioná-los no titulo desta compilação; todavia pareceu-me mais exacto fazer a menção. A maioria porem pertence ao sec. XVI.

Dividi os documentos em cinco grupos:

A — *Assuadas e transgressões*, 8 documentos.

B — *Festas do natal*, 5 documentos.

C — *Festas de entrudo e pascoa*, 8 documentos.

D — *Festas religiosas e romagens*, 21 documentos.

E — *Banquetes, danças, descantes, jogos, toques e touradas*, 37 documentos.

Uma divisão destas nunca póde ser completa; um documento por exemplo, que se refira a uma assuada que se deu num jogo em ocasião de uma festa tem direito a pertencer a tres grupos. Por isso para uma consulta sobre determinado assunto, toda a collecção terá de ser examinada.

PEDRO DE AZEVEDO.

DOCUMENTOS

A

Assuadas e transgressões

I

Dom Sebastião etc. Faço saber que Manuel Ribeiro mancebo solteiro filho de Dioguo Ribeiro já defunto morador na villa de Mõforte preso na cadea de Villa Viçosa Me enviou dizer por sua

pitição que elle fora preso e acusado pelo oficio da Justiça por se dizer que de noyte andava pella dita villa tãogendo bozinas aos christãos novos e pondo-lhe cornos e osadas as portas e asy tãobem ferira a hũ Manuel Ribeiro çapateiro e a hũa filha de Afonso Pinto de preposito e asuada com outros... Dada na cidade de Lixboa aos xxiiijº dias do mes de Julho... de mil bᶜ lxij annos... (Liv. 3 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 73 v.).

II

Dom Sebastyam etc. Faço saber que Andre Alluez morador na villa de Sousel me enujou dizer per sua petyção que elle fora acusado pela Justiça por se contra elle dizer que depois de ser tomada Residencia ao Licenciado Manuel de Lucena ouvidor que foy na dita vila lhe forão de noyte camtar camtyguas Injuriosas e pôr á porta cornos e cousas çujas e por Imdicios que ouuera elle suplicante tyvera allgũa cullpa no dito caso e fora condenado per sentença da Rolação em hũ anno de degredo pera as guales cõ baraço e preguão pela villa e estava preso em vylla Visosa e por que elle suplicante hera de boa geração e de paremtes homrados e cavaleiros e que amdavão na governamça da terra etc. Dada na cidade de Lixboa aos dez dias de dezembro... de mil bᶜ lx b anos (Liv. 15 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 407 v.).

III

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Domyngos Gonçalvez laurador, morador em Almofalla termo da vylla de Castell Rodrigo me enviou dizer per sua pytição que o ouvidor que fora na dita vylla o mandara como camynheiro cõ hũa carta do pouo e moradores do lugar dEscarigo termo da dita vylla pera mym sobre ho Insulto e ofensa que pelos crystãos nouos do dito lugar fora feyto a hũm padre pregador estando pregando na Igreja dele dia de Nosa Senhora de Março do Ano passado de j bᶜ lx b a qual carta eu vyra e a Remetera a santa Inquisyção e os Inquisydores vemdo a pasarão provysão que o suplicante levara pera o dito ouvidor tirar deuasa sobre o dito caso como a tirara e a mãdara outro sy pelo dito suplicante a mesa do dito santo Oficio como constaua das certidões que dos ditos Imquesydores apresentava pelo qual cryme e delyto em ofensa de deus feyta estauã presos quatro na dita sãta Inquesyção e por ele ser parte fez esta delygencia em serviço de noso senhor e meu e o Juiz de fora da dita vylla por ser crystão

nouo e fauorecer os crystãos nouos e dar lhe vyngança dele o prendera e fezera dele hu auto dizendo que a sua noticia vyera que ele soplicante e algũas pesoas de que não era sabedor diserão em sua ausencia sobre seu oficio que o não fazia bem etc. Dada na cidade de Lixboa a bij dias do mes dabril de mil b^c lx bj anos... (Liv. 2 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 76).

IV

Dom Sebastião etc. ffaço saber que Manoel Roiz morador na vylla do Redondo me enviou dizer por sua pitição que ele fora preso e acusado pelo prouenciall da ordem de sã Paulo por se contra ele dizer que ele e outras pesoas se amotinarão contra a dita ordem e diserão contra ela palauras descandolo pelas quaes culpas fora cõdenado pelo Coregedor de minha corte em seis meses de degredo fora da uylla e seu termo etc. Dada na cydade de deuora aos iiij^o dias do mes dabryl e feyta aos cymquo... de j b^c lxx anos (Liv. 10 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 73).

V

Dom Sebastião, etc. faço saber que Jeronimo Roiz, moço, menor de Idade me enuyou dizer por sua pitição que elle fora acusado pella Justiça a fallecimento de partes por se dizer que Indo o capitão da ordenamça Lopo Godinho cõ a gente della elle soplicante cõ outros se Ryão e zombarão da dita ordenança e officiais e solldados que nella hyão e lhe apuparão e se embuçara dizendo corrydos vão pello qual caso se processarão autos pello capitão etc. Dada em Allmeyrim aos xbiij^o de abril e feyta em Lixboa aos cinquo de mayo... de j b^c lxxij (Liv. 18 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 99).

VI

Dom Sebastião, etc. faço saber que Symão da Fomsequa, morador na vylla de Trancoso me enuyou dizer por sua pitição que elle fora preso e acusado pela Justiça por se dizer que elle suplicante era principall em bandos e cõpitencias que havia em a dita vylla e que cõ a muyta liança de parentes que tinha sobornaua as enlejções da Mizericordia e camara e por esta razão aver odios e deferemças na dita vylla pelas quaes cullpas por fynall sentemça da alçada fora cõdenado em dez cruzados e hu anno de degredo

pera fora da dita vylla e termo os quaes dez cruzados etc. Dada em Evora a xxbij de fevereiro e feita a ij de março... de j b^c lxxiij. (Liv. 20 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 310).

VII

Dom Sebastião, etc. faço saber que Pero Diaz, moço menor, filho de Domingos Fernandez, morador nesta cidade me enuiou dizer por sua pitição que elle fora acusado pela Justiça por se dizer ser culpado em hua deuassa que o Corregedor Ruy de Matos tirara nesta Cidade sobre se dizer que avia nela hua casa que se chamaua de Mallta em a quall casa se fazyão muitos ajuntamentos de mancebos e desordens e cõsulltos pera fazerem mal e que sendo preso saira condenado por sentença da Rellaçam em hum anno de degredo pera hum dos lugares dafryca cõ pregã na audiencia etc. Dada em Lixboa a xix de Julho... de j b^c lxxbij... (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 150).

VIII

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Tomas Diaz, morador em a villa de Figueiró dos Vinhos me envyou dizer per sua petição que no mes doutubro pasado de b^c lxxiij mandara vimdimar hua sua vinha por se perderem as uvas de podres e por auer na dita villa postura que não vimdimasem sem licença da camara lhe fora pelos officiaes carregada a penna que herã mill reaes da cadea pelo que fora dado em culpas ao alcajde amtes de ser ouvjdo etc. Dada em Almeyrim a xxx de março... de j b^c lxxiiij. (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 308).

B

Festa do natal

I

Dom Sebastião etc. Faço saber que Pedro Velho melgaceiro, filho dantonio Pirez Velho, morador na villa de Viana Foz de Lyma me enujou dizer per sua petição que elle fora preso por mandado do Corregedor da comarca da dita villa em os vinte e nove dias do mes de dezembro pasado deste anno presente de j b^c lxíij por allgũas pesoas da dita villa fazerem queyxume ao dito Corregedor

delle soplicante e doutros mancebos dizendo que a noyte do natal pasado andando elle follgando como era costume solltarão allgũas pallavras oçiosas e de mancebos etc. Dada na cidade de Lixboa a xix dias do mes doutubro e feyta nella a xxij dias do dito mes doutubro.. de j b^c lxiij. (Liv. 5 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 279) [1].

II

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Ruy gramaxo homem que vive per sua fazenda e lauoura, morador na villa de Laguos do Allgarve me enviou dizer per sua petição que elle fora preso e acusado pela justiça por se contra elle dizer que bespera de natal do ano de j b^c lix elle suplicante e outros andarão pela dita villa de noyte ffazendo travesuras a molheres e lamçando-lhes as portas fora do couce e fortarão hũ mãto de casa de hũ João da Costa jmdo embuçados e desconhecidos e pela cullpa que se mostrou elle suplicante ter no dito caso foy condenado per sentença da Relação em dous anos de degredo pera Africa... vindo novas do cerquo de Mazaguão foi elle suplicante a socorro da dita villa no primeiro navyo que do Allguarve foy, em companhia de Francisco Porto carreyro etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos xj dias do mes de dezembro de j b^c lxij e feyta nella aos xiiij dias do mes dagosto... de j b^c lxb... (Liv. 15 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 341 v.).

III

Dom Sebastyam etc. faço saber que Lazaro Memdez e Matyas Roiz, moradores na alldea de Sãto Alleixo termo da vylla de Moura me enujaram dizer per sua petyção que amdando elles folguamdo na dita alldea cõ outros homens hũa oytava do natal do ano de setenta he hũm pera darem ordem a seu folguar pera ajuntarem hua sea como hera custume ffizerão hum presydente como muitos fazyão em folgos hum Rey o qual elle Lazaro Mendez hera o presydente e Matyas Roiz meyrynho e hum homem que a elles supricantes lhe queria mall denuciaram delles a allçada dizendo que elles se fazião presydente he meyrynho e por elles suplicantes não fazerem o

[1] No Liv. 6, fl. 406 existe outra carta de perdão àquelle individuo sobre o mesmo assumpto.

açima declarado em despreso da justiça se não folguamdo e comemdo he bebendo e premdendo e soltando e não em despreso porque em sua companhya amdava o pryol da dita alldea e outros padres etc. Dada em a cidade d'Evora aos xxbij dias do mes dabril... de j b^c lxxij. (Liv. 16 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 6 v.).

IV

Dom Sebastiam, etc. faço saber que João Ceruera me emvyou dizer per sua petição que Indo elle ouvir missa do guallo a noyte do natal este agora pasado ao mosteiro de São Francisco da cydade de Coymbra ha emtrada da pomte o premdera o Corregedor e meirinho da allçada que ora estava na dita cydade por lhe achar hua espada mais da marca e pela dita allçada fora dado a elle suplicante sua casa pro *(sic)* pryssão da qual se vyera a esta corte a pedir perdão do dito caso e amtes de o ter prendido a dita allçada sentenceara a que pagase seys mil reaes e perdese a espada e huas callças imperiaes de crise preta etc. Dada em Euora a xbij de fevereiro... de j b^c lxxiij... (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 32 v.).

V

Dom Sebastião etc. faço saber que Manuel Gomez, morador na cidade da Guarda me envyou dizer por sua petição que sendo como era esposado na villa de Trancoso Indo ver sua esposa e sogra na festa do natal passado elle soplicante alem do mais vistido que leuaua por ser mancebo esposado e que hya ver sua esposada pidira huas callças de velludo pjcadas emperyais os quais erã sem antre forros e hum chapeo forado de tafeta de dentro e fora a modo de agora as quais callças e chapeo lhe coutara andre Nogueira, meirinho da dita villa de Trancoso e por asy ser mancebo menor e jr ver sua esposa que se Requerya aos mançebos esposados irem louçois e bem tratados pello que me pidia etc. Dada em Setuval a seis de abril e feita nella a dez delle... de j b^c lxxbj... (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 9 v.).

C

Festas de entrudo e pascoa

I

Dom Sebastiam, etc. Faço-vos saber que Belchyor filho de Francisco Fernandez sarralheiro morador na villa de villa Reall me enviou dizer por sua pytyção que dia dentrudo do ano de b^c lxj de noite sayndo hũ Joam Roiz çapateiro, morador na dita villa de sua casa a hũa travesa junto da dita sua casa certos homes lhe lançarão farelos e por ho dito João Roiz bradar com elles lhe derão hua estocada de que o matarão e por auer allguas testemunhas que dyserão que ouvyram dizer que fora elle supricante no dito insulto etc. Dada na cidade de Lixboa aos xxbij dias de Junho ... de j b^c lxij anos (Liv. e de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 91).

II

Dom Sebastião etc. faço saber que Chrístovão Fernandez laurador morador em Monte Redondo termo da vylla de Tores Vedras me enviou dizer por sua pitição que estando a dita vylla empedida dos ares maus de que deus nos livre ele soplicante bespora de pascoa florida do presente ano de b^c lxx nã sendo sabedor do preço a que se talhava a carne de vaqua na villa por ser como era Rustico e viver fora da dita villa hũa legoa etc. Dada na villa dAlmeirim a ix dias de maio ... de j b^c lxx annos (Liv. l o de Legit. de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 96).

III

Dom Sebastião, etc. faço saber que Gomes Pirez, morador e cacereiro do Concelho de Unhão me enviou dizer per sua petição que servindo elle o dito officio de cacereiro do dito Concelho da correcção do Porto tinha preso a hum Tomas de Moraes o qual acusava por querella que delle dera de cometer falsydade hum Gonçalo Coelho de Sequeira, morador em o mesmo Concelho e estando elle suplicante hum dia deste fevereiro pasado que hera quinta feira das comadres segundo sua llembrança em hũa camara que se fazia no forall do dito concelho por ser obriguado a yso pera fazer as delligencias que sobcediã o dito Tomas de Moraes preso lhe fogira da cadea ahonde o tinha preso e se acolhera a

hũa Irmyda de sãtylafonso onde ficara... e tinha o preso cõ huns grilhoes grosos que por outro nome ella se chamavão adubis [1] etc. Dada em Euora primeiro de mayo... de j b^c lxxiij... (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 70).

IV

Dom Sebastião, etc. faço saber que João Diaz, laurador, morador no Concelho de Vylla Pouqua me enviou dizer por sua petição que ele fora acusado per hum Fernão Gonçalvez do propio Concelho dizendo que na era de setenta e hum por ele Fernando Gonçalvez, lançar farelos a molher dele suplicante pelo tempo do entruydo que ele suplicante ouvera diso paixão e ameaçara logo ao dia seguinte depois do entruydo sayndo da Egreja aquelles o asaltarão cõ ele cõ outros tres parentes e o feriram de tres feridas etc. Dada em Euora a biij° de Julho... de j b^c lxxiij. (Liv. 19 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique fl. 41).

V

Dom Sebastião etc. Faço saber que Sypryão Gonçallvez, morador no termo de Coruche me enviou dizer por sua petição que elle fora ellegido por allferez da dita villa pera leuar a bandeira della nas procissões e festas da villa e ora os Juízes fyzerã autos contra elle pera o cõdenarem em penas dizendo que não quizera jr na procissão da pascoa e na festa de sam Joam e asy que elle soplicante em ausencia dos officiais da camara fallara pallauras de escandallo pello qual caso o Juiz o prendera em menagem e lhe dera hũa casa por prysão na dita villa etc. Dada em Allmeyrim a xxix de Janeiro... de j b^c lxxiiijo (Liv. 13 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 164 v.)

VI

Dom Sebastião etc. Faço saber que João Pereira Cayolla morador em a villa de Campo Major me emvyou dizer per sua petição que amdando o suplicante folgando hum dia demtrujdo e Jugando as farelladas acertara a fazer cõ hũa tesoura hũa feridinha do tamanho de hum dedo em traues na maçã do Rosto a hũa Maria

[1] Adobes.

Franco molher de João Gonçalvez etc. Dada em Almeyrim a xxbij de março... de mil e b^c lxxiiij^o... (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 288 v.).

VII

Dom Sebastyam, etc. faço saber que João Fernandez, morador no lugar de aldea do Allcayde, termo de Couilhã me enviou dizer por sua petição que Antonio Afonso Fevereiro no mesmo lugar morador denunciara delle dizendo que sendo quadrilheiro acodira hũa noyte dentrudo a hũa vollta que o supricante tinha cõ outros e dizendo lhes que estivessem quedos da minha parte o sopricante lhe chamara nomes feyos e jnjuriosos e lhe quebrara a vara de quadrilheiro etc. Dada em Lixboa a xxj de feuereiro... de j b^c lxxbij... (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 155 v.).

VIII

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Filipa Mendez e Luis Allvez, filho de Diogo Allvez, morador na cidade de Bragança me enviarã dizer por sua pitição que andando folgando dia de entrudo passado sobre farelladas tiverã brygas cõ hum Pero Affonso, filho de Anrrique Affonso, çapateiro de que sayra ferydo de hũa feryda na testa etc. Dada em Lixboa a xiiij de março... de j b^c lxxbiij (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 341).

D

Festas religiosas e romagens

I

Dom Afonso, etc. Sabede que Afonso Fernandez, escudeiro do Ifante dom fernando meu mujto preçado e amado Irmãao morador em fronteira nos enviou dizer que poderia ora aver dous anos pouco mais ou menos que hum Vasco dooliueira criado do Ifante dom Pedro hia pera Castella e levava certas cartas a dom pedro as quaees lhe forom filhadas dizendo que eram contra nosso serviço. E que esto fora em Maruom no qual elle hia em companha do dito Vasco doliveira por quanto hia em rromaria a santa maria da estrella e o achara em caminho e que algũuas pesoas que lhe bem nom queriam diserom que elle hia com elle por ho auer de

pooer em saluo etc. Dante em a dita çidade deuora xb dias do mes dabrill... ano do nascimento de noso Senhor Jhesu x.º de mjl iiij. ᶜlij (Liv 12 da Chancell. de D. Affonso v, fl. 45 v.).

II

Dom Affonso, etc. A todollos Juizes e Justiças etc. que Joham Gonçallvez do Freyxo, termo de Fonte Arcada nos enviou dizer que a elle era dito que Joham Affonso ferreiro Juiz e Lopo Affonso tabelliam querellarom aas nossas Justiças dizendo que poderia ora auer dous ou tres messes que hindo muytos a hum clamor que sse fazia no Julgado de Caria e vijndo ja do dito clamor dentro no dito lugar de Freixo sse levantara hum arroydo etc. Damte em a cidade de Lixboa vinte e quatro do mes dabrill... de mill e quatrocentos e cinquoenta e cinquo annos (Chanc. de D. Affonso v; xv, 35 v.).

III

E ao que dizees que mandastes trazer de Framdes hũa bandeira por que a outra era já Rota a quall custou quarenta e tantas corroas que ainda som por pagar. Pidindo nos por merce que mandassemos que todos tribuissem pera sse pagar.

A esto rrespondemos que por sse ora nõ dar mais opresom ao pouoo o nom entendemos fazer. E se as pesoas que pididos nom pagam quiserem esto pagar a nos praz dello. E quando nom quiserem mandamos que se paguem pellas Rendas do concelho que Renderem pellos annos e tempos. (Capitulos de Viseu nas cortes de Lisboa de 1455, Chanc. de D. Affonso v; xv, fl. 134.).

IV

Dom Joham, etc. A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que por parte da comfraria de sam Joham bautista do lugar dalhandara nos foy apresentado hum alvara dellrey meu Senhor e padre que deus aja de que o theor tall he:

Nos ellrey fazemos saber a uos almoxarife das nosas liziras de villa franca e a outros quaes quer a que o conhecimento desto pertemçer que a nos praz por esmola darmos licemça e lugar a comfraria de sam Joham bautista do lugar dalhandra que da feitura deste alvara em diante posa trazer em as ditas liziras atee quinze cabeças de gado vacum daquelle que lhe for dado pellos laurado-

res ou por outros quaes quer pesoas por Esmola pera a dita comfraria e esto sem embargo de nosa defesa e mandado que sobre ello tenhamos dado em contrario que nen hum gado nõ posa andar nas ditas liziras soomente os dos nosos lauradores que em ellas laurarem e esto se entenda que nõ faça dano nas valas das ditas liziras e fazendo o que se tenha cõ ella aquella maneira que se teuer cõ o outro gado dos ditos nosos lauradores o que asy compri sem outro embargo. Feito em Portalegre a xxbj dias de mayo. Diogo Lopez o fez anno de iiij^{c} lxb.

Pidindo nos a sobre dita comfraria que lhe comfirmassemos o dito alvara e visto per nos seu Requerimento por lhe fazermos esmola temos por bem e comfirmamos lho em carta. E asy mãdamos que se guarde e cumpra ymteiramente sem duuida nem embarguo algũu por que asy he nosa mercee. Dada em Lixboa a dous dias de mayo Ruy de Pina a fez ano de iiij^{c}lRj e esto em quanto nosa merçee for. (Liv. 7 da Chancellaria de D. João II, fl. 55 v.)

V

Dom Sebastyam, etc. Faço saber que Gonçalo Roiz, morador na villa de Marvão me enviou dizer per sua petyção que na prjsyção que na dita villa se fizera por ha vesytação do anno presemte os mãcebos ordenarão seu emperador e festa como costumauão e se forão a ella e no couçe puserão sua bamdeira e emperador e o Juiz de fora mãdara mudar a bamdeira pera diante e elles quyserão tão bem mudar cõ ella ao emperador e por ho Juiz lhe mandar que deyxasem o emperador e elles enssystyrem njso e lhe não obedecerem o Juiz prendera a elle suplicante etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos dous dias do mes de setembro... de mil b^{c} lxbj... (Liv. 26 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 131).

VI

Dom Sebastião, etc. saude. Faço saber que Francisco Roiz morador na Jurdição dos Padroes me enviou dizer por sua pitição que sendo ele alcayde e casereyro na dita Jurdição ho ano presente na entrada do mes doutubro fazendo-se hũa feira na dita Jurdição que chamão de Santa Barbora e estando nela o Corregedor da comarqua e Jacome Coelho, meirinho da dita correição o dito meirinho prendera a hũu Amador Dias, morador em Bringel por dizer ser Jugador de cartas e lhas acharão nallJebeira ao tempo da prisão pelo qual caso somente fora mandado a cadea e entrege

a ele etc. Dada na cidade de Lixboa a xxij de dezembro de ...j b^c bx bíj... (Liv. 24 de Legít. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 10 v.).

VII

Dom Sebastião, etc. saude. Faço saber que Gonçalo Roiz Vyla Real e Diogo Lopes ho nouo, morador na cidade de Braga me envyarão dizer por sua pitição que eles forão cõ suas molheres e criados em hum dos dias do mes de Junho ou de Julho deste ano de sasenta e seis tempo que na verdade fose achado em Romarja a Nosa Senhora da Graça que esta no couto de Tibaes junto do Rio do Cabado e depois de terem feyto sua Romarya não lhes lembrando que era defeso casar cõ coqua por eles e outros que hião em sua cõpanhia a levaram cõsyguo e a lançáram no Rio e matarão alguns peixes que erã myudos que todos não valyam dous vymtejs etc. Dada nesta cidade de Lixboa a xxiij dias do mes de Janeiro ...de j b^c lx biij ...(Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 8).

VIII

Dom Sebastião, etc. faço saber que Pedro homem solteiro, lavrador nAboboreira, do cõcelho de Gouvea da comarca de Trallos Montes, orffão, filho de Pedre Annes, que deus tem, me enuiou dizer per sua pitição que seruindo (sic) elle em Romagem a feyra de São Bertollameu de Campello, em o mes dagosto do anno passado, o meirinho da dita comarca lhe coutara hum gibão de Londres vermelho cõ hum manteo e dianteiras guarnecido de hũa fitinha azul pespontada a dous pespontos de seda e as ombreyras cozídas cõ seda a tres pespontos e no pe da manga junto da escava ficava a maneira de gollpe guarnecydo da mesma seda e mangas e as casas de seda e outro sy lhe contou huns callçõis de guardallate cõ duas barrinhas de seda por junto dos giolhos de largura de dous dedos pespontados a dous pespontos e cõ a barguylha barrada da mesma seda e pespontada etc. Dada na villa dAlmeyrim aos xxxj de Janeiro... de j b^c lxix... (Liv. 25 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 285 v.).

IX

Dom Sebastião, etc. faço saber que os mordomos e confrades da cõfraria do Esprito Santo do lugar dAzinhaga me enviarã dizer por sua pitiçã, os deste anno presente de b^c lxix, que sempre fora costume de mais de çinquoenta annos e tanto tempo que a memoria dos homens nã era em contrario de fazerem na festa do pintecoste hum vodo em omra e louuor do Espryto Sãto pera o qual sempre se tirarã esmollas pello lugar dAzinhagua e no campo e conforme ao dito costume o fizerã elles soplicantes este anno que tirarão esmollas pera o dito dia no qual se gastarão todos cõ muyta festa e deuoção e por que elles supricantes se temem que o prouedor e memposteiro dos cativos da comarca da villa de Santarem os prendão e avexem por pidirem sem terem carta mjnha pera fazerem o dito pidido etc. Dada na cidade de Lixboa aos ix dias de mayo... de j b^c lxix... (Liv. 25 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 380 v.).

X

Dom Sebastião, etc. ffaço saber que Antonja, moça que não he casada, me enviou dizer por sua pitição que ela fora presa na cadea da cidade de Beja e acusada por a justiça por se dizer que estando por soldada cõ Cosmo Roiz, morador na dita cidade jndo elle cõ sua molher ver hũas festas que se fazião deyxando suas portas fechadas e leuando a dita sopricante cõsyguo vendo como os ditos seus amos ficauã seguros pera tão prestes não tornarem a casa ela suplicante tornara a casa e por as portas da Rua estarem fechadas se fora por de trás e entrara dentro por hũa ganelynha que decia sobre o telhado cõ dous homens de Resgardo e Roubara muitas peças douro e prata cõ as quaes se sayra pela dita ganelinha e sendo tomada as deixara cayr no chão e erã, quatro colheres de prata e dous canudos douro cõ cymquo graos dalgofere e hũa medalha cõ hum camafeo douro e hum bohão de prata sobredourado o que tudo ualeria xiiij reaes etc. Dada na cidade de Lixboa aos xbij dias do mes de Junho... de j b^c lxix... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 365).

XI

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Jeronimo Martinz, morador na cidade de Braga filho de Bastiam Afonso me enviou dizer

por sua pytição que jndo ele suplicante em Romaria ao bem aventurado sam gonçalo damarante encontrando Ruy Borges meirinho da coreição, de tras os Montes no concelho de gouvea lhe coutara hum faragoylo preto por ser somente gornecido despigylha pelo cabeção e ao Rodor e asy hum gibão que trazia dolanda crua gornecido despigilha de Retroz pelo cabeção e mangas e ao Redor as quaes espigilhas asy do feregoylo como do gibão forão avalyadas em trimta reaes etc. Dada nesta cidade devora as ix de Janeiro... de j b^c lxx (Liv. 10 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 6).

XII

Dom Sebastyão, etc. faço saber que Cateryna Tates, molher de Francisco Pires homem que vive por sua fazenda, morador na onra de Lordello me enviou dizer por sua petição que Indo ella suplicante a hũa Romaria de são Gonçalo fora na dita villa achada per Ruy Borges meirinho da correyção e por elle presa por a achar cõ hum chapeo todo forrado de tafeta por dentro e fora e cõ hum Roupão de pano Roxo e debruado de velludo Roxo a hum débruu per as diamteiras, mangas, Roda e bocais, aberturas, ombros e pegamentos das mangas, collar e as meas e hum dos pegamentos cinquo debruns e hum viuo de pano no pegamento das mangas cõ vinte e tres debruns de velludo e collar do dito Roupão guarnecido de dentro e de fora de velludo de largura de tres dedos e pellas dianteiras guarnecido do mesmo velludo de comprymento de hum pallmo e no çimo da guarnisão de dous dedos em largo e no baixo de largura de dedo e hu gibão de velludo preto cõ dous pespontos por diante e hu feraguello de pano preto forrado pello collar e dianteiras da banda de dentro de velludo de largura de cinquo dedos e da banda de fora no collar guarnecido cõ cinquo espeguilhas de Retroz preto que todo fora avalliado, a saber: o chapeu em cento e quarenta reaes e o Roupão em tres cruzados e o gibão em quatro cruzados e cinquenta reaes e o ferraguello em mil e b^c reaes etc. Dada na cidade de Lisboa a xix de dezembro... de mill b^c lx x. (Liv. 18 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 14).

XIII

Dom Sabastião etc. faço saber que Pero e Bastião Joam moços solteiros moradores no concelho de Seuer me enviarão dizer per sua petição que estando muita gente em hũa Romagem de Nosa Senhora dAgosto em Seuer se armara hũa brigua de que sairão fe-

ridos Maria Gonçalvez no nariz de hũa pisadura que aiuntara sangue e eytor Gonçalvez seu filho em a sombracelha do olho direito quasi nada e francisco alvez em a mão direita e dedos della etc Dada em almeirim a x do mes de Janeiro... de j b^c lxxj (Liv. 9 de Legitimações de D. Seb. e D. Henrique, fl. 334).

XIV

Dom Sebastião, etc. faço saber que Diogo Fernandez, morador na Quintãa d'Allcarya do Concelho do Couto da Irmyda me envyou dizer por sua pityção que dia de Nosa Senhora das Neues do anno de b^c lxx em hũa Romagem que se no dito fazia em a Ermyda de Nosa Senhora da Ouuyda, termo da villa de Crasto Dayro o prendera Domingos Lourenço que então seruia de meirinho na dita villa dizendo que trazia hũa guarnição de seda em hũu sayo azul que trazia vistido guarnecido de serrilha de seda amarella e os botõis e casas dellas da mesma seda e guarneçido o dito sayo de tafetá preto nos bocais e collar e dianteiras de largura de tres dedos e tendo o asy preso etc. Dada e feyta na villa dAllmeirym a xbiij° de março... de j b^c lxxij... (Liv. 18 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 80).

XV

Dom Sebastião, etc. faço saber que Maria Gonçalvez moça sollteira, filha de Frausto Gonçalvez e de Ines Calada Já defuntos moradores que forão no Lodejro, termo da vjlla de são Tiago de Casem me envyou dizer por sua pitição que ela suplicante por ouuyr dizer que dia de são Bertolameu que era no termo da dita vylla se gajnhavão muitos perdoes e se fazia alardo e se aJuntava muita gente ela suplicante pedira hum saio emprestado por ho não ter por ser orfã e muito pobre e se fora cõ outras pesoas a dita fregesya a gainhar os ditos perdões e ver o dito alardo e gente muita por cousa nunqua vista e levava o dito saio o qual era debruado de tafeta e por ela suplicante ser moça crjada a mõte e não ter paj nem maj que aconselhasem não sabia dito debrum de tafeta era defeso etc. Dada em Lixboa a x do mes de mayo... de j b^c lxxij... (Liv. 20 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 45).

XVI

Dom Sebastiam etc. faço saber que Gaspar Fernandez marinheiro natural da vylla de Vyana e morador em Lixboa me envyou dizer per sua petyção que este Anno veyo da Imdia na nao Bellem que elle fora em Romarya a Sanctiago e da vymda vyera por Vyana da Foz de Lima pera ver seus paremtes e ymdo pela dita vylla o meirinho della o prendera por trazer no ferragoulo preto que trazia cuberto o capelo forrado por dentro de veludo e o pellote guarnecido de demtro de tafeta as diamteyras e o cabeção e chapeo cõ a copa forrada de tafeta por demtro e não mais de dous dedos da fralda do dito chapeo etc. Dada em Euora xxj de Janeiro... de j b^c lxxiij. (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 10).

XVII

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Diogo Garcia o Moço, meu moço da camara, morador em Lixboa me envyou dizer que ele fora preso e acusado pela Justiça por se dizer que sobre palauras que tivera cõ hum Manuel Fernandez e outros homens que estauã armãdo a Rua das Esteyras pera a festa do santo Sacramento saltara cõ eles levando cõsygo outros homens de preposyto etc. Dada em Evora a xxiij de fevereiro... de j b^c lxxiij. (Liv. 20 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 303 v.).

XVIII

Dom Sebastião, etc. faço saber que Esteuã Mateus, morador em vylla de Guaruão me enviou dizer que ele fora preso e acusado ante o Corregedor de Portalegre por hum Bacias Nunez, alcayde da vara da dita vylla por dizer que tendo preso hum Gaspar Roiz, seu cunhado por o achar no mosteiro de Nosa Senhora da Estrella onde se fazia hũa Romagem e ser posta pena de duzentos reaes e arma perdida per postura da camara da dita vylla as pesoas dela que hy fosem achadas e ele suplicante lhe tirara do poder e lhe disera palauras Injuryosas etc. Dada em Evora a bij de março... de jb^c lxxiij (Liv. 20 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 323).

XIX

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Maria Gonçalvez, molher de Gaspar Fernandez, lauradores, moradores na freiguesia de são Lourenço de Romão termo da vylla de Barcellos me envyou dizer por sua petição que indo ella dia de sancto Amaro que foy aos xb de Janeiro deste anno de lxxiiijº em Romarja ha Igreja do dito santo que esta na freiguesia de Santiago da Carreira que he de o mesmo termo hum belchior Pereira allcayde pequeno da mesma villa a achara vistyda com hum sayo alto de pano Roxo todo debruado de debrum barrado de fita de seda parda e com as manguas golpeadas da mesma maneira e o collar e diamteiras forrado de tafeta pardo e o collar de fora com muitos debruns do mesmo e bocaes e outro debrum pelo fundo das manguas forrado pelas diamteiras até baixo cõ tafeta a pardo de tres dedos em largo cõ botões do mesmo tafeta pespomte *(sic)* e hum gibão de tafeta cramesim com suas diamteiras e cabeção forrado do mesmo panno de largura de tres dedos cõ botoes do mesmo pespontado de Retroz vermelho que todo poderia valler ate dez cruzados e a prendera e fezera auto da dita seda e a suplicante por ser dia de festa vestira os ditos vestidos e os não trazia em outro tempo etc. Dada em Almeyrim bj de fevereiro... de jbᵉ lxxiiijº (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 251 v.).

XX

Dom Sebastião, etc. faço saber que Domingos do Sabugal, bombardeiro, e sua molher Alldonça Fernandez de Melgaço e ora preso na cadea della me enuiarão dizer por sua pitição que elle o fora por não fazer o São Jorge na dita vylla nas festas hordinarias pello qual fora condenado em quinhentos reaes e que os pagase da cadea e prendendo hum Gaspar dAmorim, allcayde e carcereiro na dita villa e elle soplicante lhe pedira que o leuase perante os Juizes que o comdenarã o que não quisera fazer e por esa causa trabalhara por lhe fogir das mãos delle allcayde e o ajudara a dita sua molher liando se ambos cõ elle e por feitos delle fogir ao quall ella chamara bebado, cagado e outras palavras desta calidade etc. Dada em Lixboa a xxb de feuereiro... de jbᵉ lxx bij... (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 157 v.).

XXI

Dom Sebastyão, faço saber que Antonio Gonçalvez, morador no Julgado de Lagomel e Margem me enviou dizer per sua pitição que no anno de b^c lxxbj no mes de Janeiro per dia de são Sebastião se fezera hum ajuntamento e vodo a onra do dito santo em a Igreja do dito Julgado em a qual Igreja e ajuntamento se fizera hũa volta e aRancamento dentro da dita Igreja aonde elle sopricante aRancara hũa espada na guarda della etc. Dada em Lixboa a iiij^o de março e feyta aos xij dagosto... de jb^c lxxbij... (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 228).

E

Banquetes, danças, descantes, jogos, toques e touradas

I

Dom Afonso, etc. A todollos Juizes e Justiças... ssaude. Sabede que Meen dafonso criado de Johã Vaaz dAlmadaa nos enviou dizer que podia ora auer dous annos pouco mais ou menos estando em a çidade dEuora hindo hũua noute do paaço pera as poussadas elle e outros tangendo hũua violla e can'ando ssayra a elle e aos outros Vicente Martinz escripuã da poridade da Rainha minha muyto prezada e amada molher cõ quantos homeens tijnha hindo armados de beestas e escudos e lanças dizendo contra elles mata mata rrapazes e que jndo elle e os outros ja açima da cassa e poussada do dito Vicente Martinz que os sseus desfecharom beestas a elles. E que veendo aquello elle e os outros parçeiros sse começarom a defender a espadas que algũus delles leuauã em tall guissa que os homeens do dito Vicente Martinz sse meterom em cassa. E que hum Tristam naturall de Ponball fora ferido nõ ssabia sse o ferirom os outros homeens do dito Vicente Martinz na volta sse o ferirom da ssua parte da quall ferida sse depois veera a finar da vida deste mundo. E que esso meesmo o dicto Martinz ouuera hũua pedrada em hũua maao. E que o dito Vicente Martinz querellara delle e dos outros dizendo que lhe mataram o dito sseu homem e o feriram polla qual Razom sse elle amorara cõ temor da nossa Justiça. E ouuera carta de ssegurança pera sse por elle poer a direito da quall nõ sseguira os termos e sse fora a Frandes em a nossa naao. E da tornada sse fora a Cepta em conpanhia dAlvaro dAlmaadãa. E lla esteuera com elle E ora andaua amoorado etc.

Dada em a nossa cidade de Lixboa xij dias dabrill... de mil iiij^{c} lb. (Chanc. de D. Affonso v; xv, 23). — A fl. 78 v. do mesmo Livro está outra carta de perdão a *Anrrique Froez*, criado de J. Vaz d'Almada por elle e outros, *tangendo em huua violla e cantando passante das onze oras da noyte depois que o dito Johan Vaaz era no paaço*, se terem envolvido em desordem com um outro bando do qual resultou uma morte.

II

E ao que dizees que auees por enformaçom que por hordenaçã de nosos Reynos he que quaes quer touros que quiserem correr em carro que lhe cortem os cornos sob certa pena pera a nosa chancellaria e que seja nosa mercee de nos darmos licença que os posamos *(sic)* correr cõ pontas segundo demos a Eluas e Estremoz. A esto rrespondemos que nos praz e daqui endiante nos damos licença e lugar que os possaes correr sem lhe cortardes as ditas pontas sem enbarguo de quall quer hordenaçom sobre ello em contrairo feito. (Capitulos de Monte-Mor-o-Novo nas cortes de Lixboa de 1455, Liv. xv da Chanc. de D. affonso v, fl. 75).

III

Dom Joham etc. Saude. Sabede que Gonçalo Andres, morador, em Mesegena do Cãpo dOurique nos enuyou dizer que hum Gonçalo Gomez, morador na dita vjlla querellara delle e doutro das nossas Justiças dizendo que por elle querer decepar hum touro que corriã e agarrochauã em a dita ujlla elle cõ outros forã sobre elle em asuuada e lhe derã pedradas... etc. Dada em Euora dous dias do mes doutubro... de mjll iiij^{c} lxxxij. (Liv. 3 da Chanc. de D. João 2.º fl. 64.)

IV

Dom Sebastiam, etc. Faço uos saber que Antonio Lopez me emvjou dizer per sua pytyçam que serujmdo por eleyçam em ausencia do Juiz que sajra per pelouros do dito officio em Alldea gualegua o anno passado de j b^{c} lix e asy o enlegyram este presente em ausençia doutro que da mesma maneyra saymdo se achara fora hacusado pela justiça que em hum aRoydo que aconteçera em as oytauas de natall pasado em hum Joguo de choqua em que sayra ferido hum Bastyam Fernandez que loguo faleçera não premdera aos

cullpados etc. Dada na çidade de Lixboa aos bj dias do mes dabrill e feyta na dita cidade aos ix dias do dito mes... de j b^c lix... (Liv. 8 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 59 v.)

V

Dom Sebastyam etc. Faço uos saber que Ruy Freyre dAndrade, fidallgo de mynha casa morador na çidade de Beja me enuyou dizer per sua pytyçam que no mes de Julho pasado se ordenara na dita çidade touros e canas geraees e outras festas por homra do casamento e bodas que dom Pedro de Sousa do meu conselho e allcayde mor de Beja ffazya emtão de hũa dona Miçia AmRiquez sua filha cõ Jorge Furtado de Mendoça e amtre os amyguos e parentes do dito dom Pedro amdaua o soplicante a cauallo na praça luguar pubriquo e deputado emtão pera as ditas festas e nella se costumara sempre juguar canas e selebrarem semelhamtes festas e coremdo a cauallo em companhya de Gomez Freyre outro si fidallgo a quem lamçarya hũa cana por sima de hũa tore allta como se fazya no Jogo das canas cõ a fadygua que o soplicamte e companheyros dauão aos cauallos o cauallo em que o soplicante corya sendo damtes muito sofrido e aRemdado se sayra desmãdado e com furya e dera grande pancada cõ a cabeça em hũa parede tam Rijo que o cauallo cayra a hũa porta sem bulyr cõsiguo e elle suplicante da outra sem dar hacordo de sy e desta pancada tornou hatras o dito cavallo topara hum Moço de nove te dez anos que se atrauesara ffilho de Allvaro Gonçalvez cirjeiro e da pancada forte que lhe dera loguo morera etc. Dada na cidade de Lixboa aos xb dias de novembro de j b^c lx anos e feyta na mesma cidade aos xxij dias do mes de feuereiro... de j b^c lx anos (Liv. 8 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 233.)

VI

Dom Sebastiam, etc. Faço-uos saber que grjgorjo moço crjado de Antonio Mendez de Castro me enviou dizer per sua pytyçã que o allcayde Marcos Lopez o prendera bespora de são Joham deste ano de b^c lxj as nove oras da noyte ffora da porta de santa Catarina Imdo elle soplicante cantãdo e folguando cõ outros mãcebos sem fazerem cousa perjudiçall a nynguem soomente hya em trajos de molher pareçemdo lhe não ser defeso e da prisão delle suplicante se fezera auto... não pasaua de xb anos e a ordenação no Livro 9 titulo 31 falamdo dos que se uestyam em trajos de molher

loguo exceptuaua festas e Jogos em que parecia que se devia emtender a bespora e dya do bem aventurado são Joham etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos xb dias do mes de Julho... de j b^c lxj... (Liv. 8 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 317).

VII

Dom Sebastião etc. Faço saber que Antonio Fernandez, çapateiro, morador em Peras Alluas, termo da villa de Monte-mor-o-Velho, me enuiou dizer por sua pitição, que em hum dos dyas do mes de Julho do anno presente de mil b^c lxj o dya e tempo que vyesse em verdade, hum Andre Gomez, porteiro do couto de Veride, lhe fora a sua casa tomar um penhor por cinquenta reaes, por dizer que não fora dançar hũa festa de Santa Isabel, como lhe fora mandado pello Juiz e vereadores do dito couto; e o dito porteiro o quisera penhorar nas tisouras de seu officio, e lhe não quisera tomar hum castiçall, por dizer que era velho e quebrado, e pello sopricante lhe lançar mão as tysouras por ter dellas neçessidade pera seu offycio, e o porteiro bradou a minha voz etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos biij^o dias do mes dagosto... de j b^c lxj anos (Liv. 4 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 359 v.).

VIII

Dom Sebastião etc. Faço saber que Saluador Eanes laurador e morador em Monteroso do Concelho da Llousada me enuiou dizer por sua pitição que elle andaua amorado por ser culpado em hũa deuassa que o Juiz do dito concelho tirara no mes de Janeiro pasado deste anno presente por se dizer casando elle suplicante cõ hũa orfã proue pera tomar sua casa Rogara a alguas pessoas seus parentes que o fosem omrrar e lleuar a sua casa dos quaes algũs lhe leuarão hum alqueyre de pão cada hum e outros algum binho que na dita terra chamão viadalhas e que elle suplicante lhes dera de Jantar casy outro tanto e por que era omem pobre e casara cõ orfã me pedia ouuese por bem de lhe perdoar a cullpa que no dito caso tinha da maneira que dezia e Receberia merce etc. Dada em a cidade de Lixboa aos xxiiij dias do mes doutubro do ano pasado de j b^c lxj e feyta nella aos xbiij dias do mes de março deste ano presente... (Liv. 3 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 19.)

IX

Dom Sebastiam etc. Faço saber que Guaspar Corea morador em Villa Reall me enuiou dizer por sua pytyção que elle fora acusado pela Justiça por não ter parte que o acusase dizendo que elle cõ outros que cõsigo aJuntara em certos dias e procisõees ordenara Jogos pela dita villa cõ mascaras desfarçadas e asy de noyte dando brados e pregões em odyo e desprezo de cristãos novos Injuriando-os e desonrãdos e a jso acodira Simão Tauares ouuydor da dita villa e que lhe posera penas que taees jogos não fizesse e dyso mãdara lançar preguão e que elle não dera preito mas contynuando em seus Jogos Injuriando ao dito ouuydor e dyserão contra elle palavras Injuriosas he de noyte lhe poserão ha Janella donde elle vyvya hum cão morto . . . e o dito ouuidor fizera os autos a sua vomtade por ser casado cõ hũa cristã nova etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos xxbij dias do mes de novembro . . . de j b^c l x j (Liv. 8 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 380 v.).

X

Dom Sebastyam, etc. Faço uos saber que Pero Correa, caualeiro de mynha casa, morador na vylla de Sãta Marynha me enuyou dizer per sua pytyção que elle fora preso pela Justiça a falecimento de partes que acusar não quyserão dizendo que em xbiij° dias do mes de dezembro do ano de jb^c lix tempo que na boa verdade vyese estãdo hum Pero Fernandez em hum quintall de hum Jeronimo Fernandez folguãdo cõ outros homens o suplicante o chamara e tendo-o fora da porta o imjuriara chamãdo-lhe Rujm vylão Roym e outras palauras e sobre isto se arremesara a elle e o levara pelas barbas e o enchera de bofetadas e couçes etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos ij dias do mes de Junho . . . de jb^c lxij annos. (Liv. 1 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, 115).

XI

D. Sebastião, etc. Faço saber que Jacome Diaz e Bastião Afonso e João Pirez lauradores e moradores na fregezya de Faldejaes, termo da vylla de Pomte de Lyma me enviaram dizer por sua pytição que eles estauão presos no castello da dita villa por que casando hum Ruy Pyrez cunhado dele João Pirez sopricante hũa filha eles leuarã a voda cada hũa sua fogaça e cabaça de vinho pera eles comerem e por serem muito parentes da noiva não sendo pera

yso cõvidados nem Rogados da parte do dito Ruy Pirez e por que elles erão Rusticos lauradores que nem sabiam ser defeso levar as ditas fogaças e cabaças a voda etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos xbiij° dias do mes dagosto . . . de jb^c lxij anos. (Liv. 6 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique fl. 142).

XII

D. Sebastião, etc. Faço saber que Gonçalo Aranha çapateiro morador na vylla de Aronches me enuiou dizer por sua pytição que poderia auer dez ou onze meses pouco mais ou menos o tempo que vyer em verdade andando elle suplicante e outros Jugando a pella e asy hum Francisco Marquez mancebo solteiro filho de Garcja Roiz morador na dita villa se vyerão a trauar em Rezõis e elle soplicante e o dito Francisco Marquez sobre o Jogo vyerão aRancar das espadas etc. Dada na cydade de Lixboa a biij dias do mes de feuereiro e feyta nella aos xb dias do dito mes . . . de jb^c lxiij (Liv. 5 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 200).

XIII

Dom Sebastião, etc. Faço saber que João Fernandez morador nesta Cidade de Lixboa me enviou dizer per sua pitição que elle fora nella preso e acusado pella Justiça por se dizer que a vinte e nove de Junho do anno passado de mil b^c lxij andando no terreyro do Passo da dita Cidade o allcayde Nycollao Muniz a cavallo afastando a gente pera se corer hum touro que se corya por cordas estando eu nas varandas elle soplicante lhe tirara hũa pedrada da qual lhe deribara a vara da mão e lhe tirara outra e o não açertara e por o dito allcayde saber que ao tall tempo elle soplicante não estava em seu Juizo natural lhe perdoara livremente pela qual culpa elle soplicante fora cõdenado per sentença final que com pregão na audiencia fosse degredado hum anno pera Afryca... elle soplicante era homem de corenta e e sete annos e mais era muito enfermo e carecido da vista... Dada nesta cidade de Lixboa a x dias do mes de março... de jb^c lxiij. (Liv. 5 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 210.)

XIV

Dom Sebastiam, etc. Faço saber que Amtão Gil homem pobre trabalhador morador no luguar dAllcayns termo da villa de Castello

Brãquo me enuyou dizer per sua pityção que seruyndo elle de Juiz no luguar dAllcayns o anno passado de b^c lxij hum Alvaro Gonçalvez e Antonio Pirez mãdarão os ditos Juizes trazer hum touro pera o correrem em dya do sãtysymo Sacramento e mãdarão lançar preguão que pesoa allgũa não fferyse o dito touro nem lhe lançase guarocha e lhe fizesse nojo per allgũa maneyra soomente ho coresem per vya de desenfadamento e por fazerem festa e andando o dito touro no corro por elle suplicante lhe dar certas pancadas o dito Alluaro Gonçalvez Juiz lhe dyse que estyuese quedo e não dese no dito touro e por elle suplicante não deixar de lhe dar desemdo o dito Juiz de hũa escada homde estaua pera o prender a elle suplicante escoregara e cayra no chão e quando asy cayra se lhe solltara a vara da mão e fora dar nas costas delle suplicante e tomara elle suplicante a vara e a lançara por hy halem e fogyra etc. Dada em a minha cydade de Lixboa aos xxb dias do mes de mayo e feyta nella aos xbiij^o dias do mes de setembro de jb^c lxiij anos (Liv. 1 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 330 v.)

XV

Dom Sebastyam etc. Faço saber que Fernãode Anes e Gaspar seu Irmão homens solteiros e Domingos de Barrimão e Lamçarote Pirez todos moradores no couto de Louzada Jurdição do duque de Braguãça que vyndo elles de Guimaraees donde fforão em Romarja em hum dos dias do mes de mayo deste ano presemte de lxb cõ outra muita gente do dito couto Rimdo folguãdo hũus cõ outros e vymdo asy todos em festa e por muito amigos abaixo da hermida de samto Amaro que èstava no dito couto se hallevantou amtre todos hum muito grande haroydo e volta em ho quall tambem amdava he acodyra hum Antonio Gonçalvez hy morador e andavam cõ espadas nuas e elles suplicantes arramcarão das suas e forão pera a parte domde estaua o dito Amtonio Gonçalvez sobre elle e lhe atyrarão cotiladas e golpes de maneyra que lhe deceparão ha mão esquerda pela Jumta domde peguava no braço que loguo cayo no chão etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos xxbiij^o dias do mes de novembro... de jb^c lxb. (Liv. 10 de Legit. de D. Seb. e D. Henriques fl. 289 v.)

XVI

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Fernando Roiz morador na vylla de Vylla Frol da comarqua da Tore de Mencoruo me enviou

dizer por sua pitição que sendo ele suplicamte de Idade de dez annos pera doze no Ano de jb^c lj anos estando cõ outros dez ou doze moços da dita Idade acabando todos de Juguar a choqua estando folgãdo e brinquãdo entraram todos em hum lagar velho de fazer vinho que fora de Joam de Moraes, morador na dita vylla s. hum Francisco de jdade de xij ou xiij anos filho de Vasco Fernandez o Velho morador na dita vylla se asemtara no peso da pedra do dito lagar e se aRimara ao fuso e estando o dito Francisco asy asentado e andãdo ele suplicante cõ ele e outros moços brymquãdo demtro no dito lagar ele suplicante cõ hum cajadinho que tynha na mão por andar Jugando a choqua dera symprezmente hũa pamcadynha ou duas em hum espeque que estaua debayxo da vyga do dito lagar e cõ ha dita pamcadynha que asy dera no espeque que estaua podre por Rezão das augoas que derã nele por o lagar estar descuberto as chuvas e o dito Francisco nysto se acostar ao fuso que estava posto na dita vyga corera a vyga por diante e desmentio (?) o espeque e decera a vyga pelo fuso abaixo ate dar no peso e tomara amtre o dito peso e a vyga o dito Francisco e o matara e asy dera ao dito suplicante na cabeça e por o não acolher em cheo se salvara pela qual morte se tirara devasa pelo que ele suplicante avia xiiij^o anos que andava amorado por não ter posebelydade pera se lyurar etc. Dada na cydade de Lixboa a xxbiij^o dias do mes de Junho... de jb^c lxbj... (Liv. 2 de Legit. de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 148).

XVII

Dom Sebastyam, etc. ffaço saber que Johão Symão, morador nas Tynalhas, termo de são Vicente da Beyra me enuiou dizer per sua petyçam que elle fora preso na cadea da dita villa por se dizer que contra mandados do Juiz o suplicante andaua de noyte com guitara pelo dito luguar cantamdo camtyguas em despreso da Justiça e Repicava os synos e em ausencia do Juiz dysera comtra elle palauras de Imjuria e que lhe cortaria hum braço etc. Dada na cidade de Lixboa aos xxiiij^o de março. . de jb^c lxbij... (Liv. 26 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 241 v.).

XVIII

Dom Sebastyam, etc. Faço saber que Nuno Alluez e Francisco Pinto, moradores, em Cucanha me enviarão dizer per sua petiçam que aos xxx dias do mes de julho do ano de jb^c lx iiij^o ou

o que na uerdade se achase ffazemdo se festa do Santysymo Sacramento na dita villa e servimdo elle suplicante Francisco Pymto de mordomo da dita festa e de allmotaçe da dita villa andamdo mandando tapar hum aro em que se avyam de corer touros hum Rodrigo Moreyra, morador na dita villa e Juiz ordinario que servia em ausencia do Antonio Mendez, por ser Imyguo delle suplicante se vyera a tomar cõ elle em pallauras sobre os quaees o dito Juiz quysera prender a elle dito Francisco Pimto e elle ao dito Juiz e peguando hu no outro temdo ambos as varas nas mãoos acodyra elle suplicante Nuno Allvez de hũa Janella etc. Dada na cidade de Lixboa aos xj dias do mes dabril... de j b^c lxbij anos. (Livr. 26 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 246 v.).

XIX

Dom Sebastiam etc. Faço saber que Briatiz Vaaz dona vyuua me enviou dizer per sua petyção que hum seu filho per nome Dyoguo moço menor ffora acusado per hum Alluaro Fernandez, Juiz na villa dAllter do Chão dizendo que elle suplicante com outros moços ffora da porta do queyxoso de noyte de suada pedindo lhe sua fylha camtamdo camtyguas desonestas e que fora a outras partes ffazendo união etc. Dada na cidade de Lixboa aos xb dias do mes dabrill e feyta aos xbj... de j b^c lx bij anos... (Liv. 26 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 251) (... Antonio de Cimas e Dyoguo Diaz, lauradores, moradores na villa dAlter do Chão me enviarão dizer per sua petyçam que elles andauão amorados por que estando presos na dita villa por andarem de noyte cantando cantyguas defamatorias e irem a porta do Juiz, pedymdo lhe sua filha e a porta doutros homens he molheres casadas... Lisboa, 14 de abril de 1567 Id. fl. 258 v.).

XX

Dom Sebastyam, etc. Façouos saber que Antonio Fernandez, seareiro, morador no Pomball, termo de Santarem, me enviou dizer per sua petiçam que Imdo elle ao luguar dAzynhagua de cuja freyguesya elle hera pera foliar por ser folyão dominguo xbij dias de Julho do ano presente e por se fazer no dito luguar prosyção solene do Santysymo Sacramento e festas he folguares e tresfoliares leuaua na cabeça hum chapeo forado por dentro da copa de tafeta e sayrya fora da dita copa dous dedos he meio que elle suplicante leuaua por festa e com elle folyar como o leuara todo de veludo

se ho achara emprestado pera homra he louvor de deus e de sua festa e o allcayde do dito luguar ho premdera cõ ho dito chapeo asy forrado de tafeta pespomtado com Retros pela borda do dito forro etc. Dada na cidade de Lixboa aos xxbj dias do mes de setembro... de mill b^c lxbij... (Liv. 26 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 341 v.).

XXI

Dom Sebastyão etc. Faço saber que Antonio Diaz, de Lamarosa, termo da villa de Torres Nouas me enuyou dizer por sua pitiçã que em hum dos dias do mes de Janeiro que ora pasou que serya por são Sebastyão pouco mais ou menos sendo Domingo depois de Jantar por aver hum desposoryo no dito lugar ouvera aly follgos e bayllos donde se Recrecera a vir ter brygas cõ elle suplicante Symão Leytão e outro seu Irmão etc. Dada na cidade de llisboa a xxij dias do feuereiro... de jb^c lxbiij^o... (Liv. 25 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 37 v.)

XXII

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Manuel Fernandez, morador no Casall de Nogeiro, termo da villa dArouqua me enviou dizer por sua pitição que no primeiro dia doutubro deste ano presente de j b^c lxbiij^o as duas oras amdadas da noite estando Susana Pirez, molher solteira sua vizinha fiando ao serão cõ outras molheres e estando outrosy hũus mãcebos camtando ele suplicante comesara de sua casa a tomar se de Rezões cõ a dita Susana Pirez, dizendo lhe que fazia tourarias e que já o touro vynha pera a vaqua. Respondendo ela que não tiuese de ver cõ Iso logo ele suplicante saira de sua casa cõ hũa chusa nas maos e se fora donde a dita Susana Pirez estaua e lhe dera cõ a dita chusa hũa pamcada na moleira da cabeça que logo dera cõ ela no chão e lhe fizera hũa ferida aberta em samgue de compridão de huu dedo de que estiuera em cura dizendo que avya de castigar putas e que o aviã de conhecer etc. Dada nesta villa de dAlmeirim aos xj dias do mes de março... de j b^c lxix... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 266 v.).

XXIII

Dom Sebastião, etc. ffaço saber que Joam Toscano, mãcebo. morador em Villa Ruyua, filho de Vasco Roiz, outrosy morador

na dita vylla me enviou dizer por sua petição que em dia de Nosa Senhora dAgosto do ano pasado fazendo se festa a omra de Nosa Senhora o suplicante cõ outros mãcebos quyserã fazer huua dança e folgar como por tall dia se costuma sempre fazer e trazendo elle suplicante huns callsões de tafeta preto callsados Jorge Martinz, alcayde da dita villa ho prendera por asy o achar cõ os ditos callsões etc. Dada nesta vylla dAlmeyrim aos xxbj dias do mes de março... de j b^e lxix... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 294).

XXIV

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Manuel Diaz Moreno, morador no termo da villa de Monforte, homem que vive por sua fazemda e lavoura me enviou dizer por sua pitição que dia do Amjo Costodio do ano de jb^c lxbiij^o ãdando ele e outros homes a cavalo por fazerem festa coremdo a hum pato como se costumava na Rua dEvora ate a Rua do Moesteiro omde comumente era costume corer acõtecera que levando ele suplicante a cabeça do pato jndo correndo pela Rua abaixo encontrara per desastre hum menyno de tres anos que hia... per nome Alvaro, filho de Domyngos Pirez, morador na dita villa que atravessara de hũa parte da Rua pera a outra cõ o estribo o ferira na cabeça da qual ferida ho dito menyno vyera a falecer dahy a hum mes etc. Dada nesta cidade de Lisboa aos xx dias do mes de mayo e feyta nella aos xxb... de j b^c lxix... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 335.)

XXV

Dom Sebastião etc. faço saber que Amrryque Lousado, morador no Concelho dAtey me enviou dizer por sua pytição que ele foy preso na cadea do dito Concelho per hum feito crime e querendo se lyvrar da cullpa que lhe punhã de huu aRoido que se fez no dito Concelho sobre o Jogo da choqua que se Jugara pelos moradores do dito Concelho em hum dia de festa pondo-se em huua parte hũa fregesya contra outra sobre ho que ouvera hũa volta e aRoido em o qual morerão quatro pesoas e ouve algũs outros feridos etc. Dada na villa de Mõte Mor o Novo aos biij^o de novembro... de j b^c lxix... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 411 v.).

XXVI

Dom Sebastião etc. Faço saber que Gaspar Fernãdez, morador, na cidade de portallegre me emvyou dizer por sua petição que elle ffora preso e acusado pella Justiça da dita cidade por se dizer que nas festas do espryto santo que se na dita çidade fazião e fizerão o anno pasado elle suplicante cõ outros em desprezo das festas tomarão hum Joane omem ensensato e o despirão nu e lhe poserão em suas vergonhas huas nespras e andarão cõ elle pella cidade de que ouvera escandallo pello qual caso per sentença da Rellação saira cõdenado em hum ano de degredo pera a afryqua cõ pregão na audiencia etc. Dada na cidade devora aos xxbij dias do mes de janeiro e feyta aos trinta... de j b^c lxx. (Liv. 9 de Legitimações de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 17).

XXVII

Dom Sebastião etc. faço saber que Manoel dOliveira e Gaspar Gonçalvez e Manuel Gonçalvez moradores na villa de Mourão me enviarão dizer por sua pitição que eles forã presos e acusados pela Justiça por se dizer comtra eles que despojs do sagrado cõcilio que defendeo corerem se touros em cerqua eles levarão hum touro a dita vylla e o corerão em bastidas e por yso sairão cõdenados em mjll reaes cada hum deles e em seis meses de degredo pera fora da vjlla e termo cõ pregão em audiencia etc. Dada em a cidade devora aos xbj dias do mes de março... de j b^c lxx. (Liv. 10 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 53 v.).

XXVIII

Dom Sebastião, etc. faço saber que Antonio Pirez da Nobrega, mestre pilloto, morador em Leça de Matosynhos me envyou dizer por sua pitição que o anno de j b^c lx tres que avia agora dezoyto annos sendo allmotacés no dito lugar hum Francisco Pirez e Pedro Annes e meirinho hum Jeronimo Diaz. andando pello lugar cõ danças e pello dia de Corpo de deus depois dacabar a presyção e acompanhando os ditos allmotaces e meirinho as ditas danças e Regendo as e governando as acõtecera que elle soplicante e outros que andarã cõ outras festas e danças de Leça se forão encontrar cõ os ditos allmotaces e meirinho junto da praça do dito lugar de Matosjnhos e por ser o lugar estreyto e elle soplicante e os mais de Leça andarem de diferença sobre hũa dança cõ os de Matosi-

nhos se travarão em brigas etc. Dada na cidade de Lixboa aos xxxi dia dagosto... de j b^c lxxj... (Liv. 25 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 498 v.).

XXIX

Dom Sebastião, etc. faço saber que Johão de Varis, laurador, morador no lugar das Duas Egrejas termo da cidade de Miranda me enuiou dizer por sua pitição que elle fora cõ outros muitos ao lugar da Freixinosa termo da dita cidade em Romarya a Nosa Senhora da Madre do dito lugar por ser dia de sua festa no dito lugar e sendo já ditas as missas estando muita parte da gente que a dita Romarya forão junto ao dito lugar follgando começarão tirar hũa pedra por ver quem a deitaria a mais longe de sy como se tirar a hũa bara (?) e tendo tirado a dita pedra hum Francisco Lourenço, lavrador, morador em Villa Chã, termo da dita cidade elle suplicante fora tomar a dita pedra pera tirar cõ ella e mostrar suas forças e estando muitos homens ao Redor que vião como tiravão e fazendo seus meneyos pera deitar de sym a dita pedra disera e asy os que estavão a Roda diserão em voz allta: guarda, pera que se guardasem aos quais brados o dito Francisco Lourenço que estava fallando cõ outro homem se descvydara e se não guardara nem arredara, etc. Dada na villa dAllmeida a quatro dias do mes de fevereiro... de j b^c lxxij. (Liv. 18 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 27 v.).

XXX

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Balltesar Diaz Malldonado Cavaleiro, morador no coutio *(sic)* de Vall Lomgo, termo da cidade de Tavyra me enviou dizer per sua pitição que averya perto de cymquo anos que sendo ele cortanheiro no dia do esprito samto na freguezia da Cõseyção que está no dito coutio do Vall Lomgo e antre os ditos cortanheiros fora enlegido ele suplicante por mais suficiente pera ir busquar hũa vaqua pera a festa do esprito sãto e ele suplicante a fora busquar e cõprara dahy a hũa legoa que era no termo da vylla de Cacela a Domingos Lourenço, morador na dita vylla e a trouxera e a cortara entre todos o dia da festa como era costume a omra do esprito santo e por descuydo do suplicante perdera a carta de gia que era obrigado apresentar na dita vylla de Cacela onde comprara a dita vaqua e por se temer por tempos lhe peção etc. Dada em a cidade dEvora

a xxbij de março de... j b^c lxxiij... (Liv. 19 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 105).

XXXI

Dom Sebastiam, etc.. faço saber que Tome Cardoso, morador no lugar de Formynhão termo da cidade de Vyseu me envyou dizer per sua petyção que fazendo se este ano de lxxiij a festa do Santysymo Sacramento no dito luguar allguns homens por homra da dita festa se haJuntarão he fazyão amtre sy bolsa de dous mill reaes pera comprarem hum boy novo com que se desemfadasem e Roguarão ha elle supricante por ser laurador e emtender dyso que o quysese jr comprar e foy e depois de com elle se terem desemfadado por ho dinheiro ser de muitos se detrjmjnarão de o matar pera se destrebuir amtre elles conforme ao que cada hum tynha dado e elle suplicante ho matara e estando asy partindo amtre sy acodyo gemte que a querya comprar e lhe derão da dita carne conforme o preço que a elles lhe sahya que foy a bij reaes e meo o arratel valemdo no dito luguar a bj reaes ha carne gorda e porque se temja que allguas pesoas por lhe fazerem mal denunciasem etc. Dada em Allmeyrym a tres de dezembro... de j b^c lxviij^o (Liv. 16 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 109, v.).

XXXII

Dom Sebastião etc. faço saber que Pedro, morador em Nysa, me envjou dizer por sua pitição que jndo elle soplicante cõ outra muita gente dia de são sebastião do anno passado aconpanhando a bandeira do esprito santo o Juiz ordinario da dita villa o prendera a elle soplicante por hua coima de que se avião de pagar tres ou quatro tostõis de cadea e preso o entregara a Gaspar Ribeiro e a Jorge Gonçalvez que vinhão folliando no dito acompanhamento pera o averem de levar a cadea e ficando asj entregue preso aos sobreditos se chegarã outros mancebos e homens pera ver o que era e se começarão impurrar huns a outros e elle soplicante na dita envolta se solltara delles e fogira de suas mãos etc. Dada em allmejrym a iiij^o de março e feyta aos cinquo... de j b^c lxxiiij (Liv. 13 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 184.).

XXXIII

Dom Sebastyam, etc. faço saber que Jeronimo de Miranda, morador em Villa de Torres Vedras me enujou dizer per sua petyção que andando os moços folgãdo cõ hum gualo dya demtrudo que ora pasou de lxxiiij° trazemdo Rodellas espadas paaos como custumão o tall dya os moços pera matarem o guallo amdamdo Johão Irmãao delle suplicante na volta por não ter outra cousa que levar se não hũa bestynha de pelouro a leuaua e por não ter pelouro lhe posera huu torrão de call na corda e Imdo todos com gramde matynada de folguar pasamdo pela porta do mestre da gramatyca homde o dito Joham seu Irmão hapremdya cheguarão outros moços doutra escolla he aly se haJuntarão huus com outros homde tyuerão os seus pasatempos e brjmcos de brjgas sobre o guallo como sempre ouve e temdo o dito Johão a besta na mãao armada elle lhe dise que tyrase ao gualo e em lhe dizendo jsto em zombarja e por Rirem tomou a besta ao dito Johão seu Irmão que tynha o dito torrão na corda e por desastre tyramdo ao guallo hacertara de dar com elle em huu moço per nome Johão crjado de jurdão luis, barbeyro, morador na dita villa em hum beiço etc. Dado em Almeirim a xxix de março... de j b^c lxxiiij.° (Liv. 16 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 168.)

XXXIV

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Domingos de Seixas, morador em Pinhel me emujou dizer per sua petição que elle fora preso e acusado pela Justiça por se dizer ter culpa de cõ outros corer huus touros comtra prohibição do Juiz e outros officiaez e pelo caso fora condenado per sentença da Relação em seis meses de degredo pera fora da villa e termo etc. Dada em Almeirim aos xb dabril... de jb^c lxxiiij°... (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 309).

XXXV

Dom Sebastião, etc. faço saber que Lourenço Aires Rodovalho contador e destrebujdor na cidade da Ponta Delgada da Ilha de são Miguel me enviou dizer per sua pitição que domingo xxiiij dias de majo do ano passado de lxxiij em que se fazia na dita cidade presysão do sãtisymo sacramento solenemente ãdando ele suplicante cõ os prjncipaes da tera a cavallo pela cidade despois

de terem Jugado canas e estar... por omra da festa se forã todos a careira publica omde se custumaua corer estamdo ahy muita gente e temdo alguns de cavalo pasado a careira coubera tão bem a ele suplicante a sua ves e vyndo no meio da careira em huu cavalo muito ligeiro cõ toda a furia saira supitamente de hũa trauesa huu moço de jdade de oyto ate nove anos filho de hũ João Vaz trabalhador e atravesãdo a careira o tempo que ele suplicante emparelhaua cõ a dita travesa encontrara cõ o dito cavallo etc. Dada nesta cjdade de Lixboa aos xbj dias de Junho... de jb^c lxxiiij. (Liv. 12 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 36).

XXXVI

Dom Sebastyam, etc. faço saber que Antonio Fernandez, homem solteiro, morador na villa de Valldygem me enuiou dizer per sua petyção que Domingos Corea Juiz ordinario nella ho premdera andamdo com outros em hũa damça na prjsyção do samto sacramento que se fezera ho terceiro domimguo do mes de Junho deste ano por amdar com mascara semdo mandado com penas que não andasem mazcarados he premdemdo o asy ho emtreguara a Gonçalo Gonçalves he Manuel Diaz [1] quadrilheyros aos quaees elle supricante de demtro da Igreja homde estava peramte a gemte que hera muita se sahyra e lhes fogjra etc. Dada em Lixboa a bj dagosto e feyta a ix... de jb^c lxxiiij^o. (Liv. 16 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 261 v.).

XXXVII

Dom Sebastiam etc. faço saber que Gonçalo Gonçalvez morador na vylla de Baldigem e nella quoadrylheiro me enuiou dizer por sua pitição que Domingos Corea Jujz ordinarjo nele em hũu domingo 3.º do mes de Junho deste ano ãdando a presysão cõ o samto sacramento arredor da Igreja premdera huu Antonio Fernandez homem mãcebo sollteiro por ãdar emmazcarado cõ outros em hũa damça e tendo o asy preso o entregou a ele suplicante e a hũu Manuel Diaz tão bem quoadrylheiro e ele por a jemte ser muita lhe fugio perante a gemte e o não poderão tornar a tomar etc. Dada em Lixboa a bj dagosto e feita a xi do dito mes... de jb^c lxxiiij^o. (Liv. 12 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 68).

---

[1] Tem carta de perdão no mesmo Livro a fl. 268.

CANTIGAS DOS "SETES"

I

Génese do «SENHOR SETE» de Trindade Coelho

Esta longa serie de cantigas, onde figura o numero «7», tem, como tudo no mundo, uma historia; por que ella não deixará de ter algum interesse para os que outr'ora acompanharam as evoluções do cabalistico numero no *Reporter*, e tambem porque ao contá-la evocarei um dos vultos de maior prestigio na litteratura portuguesa nos ultimos annos, — Trindade Coelho —. Vou contar essa historia:

Um dia de abril de 1896, quando menos a esperava, recebi de Trindade Coelho uma carta, onde me dizia:

«Ando agora com a mania dos 7 — dos *setes*, devo dizer para ser claro. Ando com a mania dos setes! E' um numero symbolico, um numero cabalístico, um numero... feiticeiro! Já tenho uma soffrivel collecção, mas venho pedir-lhe que m'a acrescente, pois desejo perfilar tudo isso n'um trabalho litterario. Temos, para lhe dar o lamiré: — Os 7 peccados mortaes; os 7 cães a um osso; os 7 pobres n'um palheiro e o homem dos 7 instrumentos, vizinho do outro dos 7 officios; as 7 partidas do mundo e as 7 cores do espectro; os 7 sabios da Grecia e as 7 maravilhas do mundo,—não fallando nas 7 mulheres do Gungunhana, nos 7 palmos de terra, nos 7 passos, nas 7 dôres, nas 7 pedras na mão, nos 7 dias da semana; nas 7 pyramides do Egypto; nas 7 notas da musica; nas 7 figuras da dita; nas 7 vaccas magras; nas 7 gordas; nas 7 semanas de quaresma; n'aquelles que fallam por 7; etc., etc., etc.) Ora tem a palavra. E dictados. E historias, e tudo isso. Manda? A ver vamos.»

Era tarefa urgente — e de circumstancia! E para contentar o meu amigo, emquanto não iam as cantigas e os *setes* genuinamente populares, que eram os que eu mais facilmente podia colligir, alguem, que ao meu lado estava — e que já não vive [1], — improvisou após a lei-

[1] A poetisa D. Maria José Furtado de Mendonça.

tura da carta, e para seguirem na volta do correio, as seguintes quadras:

Recebi a sua carta
Que eu abri sem mais demoras,
Na sexta-feira de tarde,
Era já quasi 7 horas.

E como o numero sete
São agora os seus anhelos,
Lembrei-me logo da pera
Que tem 7 cotovellos.

S. João Evangelista
Viu, e não teve terror,
7 lampadas ardendo
Junto ao throno do Senhor.

Inda nos falla em mais setes
Nos seus livros, podem lê-los:
As 7 igrejas da Asia,
O livro dos 7 sellos.

Christo proferiu na agonia
7 palavras de paz;
Deu 7 quédas do horto
Até á casa de Annás.

Perdoae aos inimigos,
Se q'reis bens que Deus promette,
Não só até 7 vezes,
Mas 70 vezes 7.

7 filhos teve a santa
Felicitas, assim é;
7 mysterios a corôa,
7 gozos S. José.

7 mulheres a um homem
Dizem: «dá-me o nome teu».
7 maridos a Sara
Matou o fero Asmodeu.

Sómente 7 capitulos
Tem o livro de Michéas,
Daniel 7 e mais 7,
E outro tanto o de Oséas.

Do bom Tobias o livro
7 capit'los tem só;
7 pragas no Egypto
Em tempo de Pharaó.

Tres vezes 7 capit'los
Tem o livro dos Juizes;
Canonicas são 7 horas,
Os que as rezam são felizes.

Covados tres vezes 7,
Reparem com attenção,
Tinham de altura as columnas
Do templo de Salomão.

Para obter as filhas
De Labão — isto faz dó, —
7 annos e outros 7
Guardou ovelhas Jacob.

7 buracos na cara
Tem qualquer simples mortal;
Veem-se 7 castellos
Nas armas de Portugal.
etc., etc., etc.

Immediatamente dei principio ao rebusco escrupuloso e porfiado de todas as quadras, todas as orações, romances, contos, superstições, ditados, historias, — tudo, emfim, em que houvesse allusão ao magico numero 7.

Longos meses levou a colheita, que eu ia fazendo em parcellas maiores ou menores, e que ia enviando ao seu destino. Em seguida á primeira remessa escrevia-me T. Coelho, em 11 de Maio:

«Não tenho tempo para uma carta longa, porque isto é escripto no Tribunal, emquanto fumo um cigarro para descansar da lufa-lufa dos autos; mas sempre lhe quero gabar o contingente

de *setes* que tem mandado para o meu celleiro! Sim, Senhora; eu bem sabia a que porta batia quando me dirigi á minha amiga..

As quadras, sobretudo, são admiraveis, e darão a parte decorativa do meu trabalho. Mande mais; isso deve ser inexgotavel, e estou a ver que vale muito a pena continuar a agradabilissima excavação. Algumas phrases ha que precisariam de commentario e por isso e para isso conto comsigo. Valeu? E contos, e historias?.. o Theophilo, traz umas quatro nos *Contos tradicionaes do povo portuguez*..

..Sobre setes é d'uma pobreza franciscana outro livro d'elle que consultei. Mandei a minha collecção para a minha terra, a ver se aquelles suggerem outros, e se alguns teem variantes, minhas conterraneas, para seguir essas de preferencia.»

Meses depois, em 23 de Dezembro — a animar-me no proseguimento da empresa, e a combater possiveis esmorecimentos, recebia eu a seguinte carta:

«Acuda-me! Veja se me manda quanto antes o commentario, ou explicação, breve, a alguns d'estes setes: — Sete é conta do mentiroso. — As 7 partidas do mundo (alguma versão popular exemplo, ou coisa semelhante) — Leitões de 7 semanas. — Os setemesinhos, ou os que nascem aos 7 meses: (que teem?) — As As setes badaladas do signal da Santa Uncção (tambem ahi?) — Um bicho de 7 cabeças — Sete, diabo te espete: (Mais locuções rimadas n'este gosto, como: *Tres, conta que Deus fez*. Conhece mais?) — Agua de 7 fontes na noite de S. João: que tem? — Quem tem 7 filhas, a ultima é feiticeira; quem tem 7 filhos, o ultimo é lobishomem: (differença entre feiticeira e lobishomem?) — Sete semanas demoram as feiticeiras na aprendizagem: — (com quem aprendem? As *lições* em que consistem? Onde são dadas? etc.) — Para ajudar a uma missa na falta do *macho* são precisas 7 virgens. — E' ao fim de 7 semanas que se apartam da mãe os leitões: (contractos de meias? Epocha? Duração? Condições?) — Pêra de sete cotovellos. — Aos meninos aos 7 meses busca-se-lhes o dente e o assento: (alguma cantiga, alguma lenga-lenga para os aguentar sentados, como: *Tem, tem, meu menino, tem tem.*) — O uso da razão vem aos 7 annos. — Sete boccas tem a Fama. — O mundo é fechado a sete cadeados. — Vinagre de 7 ladrões. — A varinha das 7 mandingas. — Feijões de 7 semanas. — Herva de 7 sangrias: (d'antes os homens não se sangravam periodicamente? Chamava-se isso...? Logar da sangria?) — Sete montes,

sete fontes, 7 pontes, 7 portellos e 7 encruzilhadas: (isto é negocio de bruxas...) — Fome de 7 rabos. — Rosa de 7 folhas. — O jogo dos 3 setes (de cartas? como é?) — No dominó, o jogo dos matadores: como é? — O homem dos 7 chapeus: (quem era este figurão?) — De sete que eramos só a mim levava: (d'onde é isto?) — Os 7 dormentes: (isto é da Biblia? que é isto?) — Os 7 filhos de santa Felicidade: (Nomes? A santa de que é advogada?) — As 7 irmãs de St. Quitera: (idem!) — A carapuça dos 7 botões. — Sete juizes comeram os figados d'um enforcado: (quem me dera esta historia)! — Rainha d'Hungria não pare nem cria, teve 7 n'um dia: (que é isto?) — Fernando VII foi degredado, por namorar não é peccado. — As 7 pontas dos bois do Preste João das Indias. — Sete fadas boas e 7 fadas más. — O conto dos 7 cabellos d'oiro do diabo. — A alegria do pae que tinha 7 filhos e que quebrou 7 varas. — O conto do ladrão a quem o Papa deu de penitencia comer 7 annos com os cães. — Tenha paciencia! Já agora, ha-de me ajudar n'esta linda tarefa. O melhor é pôr cada Sete n'um *quarto* de papel, e commentar por baixo. E' como eu tenho isso: em verbetes. Tenha paciencia, mas isso á lareira, com *filhóses*, é um regalo! Um commentario simples, quatro palavras, o bastante *para não ficar calado* diante de cada coisa. Percebe? E tem gostado?»

E esclarecia em P. S.:

«Bem intendido: não é preciso vir tudo isso junto. Tres a tres e de quando em quando. De vagar que tenho pressa.»

Interessará saber, como leve pormenor d'esta veridica *historia*, que todos, ou grande parte, d'estes «setes» os ministrára eu a T. Coelho, como simples thema para elle desenvolver, absolutamente *seccos*, sem commentario, — já por ignorar a «historia» de uns, já por ser a de outros tão corrente, que suppus ninguem a desconhecesse (por exemplo, a dos 7 dormentes, a das 7 varas, etc., etc.), já, finalmente, para que Trindade Coelho não imaginasse que eu queria installar-me nos «Echos» do *Reporter*, enxotando-o a elle...

Mas, como ia contando: chegou-me esta carta ás mãos na vespera do Natal de 1896.

Justamente nessa occasião andava *Ch. A. Hysson* [1] envolvido em amigavel discussão com certo «abrantino», que na *Tarde* appare-

[1] Pseudonymo com que T. Coelho assignou os «Echos» no *Reporter*.

cêra tambem com uns *setes* glosados em verso — muito bonitos, mas litterarios em demasia para serem julgados ethnographicos, como o seu auctor pretendia, ou fingia pretender. A poetisa, a que acima alludi, para quem o improviso era coisa simples e facil, ditou-me — levada pela suggestão dos *setes* do «abrantino» — as seguintes quadrinhas, onde, como se vê, arranjou modo de esclarecer um dos *setes* que o meu correspondente desejava:

DESGARRADA

— Menina do bom cabello,
Venha-se aqui assentar;
Quero ensinar-lhe a cantar
Cantigas ao sete-estrello.

— Cantigas ás sete estrellas
Vou dizer-lh'as num instante,
Mas você é ignorante
Não poderá entende-las.

— Bem entendo o sete-estrello
E mais não sou sabichão;
Menina, o seu coração
E' tão frio como o gelo.

— Não sou fria como o gelo,
Pois aqueço-me á lareira;
Você passa a noite inteira
A olhar p'ró setestrello.

— Vão gósto de ouvir tonilhos,
Mas diga-me na verdade
Os nomes dos sete filhos
De Santa Felicidade.

— Já que assim é necessario
Vamos a ver se me engano:
Vá ouvindo: Januario,
Felix, Fillippe, Silvano.

— Conte tambem um Vital,
E veja com quem se mette;
Alexadre, Marcial
E aqui tem o senhor sete.

Quem quiser, póde ver no *Reporter* de 30 de Dezembro de 1896 como Trindade Coelho ficou contente e louvou esta breve «desgarrada» —; e se ficou ou não contente com a remessa, que juntamente com essas quadras enviei, é elle que vai dize-lo tambem:

«Oh, quem me dera ser agora como as feiticeiras, e voar, voar, por cima de toda a folha, para lhe ir agradecer muito o seu lindo presente de hoje! Nem sabe como eu fiquei contente; — nem sabe como eu fiquei triste, por causa d'aquellas perguntas: — *Quer? Quer?* Pois já se vê que quero! Quero tudo, quero isso tudo, quero todo esse seu espirito e da Mamã [1], n'este capitulo dos setes, cá fora, espalmado em papel, e o papel a correr por esse caminho, da Rapa até ás minhas mãos! Ouviu? Ouviram? Eu não sei nada, o Theophilo não sabe nada: a Rapa é que sabe tudo..

«Acabei agora de fazer os *setes* para amanhã. Mas por este caminho, os *Echos* vão ser todos para o Senhor Sete, e d'aqui a dias não me chega o *Reporter* todo! Melhor! O Pereira já me disse que queria ser, no fim da ladainha (terá fim?!) o editor de tudo aquillo em volume! Vamos a elle, que os *aficionados* do genero devem estar cançados d'aquelle feitio mazorro com que tem sido tratado o assumpto pelos intendidos, — chineses na paciencia e pouco mais!

Eu estou tentado a copiar-lhe as perguntas que hoje me faz; não vá esquecer-lhe responder a alguma.. E' preciso? Pelas almas, minha Amiga, vamos a esse thesouro! Mas ouviu? escreva cada coisa em separado, em verbetes. Uma folha de papel dá-lhe 4 verbetes, e é melhor assim, para eu regularizar a *catalogação*... Estou a escrever--lhe com muita pressa, que é como eu escrevo tudo, menos o Senhor Sete...» etc., etc.

Como se vê, exaltava-se a pobre, mesquinha e obscura Rapa, e tratavam-se irreverentemente os «sabios». E' que Trindade Coelho era de extremos; quando queria ser amavel, não punha limites á sua

[1] [Vid. adiante, pag. 154, nota. — J. L. DE V.].

amabilidade, — e, no enthusiasmo dos *setes*, quis ser amabilissimo para a minha aldeia...

Poucos dias passados, e não se lhe varrendo da ideia os receios do meu possivel esquecimento, nesta carta manifestados, — recebi um *enveloppe* registado, cheio de verbetes, tendo cada um, no cimo, escripto o *sete* que eu deveria glosar. Acompanhava-os um simples bilhete de visita:

«Queria escrever-lhe, mas não tenho tempo. Já percebe: um commentariosito a cada coisa. Breve e intenso, como V. sabe.»

Muitos d'esses verbetes foram preenchidos e logo enviados; alguns d'elles, ou por eu não saber desenvolvê-los, ou por o assumpto não se poder limitar ás suas exiguas dimensões, ainda os conservo.

Respondeu a minha aldeia, por um intermedio, no que lhe tocava, conforme soube e poude... Quando ella nada tinha que dizer, por o assumpto do *sete* não ser alguma oração, superstição, etc.—, fallava eu; e quando nenhum de nós sabia, franca e lealmente nos declaravamos inscientes, e *conscienciosamente* nos remettiamos ao silencio,— a minha aldeia e eu. «Inventar» ou «estropiar,» — nunca [1].

Bem sabia eu que Ch. A. Hysson confiava em mim e na probidade com que lhe dava os esclarecimentos que, no meu escasso ambiente, podia ministrar-lhe; bem sabia elle tambem que em mim podia fiar-se... Numa carta, escripta em *papel do officio*, como elle mesmo disse (*linguados* de imprensa), assim me escreveu:

«..E que lindas coisas me mandou sobre setes! Verá agora como eu enfeito aquillo com o guarda-roupa da casa, — o que não quer dizer que fique melhor, senão que em *corpo 8*, rende mais... Aquelle conto dos 7 *testamentos de S. Matheus* é de primeira ordem! Fica para os *Contos*, quando lá chegarmos; — e os outros quero-os *por extenso*, ou ao menos em *summula que diga tudo*, e que eu cá repuxarei com o meu estylo..

Coisas em verso, tenho muitas, rebuscadas no Garrett, mas eu preferia dar versões differentes das d'elle.. Isso, porém, será difficil, porque essas lindas coisas em verso custam mais a conservar de memoria do que as simples quadras, — e agora só se na Rapa-

[1] Assim me dizia T. Coelho que faziam alguns sabios do genero em Portugal...

se souberem algumas. Eu indico as que fallam em sete, das que vi no Garrett, e naquelle livrinho da *Bibliotheca do Povo e das escolas.* — *Helena* (Garrett, III, pag. 58); *A bella infanta; Romance do soldado e da namorada;* — *Xacara do soldado;* — *D. Garfos;* — *D. Lizarda;* — *D. Beltrão; Bernal-francez;* — *D. Gaifeiros;* — *Santo Antonio e a Princeza;* — *D. Aleixo;* — *Donzella enfeitiçada; O caçador;* — *D. Sylvana* (Romanceiro geral, pag. 30);—*Infanta de França* (Ib., pag. 26; 2 versões); — *D. Martinho d'Avisado (sic),* (Ib. pag. 8; Garrett, III, pag. 80, 4 versões); — *Prisão de Virgilios.* (Hist. da poesia portuguesa, 1.º, pg. 178); — *Xacara de D. João* (Revista do Minho, 9.º v., pg. 180, n.º 21); — *Lenda de N.ª S.ª dos Martyres* (Ib., 7.º, pg. 78); — *As sete irmãs de D. Sylvana* (Ib. v. 9.º, pg. n.º 21); — *Nau Catharineta* (Cancioneiro, Th. Braga, III, pg. 58; no folheto da *Bibliotheca do Povo,* outra); — *Lenda de Santa Helena,* (Cancioneiro, III, 127); — *Trova de Santa Iria;* — *Toureiro namorado;* — *Romance da Alma;* — *Romance da Romeira;* — *Romance do Cura; D. Pedro; D. Ausenia.*

Tenho estas; mas vejo agora que em muitas não indiquei os logares onde os li e d'onde extrahi a passagem do *sete,* o que me obrigará a repetir o trabalho, pois resolvi dar tudo: todo o texto, de cabo a rabo! Estou convencido que já não ha livro que não esteja feito: *excepto o do Senhor Sete.* E' por isso que vou faze-lo... Sobretudo o mais, ha livros! Faltava este, e enfeito-me eu com a honraria de fechar a porta.

Não se esqueça de me ir mandando as folhinhas avulsas que lhe mandei, e de reparar tambem n'aquéla carta cheias de setes, pois não sei se lá estará algum que escapasse das folhinhas avulsas..

Então, Argus não tem 7 olhos?! Que me importa a mim o que dizem os sabios?! Eu n'isto dou muito mais pelo João-correio, e a esse é que eu peço que consulte, ou a outro que tal.. Tambem a Fama não tinha 7 boccas para os sabios, tinha-as para o Povo..

Olhe que o conto dos 7 lobos a comerem a abelha, é muito bonito! Eu acho-o, e aquillo ha de ter a sua philosophia. Mas como foi capaz, minha amiga, de metter tudo n'aquella follinha? Se puder fazer os outros com a mesma precisão, n'aquelle espaço, é quanto basta! E' admiravel. Nem Tacito era capaz de tal concisão e de tamanha clareza!

..E se em vez de dar as *poesias* (xacaras...) eu as descrevesse como V. fez?! Mas eu saberia fazer aquillo tão bem com V. fez na *D. Sylvana?* Que diz a isto? Descrever a xacara á sua maneira, e dar só o texto em verso na passagem onde entrasse o

Senhor Sete. Seria talvez mais pittoresco... Mas seria mais util para o livro?..»

Em 18 de Janeiro escrevia-me:

«Que rico serão, hontem á noite! Tirei o peitinho de miserias, dei-lhe um fartote de prazer como tem tido poucos! Imagine eu ao cavaco com a Mamã [1] desde as 7 1/2 até depois da meia noite! Lembrava-me dos que á mesma hora estavam em S. Carlos, e tinha dó d'elles! Pobres pelintras! Não lhe digo mais nada. —.. Só que não encarreirámos o *Generardo* todo! Elle como é, ó bibliothecasinha de coisas lindas?—E o conto dos *7 cabellos d'oiro do diabo?*

—«Rainha da Hungria não pare nem cria, teve sete num dia». Isto que será?

—Tambem não encarreirámos com a outra: Sete fadas me fadaram. No ventre de madre seria, etc.—O jogo dos 3 setes (de cartas) como é?—E a dos *matadores* ao dominó?—Certas mèzinhas são formadas de 7 folhas de varias hervas medicinaes. E isto?» etc., etc.

Mas tudo tem fim. Em 10 de Fevereiro escrevia-me desalentado em carta, o amigo do *senhor sete:*

«..O *Senhor Sete* não tem remedio senão mudar de casa... Ah! minha amiga, como isto da imprensa é horroroso, visto por dentro! Já hoje não saíram os *Echos*, e não tornarão mais a sair em similhante jornal.. De resto, felizmente, eu tenho todos os jornaes á minha disposição, porque são todos meus amigos, e em toda a parte me receberão, e ao Senhor Sete, de braços abertos..»

Dera-se o incidente que determinou a saída de T. Coelho da redacção do *Reporter*,—e nesta carta e na seguinte me fez elle um curiosissimo relato dos factos, em que nada tem a lucrar cousas e pessoas do moderno jornalismo e da litteratura; apenas extráio o seguinte tre-

---

[1] [Trindade Coelho refere-se a D. Maria José Furtado de Mendonça, cujo nome já acima foi citado: preclara Senhora, que com a graça e prontidão com que poetava, com essas mesmas exercia as maiores virtudes, e que dotada, alem d'isso, de grande memoria, cativava quantos ouviam a sua conversação intructiva e agradavel.—J. L. DE V.].

cho da sua longa carta de 14 de Fevereiro (3 grandes folhas), abstendo-me de dar publicidade a outros, bem mais interessantes, onde elle me descrevia as evoluções e cambiantes de um grande diario da capital:

«..ha males que vêm por bem: reputo-me contente e indemnizado.. pelas amabilidades com que toda a imprensa cobriu a minha sahida do *Reporter*. Não me faltaram logo portas a abrirem-se deante de mim; e entre ellas as da *Tarde*, a pedido do João Franco e do Urbano de Castro. Mas disse-lhes que não podia, que antes d'elles, um collega me fallara, etc.

«E' *O Jornal*, na mesma casa do *Reporter*, e até no mesmo andar: o *Reporter* é do lado direito: *O Jornal*, do lado esquerdo. Para alli irei com o Senhor Sete, pelo menos emquanto durar este até ás ferias do verão..

«Agora estou a arranjar o *In illo tempore*, que deve estar prompo por estes 8 dias. Depois, vou á 3.ª edição dos *Meus amores*, e depois então volto a esse *regalo d'inferno* que se chama o jornalismo diario».

Não sei se realmente o illustre escriptor passou para *O Jornal*, e lá continuou a exhibir o senhor sete. Sei que ulteriormente o continuou na *Tradição* [1], mas a esse tempo haviam já cessado as minhas relações literarias com Trindade Coelho, e perdi-o de vista e aos *setes*. Cousas da vida.

Que eu saiba, porém, nunca chegou a pôr em pratica essa ideia, que tão alvoraçadamente me annunciára em uma das suas primeiras cartas:

«Estão todos os livros feitos, quero eu enfeitar-me com a honraria de fechar a porta, fazendo o livro dos setes».

Eis como se formou a collecção de cantigas, que, em grupos de tres, se encontram no *Reporter* de 4 de Novembro de 1896 por diante, e dos outros *setes* que esmaltam o mesmo jornal, até 9 de Fevereiro de 1897.

A pedido do redactor da *Revista Lusitana* são essas cantigas aqui reeditadas; e eu entendi que devia juntar-lhes a sua veridica historia.

---

[1] Cfr. *Revista Lusitana*, VI, 191-192, e VII, 155.

II

Cantigas populares em que entra o numero «7»

1.

O meu amor, coitadinho,
Inda hoje não comeu nada!
Comeu sete pães á ceia,
Dois alguidares de salada!

2.

O' que ranchinho de sete,
Bem pudera ser de nove!
Bem pudera quem é rico
Repartir com quem é pobre!

3.

Jesus, Maria, José,
Muita mentira se diz!
Afogarem-se sete homens
Dentro d'um almofariz!

4.

O' vida da minha vida,
Ha sete vidas sou tua:
Não o digas a ninguem,
Nem ás pedrinhas da rua.

5.

Ha sete annos a buscar-te,
O' querida Marianinha,
Sem te poder encontrar...
Sempre foi desgraça minha!

6.

Adeus, largo da Avenida,
Rua das sete janellas;
Oh! quem fora passarinho
Que morára numa d'ellas!

7.

Mariana diz que tem
Sete lenços de assoar;
Rompe, rompe, Mariana,
Caixeirinho ha de pagar.

8.

Mariana diz que tem
Sete saias de balão,
Que lh'as deu um caixeirinho
Da gaveta do patrão.

9.

Na fonte das sete bicas
E' que eu matei minha sede,
Onde me deitaste o laço;
Mas eu não fiquei na rede!

10.

Eu casei-me c'uma velha
Que até usava de touca;
Era canêja das pernas,
Com sete palmos de boca.

11.

Eu casei-me c'uma velha
Por causa da filharada;
Lá ao fim de sete meses
Teve dez d'uma ninhada!

12.

Sete vezes fui casado,
Sete mulheres conheci;
Pois, amor da minha alma,
Inda estou como nasci!

13.

Fui-me contar ás avessas
As pedras d'uma columna:
Oito, sete, seis e cinco,
Quatro, tres, duas e uma.

14.

Sete annos andei na guerra,
Muita batalha venci;
Sempre das balas ausente,
Inda estou como nasci.

15.

As grades do Limoeiro
São sete, que eu as contei;
Tres de ferro, tres de bronze
E uma d'oiro, que é do rei.

16.

Sete milhões de diabos
Eram p'ra mais, não p'ra menos,
Sem contar com batalhões
De diabitos pequenos [1].

17.

A flor que da cinza nasce
A todo o mundo espanta:
De sete manas que eram
Só uma é que foi santa [2].

18.

Correm no ceu sete nuvens,
Eu bem as vejo d'aqui:

---

[1] Creio ser esta quadra um fragmento de conto, ou romance popular.
[2] Adivinha, allusiva á quaresma e semana santa.

Não vejo o amor ha sete annos
— E inda hontem o vi! —

19.

Com tres pernadinhas d'aipo
E outras sete de *argibento,*
Faz-se mudar o amor
E conseguir o intento [1].

20.

Eu fui a deitar de môlho
Sete pernadas de arruda
Para te dar a beber
E ver se te tenho segura [2].

21.

Eu quero-te, e não t'o digo,
Bem me podes entender,
Nestes setes que te faço
O que te quero dizer.

22.

Lá te mandei um raminho
De sete rosas iguaes;
No meio ia um suspiro
De muito que me lembraes.

23.

Escrevi-te sete cartas
Com letra miuda e grave,
Para que os nossos intentos
Se aviem com brevidade.

---

[1] Allude-se talvez á composição de algum philtro, nesta e na seguinte cantigas. A arruda é uma das hervas mirificas; o *argibento* é a *verbena officinalis.*

[2] Vide a nota anterior.

24.

Abana, casaca, abana,
Abana, não tenhas dó;
Sete casacas eu tenho
Em casa de minha avó.

25.

Eu tenho sete casacos
Todos elles de filó,
Fechados a sete chaves
Em casa de minha avó.

26.

Quatro com tres são sete,
Meu amor já sei contar;
Já me enganaste uma vez,
Não me tornas a enganar.

27.

Sete silvas em meu peito
Fizeram sociedade:
Todas sete me prenderam,
Só uma foi de vontade.

28.

Eu tenho sete lencinhos,
Todos sete são de linho,
Tambem tenho sete amores,
Só um é o meu bemzinho.

29.

Algum dia, por te ver,
Saltava sete quintaes;
Agora por te não ver,
Salto vinte, que são mais.

30.

Eu tenho sete colletes,
Todos elles bem talhados;
Tambem tenho sete amores,
E trago seis enganados.

31.

Sete e sete são quatorze,
São duas contas iguaes;
As mocinhas de servir,
São tão boas como as mais.

32.

Mariana diz que tem
Sete saias de cambraia;
Mariana mentirosa,
Que não tem nem uma saia!

33.

Mariana diz que tem
Sete saias de velludo;
Rompe, rompe, Mariana,
Que o dinheiro paga tudo.

34.

Mariana diz que tem
Sete saias de filó;
Mariana, mentirosa,
Que não tem nem uma só!

35.

Mariana diz que tem
Sete saias de setim,
Que lh'as deu um caixeirinho
A' saída d'um jardim.

36.

Sete palavras me deste,
Outras sete me queres dar;
Com ellas tu me enganaste,
Com ellas queres-me enganar.

37.

Tres vezes nove vinte e sete,
Mais amores tenho eu;
Quantos mais tenho mais quero,
Foi fado que Deus me deu.

38.

És sete vezes ingrato,
Ingrato e enganador;
Sete vezes me enganaste
Com palavrinhas de amor.

39.

Sete raios tem o sol,
Hei-de me lá ir sentar,
Para de lá perceber
A quem tu queres amar.

40.

Eu tenho no meu jardim
Sete rosas em botão,
Para dar ao meu amor,
Quando for ao dar da mão.

41.

Em sete portas de ceu
Hei de mandar escrever;
Só ás estrellas confio
Amizade e bem querer.

42.

A morte tem sete aneis
Que a todo o mundo brindou;
E foi sempre tão cruel
Que até a Christo matou.

43.

Fui a sete juramentos,
Sempre jurei a verdade;
Se te quero bem ou não,
Deus do ceu é quem o sabe.

44.

Não te quero para mim,
Podes d'ahi descansar;
Nem que tu dês sete voltas,
Comigo has de casar.

45.

Sou a mãe de sete rosas
Que tenho no meu caixão;
Escolhe entre todas ellas,
Tens agora occasião.

46.

Sete flores de qualidades
Eu tenho no meu jardim;
A mais linda dellas todas
Tenho-a guardada p'ra ti.

47.

Sete prendas, doce encanto,
Por ti soffro o meu degredo;
Ainda que a morte venha,
Hei de te amar sem ter medo.

48.

Dizeis que não pode ser
Ter o amor repartido;
Eu bebo em sete fontes,
Só numa tenho o sentido.

49.

Quem me dera ver um bem
Trinta dias cada mês,
Sete dias na semana,
Em cada instante uma vez!

50.

Lá te mandei um raminho
De sete amoras, que é luto;
A do meio ia dizendo:
—Meu amor, quero-te muito.

51.

Sete ratos num celleiro,
Sete pobres num palheiro;
Anda cá minha menina,
Que te quero dar dinheiro.

52.

Já o ceu não tem estrellas,
Só tem sete, a um cantinho;
É a estrada do amor
Que não tem outro caminho.

53.

O setestrello vae alto,
Mais alto vae o luar;
Mais alta vae a ventura
Que Deus tem para me dar.

54.

O setestrello caiu
No espelho da viola;
Compadeça-se, menina,
Deste rapaz que a adora.

55.

O setestrello vae alto,
A lua já embarcou;
Abra-me a porta, menina,
Que ha sete horas que aqui 'stou.

56.

O setestrello vae alto,
Vae direito á Trindade;
Oh! quem dormira um soninho
No teu collo em liberdade!

57.

O setestrello nasceu
Virado para o poente;
Oh! quem dormira um soninho
Comtigo, rosa innocente!

58.

O setestrello caiu
No meio do meu regaço;
Não faças caso de mim,
Que eu de ti já o não faço.

59.

Setestrello, que rondaes
Lá por esse Douro fora,
Recolhe-te, ó setestrello,
Que eu quero rondar agora.

60.

O setestrello vae alto
Na cobertura do ceu;
Em tudo és do meu gosto,
Até no pôr do chapeu.

61.

Setestrello que rondaes
De noite, nessas alturas,
Dae-me novas do meu bem,
Que eu d'elle não sei nenhumas.

62.

O setestrello vae alto,
Vae alto, que eu bem o vi;
Quando me for desta terra,
Não me despeço de ti.

63.

Eu hei de me ir assentar
No setestrello da lua;
Ella mesma vae dizendo:
—Descansa, amor, que sou tua.

64.

O setestrello vae alto,
Menina, vá-se deitar,
Que eu vou fazer o mesmo,
Pois temos de madrugar.

65.

Setestrello vae em pino,
A lua já vae tombada;
As ovelhas de meu amo
Não querem tomar malhada.

66.

O setestrello caiu
Mesmo á beirinha do tanque,
Quem vem aqui p'ra te ver,
Já te tem amor bastante!

67.

Setestrello vae em pino,
A lua já empinou;
Diga-me, ó minha menina,
A que horas se deitou.

68.

Setestrello vae em pino,
A lua de banda em banda;
Quem me dera adivinhar
Quem no teu sentido anda!

69.

Setestrello, setestrello,
Que passeias lá no ceu;
Se me deixas, setestrello,
De paixão me mato eu.

70.

O setestrello caiu
No espelho do taboado;
Desengane o seu amor,
Não o traga enganado.

71.

O setestrello gabou-se
Que me havia de enganar,
De noite pelo escuro
Ou então pelo luar.

72.

O setestrello gabou-se
Que me enganou uma vez;
De noite, pelo escuro...
Olha o milagre que fez!

73.

Perguntae ao setestrello
Que é magano e sabe ler,
Em que pontos vae a lua
Quando quer amanhecer.

74.

Perguntae ao setestrello,
Que é magano e sabe tudo,
Em que pontos vae a lua
Quando quer fazer escuro.

75.

O setestrello tem sete,
Vós, menina, tendes duas;
Allumiam mais as vossas
Que o setestrello as suas.

76.

O setestrello caiu
Na assucena do jardim;
Compadeça-se, menina,
De quem 'stá ao pé de si.

77.

O setestrello gabou-se
Que me havia de enganar;
Logo que elle me avisou,
Bem me posso acautellar.

78.

Setestrello vae em pino,
O cajado [1] vae virando;
As ovelhinhas de Deus
A volta que vão levando!

79.

Setestrello, que rondaes
Lá para as bandas d'Hespanha,
Leva-me lá um recado,
Dize ao meu amor que venha.

80.

Setestrello que rondaes
Para as bandas do Mondego,
Dize ao meu amor que venha,
E já não é muito cedo!

81.

Setestrello que rondaes
Lá pela Villa Garcia,
Leva-me lá uma carta
A' minha mana Maria.

82.

Se o setestrello fallasse,
Elle diria o que viu,
A quantos beijos e abraços
O setestrello assistiu.

83.

O setestrello cahiu
No adro de Taboaço;
Eu nunca fiz em ninguem
A firmeza que em ti faço.

---

[1] Constellação.

84.

O setestrello caiu
No espelho de Taboaço;
Não faças conta de mim,
Que eu de ti já a não faço.

85.

O' setestrello airosinho
Cortejado de Cupido,
Perguntae áquelle ingrato
Porque não falla comigo.

86.

O setestrello caiu
Numa pedra, ficou coxo;
O lirio, com sentimento,
Logo se vestiu de roxo.

87.

Sete mil vezes te eu quero,
Setecentas eu te adoro,
Setenta mil te venero,
Setecentas por ti morro.

88.

Ha tres dias que não janto,
Ha cinco que não almoço,
Ha sete que te não fallo,
Meu amor, porque não posso.

89.

Meu anel de sete pedras,
Salta fora do meu dedo,
Que tu foste o causador
De eu ter amores tão cedo.

90.

Anel de sete pedrinhas
Ao meu dedo não ha de ir,
Que eu já ando diffamada
Das criadas de servir.

91.

Um anel de sete pedras
Ninguem o tem como eu;
Inda que meu pae me mate
Hei de amar a quem m'o deu.

92.

Eu tenho sete colletes
Todos elles bem forrados;
Tambem tenho sete amores,
Todos sete bem formados.

93.

Eu tenho sete navios,
Todos sete com varandas;
Hei-de subir á mais alta
Para ver onde tu andas.

94.

Meu anel de sete pedras,
Meu anel de pedraria;
Onde o amor põe o ramo,
Não póde haver cobardia.

95.

Sete e sete são quatorze,
Cada junta tem dois bois;
Quem me dera uns olhos negros
Como são aquelles dois!

96.

Sete voltas dei ao mundo,
Para ir casar comtigo;
Lá ao fim das sete voltas
Dei um ai, dei um suspiro.

Rapa, Dezembro — 1911.

MARIA ANGELICA FURTADO DE MENDONÇA.

MISCELLANEA

Rogerio Bacon

A proposito de Rogerio Bacon, o frade inglês a quem cognominaram de *doutor admiravel*, e se atribue, entre outras, a invenção da polvora, lê-se o seguinte a folh. 243 v. do codice n.º 94 da Bibliotheca Nacional de Lisboa, o mesmo donde extrahi os Milagres de Santo Antonio que se publicarão nesta *Revista* noutro logar:

«E este geeral frey Jeronimo do conselho de muytos fraires. comdepnou e reprovou a doctrina. de frey Rogeiro Bacom de Inglaterra meestre em a samta theologia. Em na qual se comtinha alugũas novidades sospeitosas. Por as quaes o dito frey Rogeiro foy comdenado e reteudo em carcer mandando a todollos fraires que nom no tevesse nehũu Mais que o esquivassem asy como cousa reprovada por a ordem E ainda sobrello espreveo [1] ao papa Nicolaao já dito. que por a sua autoridade aquella doctrina tam pirigosa de todo em todo fosse rasgada».

J. J. NUNES.

Sôbre dois ditados que se completam um ao outro

Nas PALESTRAS FILOLÓJICAS, pág. 97-99, refere-se o sr. A. R. Gonçalves Viana a um ditado que no país corre sob formas várias, e que Bluteau citou assim:

Manhã ruiva, ou vento ou chu(i)*va*

É êste ditado metade de um prognóstico do tempo; a ela e à outra metade me referirei.

O sr. A. R. Gonçalves Viana menciona a previsão completa em castelhano, vasconço, inglês e francês.

---

[1] Entenda-se *escreveo*.

Reproduzo:

— *Arreboles de la mañana á la noche son agua, arreboles de la noche á la mañana son soles.*

— *Goiz gorriac dacarque urí, arrats gorriac eder aldí* — «manhã vermelha traz chuva; tarde vermelha, bonito tempo».

— *Red morning, sailor's warning; red night, sailor's delight* — «manhã vermelha, aviso ao marinheiro; noute vermelha, regalo do marinheiro».

— *Rouge au soir et blanc le matin, c'est la journée du pèlerin* — «o dia para o romeiro há de ser vermelho à tarde e branco de manhã».

Ajunte-se a mesma previsão em galego:

— *Arreboles de sol posto é señal de tempo enxoito; arreboles de sol levantado é señal de tempo mollado.* [In BOLETIM DE LA REAL ACADEMIA GALLEGA, ano VI, p. 254].

Na ENCICLOPÉDIA DE APLICAÇÕES USUAIS, de João Bonança (Lisboa, 1903), pág. 464, vemos:

— *Arrebóis de manhã trazem água à noite; arrebóis à noite trazem sol de manhã.*

Neste mesmo livro, m. pág., se encontram duas variantes do ditado que no comêço dêste escrito se aponta; são elas:

— *Aurora ruiva ou vento ou chuva*

— *Barra roixa em sol nascente, água em três dias não mente.*

Tenho eu apontamento estas variantes do mesmo ditado:

Vermelho ao nascente
chuva de repente. [Perre (Viana-do-Castelo)].

Nuvens ao nascente
chuva de repente. (Monção).

Ruivos ao nascente
chuva de repente. [Ancora (Caminha)].

A segunda parte da previsão é formulada noutro ditado que completa o atrás escrito, mas de uso independente.

É:

Vermelho ao mar
velhas a assoalhar. (Viana).

Vermelho ao mar
vão-se as velhas assoalhar. [Perre (Viana)].

Viana-do-Castelo, março de 1912.

CLÁUDIO BASTO.

CHRONICA

As novas Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra e Lisboa tem as seguintes secções:

a) Philologia classica,
b) Philologia romanica,
c) Philologia germanica,
d) Sciencias historicas e geographicas,
e) Philosophia,

e cursos anexos de sanscrito, de hebreu, e de arabe.

Os assuntos de que a *Revista Lusitana* especialmente se occupa estão representados nas Faculdades não só pelas mencionadas secções de Philologia, mas, na secção de Sciencias historicas e geographicas, pela cadeira de Ethnologia, e na secção de Philosophia pela de Esthetica.

É com a maior satisfação que se registam aqui estes factos.

*

A Senhora Doutora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que fôra nomeada professora de Philologia Germanica da Faculdade de Letras de Lisboa, foi transferida para a Faculdade de Letras de Coimbra, para ahi, em comissão, reger uma cadeira de Philologia romanica. A este proposito lê-se no *Diario de Noticias* de 20 de Janeiro de 1912: «*Noticias de Coimbra*, Janeiro, 19. — O ilustre reitor da Universidade, sr. dr. Mendes dos Remedios, apresentou hoje a distinta professora sr.ª D. Carolina Michaëlis á academia, na sala dos actos grandes, onde compareceram muitos lentes e estudantes. Fizeram o elogio da referida professora os srs. drs. Mendes dos Remedios, e Garcia de Vasconcellos, director da Faculdade de Letras, a aluna sr.ª D. Regina Quintanilha, e um academico da mesma faculdade, agradecendo a sr.ª D. Carolina Michaëlis comovidamente a homenagem que lhe prestavam. Á saida da sala os academicos saudaram a ilustre professora com bravos e muitas palmas».

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

VARIA QVAEDAM

—*Petit vocabulaire des mots de la langue française d'importation hispano-portugaise*, por A. Marre, Chalon-sur-Saône, imprensa de Bertrand, 1910, 8.º, 68 pag.

—Rennert (H. A.), *The Spanish Pastoral Romances*. (Publications of the University of Pennsylvania. Series in Romanic Languages and Literatures, Extra-Series, n.º 1). Philadelphia, 1912. 8.º, 206 pag.

—Mayo (Isa Fyvie), *Old Stories and Sayings of Southern Europe, France, Portugal, Spain, Italy, Turkey, Greece, the Balkans, etc.* London, Daniel, 1912. 12.º, 72 pag.

—A. Farinelli, *Marrano*. Florença 1911, 555 pag.

—J. Keating, *Phraseologia popular franco-portugueza e vice-versa*. Lisboa, s. d., in-8.º peq., 80 pag.

—Ricardo Severo, *Origens da nacionalidade portugueza*. Lisboa, 1912, in-8.º, 54 pag.

—Vergílio Correia, *Velhos teares do concelho de Coimbra*, Lisboa, 1912, 12 pag., com gravuras.

J. L. DE V.

ERRATA DO VOL. XIV DA «REVISTA LUSITANA»

Pag. 245: entre as linhas 5 e 6 da pag. 243 deveriam estar as linhas 7 a 12 da pag. 243.

la-
de

a-
n-
2.

u-
s,

ce-

a,

a,

12